

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E  
AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA**

**Fabício Nepomuceno Bicalho Santos**

**Um estudo de caso sobre a violência escolar em uma instituição pública  
estadual do interior de Minas Gerais**

Juiz de Fora

2019

**Fabício Nepomuceno Bicalho Santos**

**Um estudo de caso sobre a violência escolar em uma instituição pública  
estadual do interior de Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Universidade Federal de Juiz de Fora, para obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Área de concentração: Gestão e Avaliação da Educação Pública

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Magrone

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Fabrício Nepomuceno Bicalho.

Um estudo de caso sobre a violência escolar em uma instituição pública estadual do interior de Minas Gerais / Fabrício Nepomuceno Bicalho Santos. -- 2019.

137 f.

Orientador: Eduardo Magrone

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Clima Escolar. 2. Violência Escolar. 3. Gestão Escolar. I. Magrone, Eduardo , orient. II. Título.

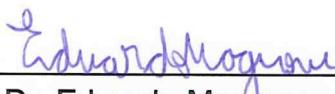
**Fabício Nepomuceno Bicalho Santos**

**Um estudo de caso sobre a violência escolar em uma instituição pública  
estadual do interior de Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Área de concentração: Gestão e Avaliação da Educação Pública.

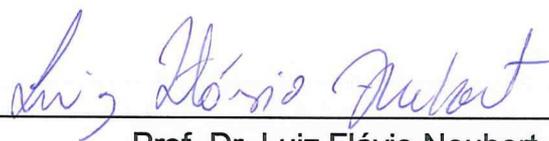
Aprovada em 09 de dezembro de 2019

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Eduardo Magrone - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof. Dr. Iverson Geraldo da Silva  
Prefeitura de Juiz de Fora

Dedico esse trabalho aos meus pais, José Sudário e Sueli, por não medirem esforços para educar com amor os seus quatro filhos, educando nos princípios da honestidade e caráter, nos dando asas para que alcancemos voos cada vez mais altos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, pela saúde física e mental, para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida.

Agradeço aos meus pais, que são os pilares de sustentação da minha vida. Dedico a eles esta vitória. Aos meus irmãos, Frederico, Filipe e Fernando, agradeço por serem sempre exemplos de profissionalismo e dedicação em tudo o que fazem.

Agradeço, também, à minha esposa e companheira Simone, pelos cuidados e incentivos diários, e a meus filhos, Heitor e Helena, pelo amor e por me darem vontade de ser cada dia melhor, pois sei que, para eles, sou exemplo.

Não devo me esquecer de agradecer à República Pasárgada, por ser escola da vida, e à Universidade Federal de Ouro Preto, pela qualidade de formação, em especial às professoras Maria Cristina Rosa e Siomara Silva, que despertaram, em mim, o desejo de continuar na docência.

Não poderia deixar de agradecer à Escola Estadual Professora Daura de Carvalho Neto e a seus funcionários, pelo trabalho diário e pela disponibilidade de dados para essa pesquisa. Agradeço, também, ao estado de Minas Gerais, pela oportunidade de formação continuada.

E, por fim, agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo ensino gratuito e de qualidade. Em especial, agradeço a meu orientador Professor Doutor Eduardo Magrone pela orientação e ao suporte de orientação Vitor Figueiredo pelas inúmeras correções e conversas realizadas durante a pesquisa. Além deles, agradeço aos meus colegas do mestrado da Turma de 2017, em especial Suzane, Ana Terra, Gleidson, Dário, Márcia e Klebson, pela amizade e apoio acadêmico.

Sem a participação e o apoio de vocês, esta pesquisa não teria sido possível. A todos, a minha gratidão!

Grandes poderes trazem grandes responsabilidades.  
(HOMEM ARANHA, 2002, cap.3).

## RESUMO

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). O caso de gestão estudado apresenta uma análise do clima escolar de uma instituição escolar de Minas Gerais, na qual os índices de violência são preocupantes, principalmente após o aumento do atendimento escolar, já que a instituição, que recebia somente alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, passou a atender, a partir do ano de 2017, os alunos dos anos finais do ensino fundamental. Neste sentido, elegemos, para este estudo, as seguintes questões norteadoras: que fatores estariam promovendo a elevação da violência escolar na Escola Estadual Paulo Freire e por que as medidas de contenção da violência não surtiram efeito? O objetivo geral definido para este estudo é: descrever o contexto da Escola Estadual Paulo Freire, com foco no quantitativo de registros de atos violentos ocorridos na instituição, para compreender como esse fato ocorre no ambiente escolar e propor novas ações de combate ao problema analisado. Em consonância ao proposto no objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos para esta dissertação: i) descrever o problema do caso de gestão, mais especificamente a deterioração do clima escolar e os índices de violência escolar registrados no Brasil, em Minas Gerais, e, principalmente, na Escola Estadual Paulo Freire; ii) analisar os fatores que contribuíram para o aumento da violência escolar; e iii) propor ações que contribuam para a melhoria do clima escolar e para o combate à violência dentro da instituição de ensino. Para tanto, utilizaremos, como referencial teórico, os estudos de Abramovay e Rua (2002), Stelko-Pereira e Williams (2010), Dias-da-Silva e Fenández (2006), Moro *et al.* (2017). Além de outros autores que contribuem para o entendimento de clima escolar e violência escolar. Já como metodologia, este estudo utiliza a abordagem qualitativa, a ser realizada a partir de um estudo de caso. Como instrumentos, foi realizada uma análise documental, tendo sido aplicados questionários aos alunos da instituição de ensino pesquisada e entrevistas com professores. Considerando os dados apresentados, pode-se inferir que a violência escolar deve ser combatida através de todas as possibilidades e parcerias possíveis. Como alternativas de solução deste fenômeno da violência escolar,

estão: a mediação escolar, a criação de um grêmio estudantil para dar vozes aos alunos e um projeto de perspectiva de vida, o qual valoriza o aluno individualmente.

Palavras-Chave: Clima Escolar. Violência Escolar. Gestão Escolar.

## ABSTRACT

This dissertation is developed within the scope of the Professional Master in Management and Evaluation of Education of the Center for Public Policy and Evaluation of Education of the Federal University of Juiz de Fora (CAEd/ UFJF). The management case studied presents an analysis of the school climate of a school institution in Minas Gerais in which violence rates are worrying, especially after the increase in school attendance, since the institution, which only received students from the early years of elementary school, started to attend, from 2017, the students of the final years of elementary school. In this sense, we chose for this study the following guiding questions: what factors would be promoting the rise of school violence at Paulo Freire State School and why the measures to contain violence did not have effect? The general objective defined for this study is to describe the context of Paulo Freire State School, focusing on the quantity of records of violent acts that occurred in the institution to understand how this fact occurs in the school environment and to propose new actions to combat the problem analyzed. In line with the proposed general objective, the following specific objectives were established for this dissertation: i) describe the problem of the management case, more specifically the deterioration of the school climate and the school violence rates recorded in Brazil, Minas Gerais and, mainly at Paulo Freire State School; ii) analyze the factors that contributed to the increase of school violence; and iii) propose actions that contribute to the improvement of the school climate and to the fight against violence within the educational institution. For this, we will use, as theoretical reference, the studies by Abramovay and Rua (2002), Stelko-Pereira and Williams (2010), Fenández (2005), Moro *et al* (2017) and others that contribute to the understanding of school climate and school violence. As a methodology, this study uses the qualitative approach to be performed from a case study, and as instruments was performed a document analysis and questionnaires were applied to the students of the researched educational institution and interviews with teachers. Considering the data presented, it can be inferred that school violence must be combated through all possible possibilities and partnerships, as an alternative solution to this phenomenon of school violence, are school mediation, the creation of a student

union to give voice to students and a life perspective project, which will value the student individually.

Keywords: School Climate. School violence. School management.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Classificação da Violência Escolar.....	25
Quadro 2 – Ações de combate à violência nas escolas de Minas Gerais .....	29
Figura 1 – Esquema sobre o conceito da Violência Escolar .....	31
Figura 2 – Dimensões do clima escolar .....	36
Figura 3 – Evolução Populacional do município de Ouro Preto/MG – .....	39
Gráfico 1 – Minha Escola tem um bom clima escolar.....	83
Quadro 3 – Quadro de servidores da Escola Estadual Paulo Freire (2018).....	44
Gráfico 2 – Já presenciei agressão física na escola.....	84
Gráfico 3 – A equipe gestora consegue resolver todos os problemas escolas. ...	86
Gráfico 4 – Sei quais são as punições escolares nos casos de violência escolar .....	90
Gráfico 5 – Até que série sua mãe/pai ou responsável por você estudou?.....	93
Gráfico 6 – O que penso em fazer depois de concluir o ensino médio. ....	94
Gráfico 7 – A equipe gestora da escola só toma suas decisões depois de ouvir outros atores escolares .....	98
Quadro 4 – A ferramenta 5W2H.....	104
Quadro 5 – Criação do Grêmio Estudantil .....	108
Quadro 6 – Criação Regras Escolares Coletivas .....	108
Quadro 7 – Projeto Perspectiva de Vida .....	110
Quadro 8 – Mediação Escolar .....	115
Quadro 9 – Padronização dos Registros das Ocorrências e Advertências .....	117
Quadro 10 – Rede de Apoio .....	120

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alunos Atendidos no Distrito de Antônio Pereira por Escola e Segmento de Ensino (2018) .....	43
Tabela 2 - Rendimento Escolar dos alunos da Escola Estadual Paulo Freire .....	48
Tabela 3 - Dados sobre violência escolar registrados na Escola Estadual Paulo Freire, por tipo (2015-2017).....	52
Tabela 4 - Dados sobre Violência Escolar obtidos em registros de boletins de ocorrência policial (2015-2017) .....	53
Tabela 5 - Violência no ano de 2017 por nível de ensino.....	54
Tabela 6 - Ações de combate à violência realizadas pela gestão (2015 - 2017) ...	57
Tabela 7 - Reincidência das situações de violência na Escola Estadual Paulo Freire no ano de 2017 (Anos Finais do Ensino Fundamental) .....	59
Tabela 8 - Casos de violência registrados nos livros de ocorrência da escola, por categoria (2017-2019) .....	76

## LISTA DE SIGLAS

APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo
CADEG	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CAPSI	Centro de Atenção Psicossocial
CEB	Câmara de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONSED	Conselho Nacional de Secretários de Educação
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Referência Especializado de Assistência Social
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FLACSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OEI	Organização dos Estados Interamericanos
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PISA	Programme for International Student Assessment
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGP	Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROERD	Programa Educacional de Resistência a Drogas e a Violência
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEE	Secretaria de Estado da Educação
SEJUSP	Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública
SSPMG	Secretaria de Estado de Segurança Pública de Minas Gerais
SRE	Superintendência Regional de Ensino

TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>DAS INCIVILIDADES À VIOLÊNCIA: A GESTÃO DO CLIMA ESCOLAR EM UMA UNIDADE DE ENSINO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS.....</b>	<b>20</b>
2.1	A VIOLÊNCIA ESCOLAR E AS SUAS VARIÁVEIS NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS .....	21
<b>2.1.1</b>	<b>A violência escolar em Minas Gerais.....</b>	<b>28</b>
2.2	CLIMA ESCOLAR.....	32
2.3	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE.....	38
2.4	A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE .....	50
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DO CLIMA ESCOLAR NA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE.....</b>	<b>62</b>
3.1	REFERENCIAL TEÓRICO .....	62
<b>3.1.1</b>	<b>A violência no ambiente escolar .....</b>	<b>64</b>
<b>3.1.2</b>	<b>O clima escolar e a gestão do conflito .....</b>	<b>66</b>
3.2	METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	72
3.3	PESQUISA DOCUMENTAL .....	76
<b>3.3.1</b>	<b>Violência na Escola .....</b>	<b>80</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Violência contra a escola .....</b>	<b>88</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Violência da Escola .....</b>	<b>96</b>
3.4	CONSIDERAÇÕES PARA O PLANO DE INTERVENÇÃO.....	101
<b>4</b>	<b>PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL .....</b>	<b>103</b>
4.1	PROPOSTAS DE AÇÕES PARA ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS NA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE .....	105
<b>4.1.1</b>	<b>Criação do Grêmio Estudantil e das Regras Escolares Coletivas ....</b>	<b>106</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Projeto Perspectiva de Vida.....</b>	<b>109</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Mediação Escolar e Padronização dos Registros .....</b>	<b>113</b>
<b>4.1.4</b>	<b>Rede de Proteção e Apoio .....</b>	<b>117</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>125</b>
	<b>APÊNDICE A- Questionário aplicado a alunos .....</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE B - Roteiro de entrevista pra professor.....</b>	<b>137</b>

<b>APÊNDICE C- Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>139</b>
<b>APÊNDICE D – Formulário de registros de violência escolar .....</b>	<b>142</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pela educação pública é a ocorrência de diferentes (e frequentes) tipos de violência no interior das escolas. Esta situação é mais uma manifestação de um grave e crescente problema social (a violência), que vem atingindo um ambiente dedicado à aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos.

Ao longo das últimas duas décadas (1988-2018), notou-se que o número de casos de violência, ocorridos dentro das escolas, têm crescido a cada ano em todo Brasil. Pesquisas realizadas pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo (APEOESP) e pelo Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Socioeconômicos indicam que, desde a década de 1990, os professores têm enfrentado o crescimento exponencial da violência dentro das escolas. Dados divulgados pelas pesquisas mostram que 51% dos professores foram agredidos verbal ou fisicamente nas escolas em que trabalham. Há três anos, em 2016, o índice era de 44% (HERGESEL, 2005).

Em estudos feitos pelo Instituto Locomotiva<sup>1</sup>, a pedido do APEOESP, foi constatado que os pais e alunos indicaram as drogas, o conflito entre estudantes e a falta de policiamento como as principais causas da violência, enquanto que os professores alertaram para o fato de a educação ofertada em casa (ou a falta dela) ser uma das causas da violência.

Tal assunto tem gerado preocupação nos especialistas em educação e em toda a comunidade escolar, pois a escola deve ser, para o aluno, um lugar de referência, ou seja, um local seguro e prazeroso, no qual ele pode se conhecer, assim como entender os seus próximos e a sociedade em que vive, projetando a forma como deseja atuar no mundo. Se a escola não for um local de referência, qualidade e acolhimento dos alunos, não há condições de formar indivíduos que tenham assegurados os seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, oferecendo a eles uma formação básica, pautada no pluralismo e na cientificidade, indispensável à formação crítica e ao exercício da cidadania, como previsto em lei (BRASIL, 1996).

---

<sup>1</sup> Instituto privado de pesquisa e estratégia que se propõe transformar resultados de pesquisas em conhecimento e estratégia, ampliando as possibilidades das empresas e instituições e contribuindo para a construção de identidade entre elas e seus públicos.

A busca pela qualidade do ensino constitui um dos princípios constitucionais, conforme estabelece o inciso VII, do artigo 206 da Constituição Brasileira. É necessário que a escola seja um espaço que favoreça ao máximo o aprendizado, fazendo com que as pessoas se sintam confortáveis e se reconheçam como pertencentes daquele ambiente. (RIOS, 2011).

Em meu cotidiano, atuei em distintas instituições, onde lidei com desafios diversos relacionados à violência e seus impactos. Atualmente, vivencio este problema diariamente no local onde trabalho como gestor escolar. Por este motivo, a fim de preservar a identidade dos participantes deste estudo de caso, a escola estudada recebeu um nome fictício. Foi denominada, nesta dissertação, de Escola Estadual Paulo Freire.

Como professor e gestor escolar do sistema estadual de ensino de Minas Gerais, tenho percebido e analisado que, ao longo dos anos (2015 a 2017), houve um aumento no número de registros de ocorrências relacionadas à violência na escola estudada. Estas envolvem alunos, pais, professores e gestores. Nessa perspectiva, houve um aumento de pesquisas científicas (dissertações, teses e trabalhos de congressos) sobre este problema nas instituições de ensino brasileiras. Assim, a motivação para este estudo sobre a violência no ambiente educacional surgiu de minha vivência profissional e de minha pretensão de tornar positivo o ambiente da instituição, na qual atuo como gestor, a Escola Estadual Paulo Freire.

A Escola Estadual Paulo Freire está situada no município de Ouro Preto/MG, mais especificamente, no distrito de Antônio Pereira, localizado a 30 quilômetros de sua sede municipal. Ao longo dos últimos anos (2015 - 2017), ela tem convivido com situações de violência, principalmente após o aumento do atendimento escolar da instituição, na qual apenas alunos dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) estudavam. A partir do ano de 2017, passou a receber também alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), o que elevou, de maneira significativa, o número de registros de ocorrências, relacionados a casos de violência, indisciplina, *bullying* e agressões físicas.

Tal situação impossibilita o pleno desenvolvimento dos discentes e a oferta de uma educação de qualidade. Por qualidade, compreendemos a educação cidadã, crítica e participativa na sociedade, por meio da aquisição de habilidades que permitam ao indivíduo interagir positivamente no meio em que vive, tornando

a escola um espaço para aprender conhecimentos que formam um cidadão capaz de atuar e de promover transformações no grupo social a que pertence. (ABREU,1996).

Diante desta realidade, as perguntas norteadoras, definidas para este estudo, são: a) que fatores estariam promovendo a elevação dos casos de violência escolar na Escola Estadual Paulo Freire? b) por que as medidas de contenção da violência não surtiram efeito?

As hipóteses levantadas para o problema deste estudo são: i) ruptura de uma ordem já alcançada; ii) mudança da escola para um bairro mais periférico; iii) deterioração do clima escolar; iv) a entrada de um novo perfil discente.

O objetivo geral definido para este estudo é: descrever o contexto da Escola Estadual Paulo Freire, com foco no quantitativo de registros de atos violentos ocorridos na instituição, de forma a compreender como este fato ocorre no ambiente escolar analisado e propor novas ações de combate ao problema analisado.

Em consonância ao proposto no objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos para esta dissertação: i) descrever o problema do caso de gestão, mais especificamente a deterioração do clima escolar e os índices de violência escolar registrados no Brasil, em Minas Gerais e, principalmente, na Escola Estadual Paulo Freire; ii) analisar os fatores que contribuíram para o aumento da violência escolar; e iii) propor ações que contribuam para a melhoria do clima escolar e para o combate à violência dentro da instituição de ensino.

No que se refere ao referencial teórico deste estudo, é necessário esclarecer a concepção de clima e de violência escolar assumidas nesta dissertação, uma vez que é possível identificar diversas possibilidades de interpretação. Assim sendo, corroboramos com as ideias de Dias-da-Silva e Fernandes (2006), Moro *et al.* (2017), Silva (2006), além de outros que contribuíram para o entendimento do clima escolar. Estes definem o conceito como sendo o conjunto de resultados subjetivos percebidos pelas pessoas, quando interagem com a estrutura formal, bem como o estilo dos administradores escolares, influenciando as atitudes, crenças, valores e motivação dos professores, alunos e funcionários.

No que diz respeito à violência escolar, o aporte teórico desta dissertação parte do pressuposto de que a violência está relacionada ao ambiente escolar, ou

seja, com o clima escolar, que pode ser entendido como uma característica relacionada à diferença de violência entre as escolas, sendo essa concepção embasada nos estudos de autores que tratam de assuntos relacionados à abordagem sobre clima e violência escolar, como: Velho (2000), Sposito (2001), Stelko-Pereira e Williams (2010), Elias (2011), Guedes (2017), Abramovay (2016) e outros que contribuem para a análise do caso de gestão, possibilitando um diálogo entre as concepções e ideias já existentes com os achados da pesquisa.

A metodologia utilizada neste estudo é a qualitativa, por meio de estudo de caso. O objetivo de utilizá-la é o de entender como a realidade é vivenciada pelos sujeitos escolares. Para a pesquisa, serão realizadas análises documentais (atas de reuniões, livros de ocorrências, documentos escolares e diários de classe), aplicação de questionário para alunos e entrevista semiestruturada com professores.

Essa dissertação está organizada em cinco capítulos. No capítulo dois, é feita a apresentação do caso de gestão. Nele, é contextualizado o problema de pesquisa e suas evidências, abordando como problemática o clima escolar e sua relação com a violência na Escola Estadual Paulo Freire. Além disso, apresenta a estrutura organizacional da instituição e grande parte de suas peculiaridades, como: número de alunos e servidores, localização, infraestrutura, organização, dados escolares, entre outras. Ademais, são apresentados, ainda neste capítulo, dados sobre a violência escolar na instituição de ensino analisada, com ênfase no aumento dos registros de casos de violência a partir do ano de 2017.

No capítulo três, apresentamos o referencial teórico desta dissertação e o diálogo com os autores, além da metodologia do estudo, o que inclui a apresentação dos instrumentos de pesquisa e dos eixos de análise. Por fim, neste capítulo, serão ponderados os dados obtidos na pesquisa de campo.

Para finalizar o estudo, no capítulo quatro, apresentamos um Plano de Ação Educacional, fundamentado nas análises realizadas dos dados obtidos na pesquisa. Nele, são propostas de ações que podem auxiliar a gestão na resolução do problema analisado.

## **2 DAS INCIVILIDADES À VIOLÊNCIA: A GESTÃO DO CLIMA ESCOLAR EM UMA UNIDADE DE ENSINO DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS**

O objetivo deste capítulo é descrever o problema do caso de gestão, mais especificamente, a deterioração do clima escolar e os índices de violência escolar registrados no Brasil, em Minas Gerais e, principalmente, na Escola Estadual Paulo Freire, principalmente após a entrada dos alunos dos anos finais do ensino fundamental. Para isso, o capítulo está organizado em quatro seções.

Na primeira, são apresentados os conceitos de violência escolar, além da apresentação da descrição da violência nas escolas públicas brasileiras, com foco em Minas Gerais. Posteriormente, são apresentados os conceitos de clima escolar e as características de um clima positivo e negativo para as escolas e qual a sua influência no que diz respeito ao ambiente escolar.

Na terceira seção, são apresentadas as características da instituição pesquisada, como: dados do distrito no qual a instituição está inserida, o contexto socioeconômico da população, dados da escola, o perfil dos atores; dados de aprendizagem dos alunos, entre outras informações pertinentes ao estudo de caso. O intuito desta seção é apresentar a realidade educacional em que se insere o problema dessa pesquisa. Na quarta seção, são apresentadas as evidências do caso de gestão e a análise sobre o aumento nos casos de violência no ano de 2017. Além disso, são abordadas questões relacionadas à violência na instituição de ensino, além das consequências da cultura escolar violenta e sua relação com a deterioração do clima escolar.

A intenção deste capítulo não é encontrar culpados pela deterioração do clima escolar, pois há vários fatores que contribuem para que isso aconteça. Entretanto, procura-se indicar como e por que o clima escolar negativo influencia a dinâmica das escolas e é influenciado por ela, o que acaba interferindo na qualidade de vida dos alunos e, conseqüentemente, no agravamento da violência escolar.

Essa violência dentro dos muros da escola se constitui em um importante fator para o funcionamento da escola, pois levam à vítima, assim como o autor ou quem percebe e convive com atos de violência a terem um sentimento de insegurança e desconfiança dentro da escola. Como consequência, há a

diminuição do conceito de qualidade da instituição e conseqüente deterioração do clima escolar.

## 2.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR E AS SUAS VARIÁVEIS NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS

A violência nas escolas se configura como um dos problemas que vêm afetando o processo educacional, visto que essa prática não atinge apenas os alunos. Ela afeta, de forma direta ou indireta, todos os profissionais da escola. Elias (2011) define a violência escolar da seguinte forma:

[...] a expressão “violência escolar” engloba uma multiplicidade de práticas heterogêneas que se apresentam juntas, entrelaçadas. É, portanto, uma constelação. Envolve qualquer tipo de violência que ocorra no contexto escolar, com qualquer pessoa ou instituição que tenha vínculo direto ou indireto com a escola. (ELIAS, 2011, p. 11).

Sobre violência, Velho (2000) argumenta que não se limita ao uso da força física, pois a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui em dimensão fundamental de sua natureza, associando-a a uma ideia de poder, quando se enfatiza a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um ator sobre o outro. Assim, a violência está presente no mundo contemporâneo, manifestando-se de diversas formas. Ela está inserida em toda a sociedade e não se limita a determinados espaços, classes sociais, faixas etárias ou, até mesmo, épocas (FERRAZ, 2007).

Apesar de a profundidade, extensão e natureza da violência não serem as mesmas em todas as classes sociais, ela é mais frequente, no Brasil, entre os negros, jovens e pobres, se comparados a outras classes sociais. Segundo Charlot (2007), a violência não é nova, mas sofre mudanças à medida que a sociedade também muda e conforme evoluem as tensões sociais.

A violência nas instituições de ensino pode ser medida a partir da observância de determinadas variáveis, analisadas a partir de questionários, mais usados por abranger de forma ampla as escolas brasileiras. Os questionários do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), por exemplo, são respondidos

por todos os diretores das escolas na ocasião dos exames e dizem respeito, entre outros dados, à ocorrência de atos violentos nas escolas.

O SAEB tem o objetivo de desenvolver um processo de avaliação, que se realiza através do levantamento de informações a cada dois anos, permitindo monitorar a evolução do quadro educacional brasileiro e projetar políticas públicas educacionais que atendam às necessidades da educação pública no Brasil.

O panorama da última década (2004-2014), disponível no Relatório Nacional disponibilizado pelo Ministério da Educação e organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), indica que:

No Brasil mais de um terço dos professores (34%) estão em escolas cujos diretores afirmam que verificam intimidação ou ofensa verbal entre os alunos semanalmente. Esse é o maior percentual verificado entre os países participantes da pesquisa. O Brasil (12%) e o México (13%) apresentam também o maior percentual com relação à frequência de ocorrências de vandalismo e furto. Embora em amplitude menor, se comparadas a outras variáveis, nas escolas brasileiras se verificam os maiores percentuais de ocorrência de intimidação ou ofensa verbal a professores ou membros da equipe escolar (12%), e uso/posse de drogas ou bebidas alcoólicas (6,9%). Além disso, os professores brasileiros são os que declaram passar mais tempo mantendo a ordem em sala de aula (19,8%) entre todos os professores participantes da pesquisa. Também é no Brasil que se observa o maior percentual médio de tempo gasto com tarefas administrativas em sala de aula, por exemplo, registrando frequência, distribuindo informativos e formulários da escola (12,2%), no ano de 2008, esse posto era ocupado pelo México, que conseguiu reduzir essa proporção em quatro pontos percentuais. (INEP, 2014, p.16.).

Esses resultados preocupantes mostram que o Brasil lidera as estatísticas dos problemas relacionados ao vandalismo, ao furto e à ofensa verbal a professores. Os resultados alarmantes foram apresentados pelo INEP, que tem função de organizar e manter o sistema de informações e estatísticas educacionais, com o objetivo de subsidiar ações do poder público, seja do governo federal, estadual ou municipal, na área da educação.

Outros estudos, como o realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 2014, também colocaram o Brasil em lugar precário (16º lugar entre 193 países), no que diz respeito ao *ranking* mundial da violência escolar. Este levantamento realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) apontou

que 12,5% dos professores brasileiros ouvidos relataram ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos ao menos uma vez por semana. Além deste estudo, dados obtidos no questionário contextual da Prova Brasil<sup>2</sup>, aplicada em 2015 a diretores e professores do 5º e do 9º ano de todo o país, indicaram que o número de casos de violência nas escolas cresce de forma expressiva em nosso país.

O resultado do questionário mostrou que 51% (cerca de 132.244) dos professores e diretores que responderam ao questionário já presenciaram agressões verbais ou físicas de alunos a professores ou funcionários das escolas. Quando o alvo da violência é o aluno, esse índice aumenta, sendo aferido que 71% (cerca de 183.927) dos professores e diretores afirmaram que já presenciaram agressões verbais ou físicas entre discentes (INEP, 2018).

Além disso, foi identificado que 9% (cerca de 22.692) dos professores e diretores afirmaram já terem sido vítimas de ameaças feitas por alunos, e 2% (cerca 4.714) foram vítimas de atentado à própria vida (INEP, 2018). Estes dados indicam que a violência está presente no interior das escolas brasileiras e se configura como um dos mais graves problemas que afetam o processo educacional, visto que essa prática não atinge apenas aos alunos, mas também, de forma direta ou indireta, todos profissionais da escola, afetando diretamente o rendimento e o desempenho dos alunos.

Sposito (2001) também examinou o tema da violência escolar e concluiu que a violência, nas instituições escolares, está fortemente relacionada com o meio no qual a instituição está inserida. Para a pesquisadora, fatores extraescolares geram a violência e não necessariamente os internos. Conforme pesquisas feitas por ela, aumentam a criminalidade e o sentimento de insegurança, sobretudo nos bairros periféricos.

Dentro dessa afirmativa, Dourado *et al.* (2007) conceituam fatores extraescolares como sendo uma dimensão na qual:

---

<sup>2</sup> Prova Brasil é uma avaliação para diagnóstico, em larga escala, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), que têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos (INEP, 2019).

[...] dizem respeito às múltiplas determinações e às possibilidades de superação das condições de vida das camadas sociais menos favorecidas e assistidas. As dimensões extraescolares afetam sobremaneira os processos educativos e os resultados escolares em termos de uma aprendizagem mais significativa, daí porque tais dimensões não podem ser desprezadas se queremos efetivamente produzir uma educação de qualidade para todos. (DOURADO *et al.*, 2007, p.14).

Portanto, podemos definir os fatores extraescolares como sendo os aspectos que fogem ao contexto da instituição, especialmente os socioeconômicos, ou seja, que estão relacionados aos fatores que ocorrem fora da escola, mas que contribuem diretamente para um bom ou um mau desempenho dessa instituição de ensino. As condições socioeconômicas e culturais têm forte influência no sucesso ou no fracasso escolar, alterando a autoestima dos alunos, influenciando a violência escolar e, conseqüentemente, interferindo na possibilidade de aprendizagem.

Desta forma, a vida escolar passa a sofrer de forma mais nítida os impactos de uma conjuntura social (extraescolar), que, nos dias atuais, é marcada por violência<sup>3</sup>. Esta, por sua vez, pode ser atrelada ao aumento da violência social<sup>4</sup>, ou seja, violência cometida por indivíduos ou pela comunidade, com uma finalidade social, que é gerada pela fonte da marginalidade social, consequência de diversos fatores que envolvem as relações sociais e de poder (MINAYO, 2010).

Neste sentido, Stelko-Pereira e Williams (2010, p.48) afirmam que: “a violência escolar pode ocorrer dentro do espaço físico da escola, no trajeto para casa, nas festas escolares, ou em qualquer ambiente no qual conflitos escolares mal resolvidos geram violência”.

No ambiente escolar, a violência pode acontecer por meio de imposições culturais, desigualdades sociais, um currículo que oprime e exclui o aluno da possibilidade de progredir como cidadão e oportunidades iguais, de forma que haja uma paridade e equidade (MARRONE; OMEDEI, 2016).

---

<sup>3</sup> Uma pesquisa global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), sobre violência escolar, realizada com mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio (alunos de 11 a 16 anos), põe o Brasil no topo de um ranking de violência em escolas, em países tenham mais de 100 mil professores e diretores de escola.

<sup>4</sup> Segundo dados do Ministério da Saúde, o Brasil registrou a marca histórica de 62.517 mortes violentas intencionais em 2017 e, pela primeira vez na história, superou o patamar de 30 homicídios a cada 100 mil habitantes.

Pode-se relacionar os vários tipos de violência que podem ocorrer no ambiente escolar. São elas: a violência contra escola, ou seja, a agressão de grupos ou pessoas externas ao espaço escolar, a violência da escola, que destaca uma forma de violência própria ao ambiente institucional, ou seja, a violência simbólica; e, por último, a violência na escola, caracterizada pelas agressões que envolvem diferentes atores escolares (CHARLOT, 2002).

Charlot (2002) argumenta que esta distinção é importante, no sentido de que, se a escola é, em grande medida, impotente com respeito à violência na escola, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito à sua ação, face à violência da escola e na escola. Para o autor, a violência na escola está, muitas vezes, associada à violência institucional da própria escola, isto é, ligada à disciplina escolar, à forma como é imposta e em que grau.

Portanto, a questão da violência (ou das violências) está vinculada ao estado da sociedade, às formas de dominação, à desigualdade, às práticas da instituição (organização da escola, regras coletivas, relações interpessoais). Ou seja, está diretamente relacionada ao clima escolar e à perspectiva de futuro dos jovens, pois, segundo Charlot (2002, p.442), “[...] é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola [...]”.

Para melhor demonstrar a classificação feita por Charlot (2002) sobre a violência escolar, de forma a ficar mais representativo e esclarecedor, o Quadro 1 propõe uma diferenciação entre violência na escola, violência contra a escola, e violência da escola.

Quadro 1 - Classificação da Violência Escolar

<b>Violência</b>	<b>Conceito</b>	<b>Características</b>	<b>Local</b>
------------------	-----------------	------------------------	--------------

Violência na escola	Diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atos ou ações de violência física;</li> <li>- Uso de drogas;</li> <li>- Atos de incivilidade<sup>5</sup>.</li> <li>- Questões institucionais e simbólicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pátio</li> <li>- Quadra</li> <li>- Sala de aula</li> <li>- Portão de entrada</li> <li>- Via pública em frente à escola</li> </ul>
---------------------	---	--	--

---

<sup>5</sup> Desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou bullying.

Quadro 1 - Classificação da Violência Escolar

<b>Violência</b>	<b>Conceito</b>	<b>Características</b>	<b>Local</b>
Violência contra a escola	Atos de violência e vandalismos que implicam tanto os membros da escola, como à comunidade e estranhos à escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incêndios;</li> <li>- Destruição do patrimônio;</li> <li>- Roubo ou furtos do patrimônio;</li> <li>- Pichação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Locais de dentro do prédio escolar. (Todos)</li> <li>- Muros escolares.</li> </ul>
Violência da escola	Práticas, utilizadas pela instituição escolar, que prejudicam seus membros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fracassos escolares;</li> <li>- Falta de interesse em permanecer na escola;</li> <li>- Conteúdo alheio à perspectiva de futuro dos alunos;</li> <li>- Desvalorização e o abuso do poder;</li> <li>- A indisciplina, a expulsão, a intimidação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaços escolares (Todos)</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os casos mais frequentes de violência escolar no Brasil são os casos de violência na escola, seguido por violência contra a escola e, por último, violência da escola. Em uma pesquisa realizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em parceria com o Ministério da Educação e a Organização dos Estados Interamericanos (OEI), 70% dos alunos entrevistados, relatam que houve algum tipo de violência na escola em que estudam no último ano. Entre estes, 65% apontaram um colega como agressor (violência na escola), e 10% alegaram que a agressão partiu dos próprios professores (violência da escola). Além disso, o roubo e furto representaram 25% dos casos (violência contra a escola).

Nesta primeira seção, foram apresentados os altos índices de violência escolar encontrados no Brasil, principalmente nas escolas públicas, além de serem classificados os tipos de violência escolar. Na subseção seguinte, são apresentados dados sobre a violência escolar no Estado de Minas Gerais, enfatizando as ações e políticas públicas de combate à mesma.

### 2.1.1 A violência escolar em Minas Gerais

A violência dentro das escolas do Estado de Minas Gerais não é diferente do restante do país. Segundo levantamento da Secretaria de Estado de Segurança Pública de Minas Gerais (SSPMG), “[...] mais de 10,6 mil casos de violência foram registrados em escolas da rede pública e particular de Minas Gerais somente de janeiro a junho do ano de 2017.” (CRISTINI, 2018, recurso online). Ainda segundo a SSPMG, “os tipos de violência mais frequentes são o furto (28,2%), ameaça (9,1%) e brigas (7,9%)” janeiro a junho do ano de 2017.” (CRISTINI, 2018, recurso online). Os dados obtidos ainda incluem situações de lesão corporal, dano ao patrimônio público, incivildades, desacatos e *bullying*, envolvendo estudantes, profissionais da educação e comunidade escolar (CRISTINI, 2018).

Segundo pesquisa feita pelo Jornal “Folha de São Paulo”, em 2016, os estados com os maiores índices de violência escolar foram: Alagoas, Bahia, Pará, Espírito Santo e Minas Gerais. Por estar entre as localidades com maiores índices de violência escolar registrados no país, são frequentemente criadas ações, políticas públicas e debates para combater tal realidade em Minas Gerais (SADANÃ, 2016).

No que diz respeito à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), a forma pela qual a SEE decidiu enfrentar a violência foi utilizando programas de convivência democrática e participativa, para que as escolas propusessem ações de combate e enfrentamento de qualquer tipo de violência nas escolas, por meio do diálogo com os envolvidos, além de punição prevista em lei aos casos graves de violência ocorridos dentro da escola.

Essas ações, propostas pela SEE, tiveram o objetivo de compreender e enfrentar as violências existentes nos espaços escolares, criando estratégias de combate, através da participação da comunidade em que a escola está inserida. Uma destas ações é o Programa de Convivência Democrática, que, segundo a SEE-MG:

Articula-se, também, com outras ações da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais que contribuem para a transformação do sistema estadual de ensino em um sistema que respeita as diversidades e a inclusão, promovendo a participação

da comunidade escolar e de seu entorno de forma mais ampla, como o Programa Escola Aberta Minas Gerais, ações de Educação Integral, a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e a Campanha Afroconsciência, todos em desenvolvimento.(MINAS GERAIS, 2017, p.07).

O Quadro 2 contempla um resumo das ações recentes, criadas pelo Estado de Minas Gerais, para combater a violência que ocorre dentro das escolas de todo estado.

Quadro 2 - Ações de combate à violência nas escolas de Minas Gerais

<b>Programa</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Ano de implantação</b>
Programa Educacional de Resistência às Drogas e às violências (Proerd).	Consiste em um esforço cooperativo, estabelecido entre a Polícia Militar, a Escola e a Família, objetivando ensinar, aos estudantes, boas estratégias de tomada de decisão para ajudá-los a desenvolver habilidades que os permitam conduzir as suas vidas de maneira segura e saudável.	<b>2002</b>
Programa de Convivência Democrática	Compreender e enfrentar as violências, através de projetos e estratégias educativas.	<b>2016</b>
Planos de Convivência Democrática	Construção de planos de ação contra a violência adequados às realidades locais e regionais e em harmonia com seus planos políticos pedagógicos.	<b>2016</b>
Sistema em rede de registro de situações de violência.	Possibilitar a geração de relatórios com a identificação de pontos críticos, para que se estude as intervenções mais adequadas a cada situação.	<b>2017</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Entre as ações criadas pela SEE-MG, a última delas, a Lei Estadual nº 22.623, de 27 de Julho de 2017, estabelece medidas e procedimentos para os casos de violência contra profissionais da educação, ocorridos no âmbito das escolas públicas estaduais, sendo uma medida de prevenção da violência nas escolas do Estado, já que a lei responsabiliza o agressor e o penaliza, conforme o crime cometido contra os profissionais da educação, ocorridos dentro do âmbito da escola pública estadual. (MINAS GERAIS, 2017).

Além das leis estaduais, temos os documentos norteadores, como o Plano Nacional de Educação (PNE)<sup>6</sup>, que, em seu artigo 7.14, propõe como estratégia: Garantir políticas de combate à violência na escola e construção de uma cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade escolar, com o objetivo de criar ações destinadas à capacitação de educadores para detecção das causas, como a violência doméstica e sexual, o que favorece a adoção de providências que tentem promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade (BRASIL, 2014).

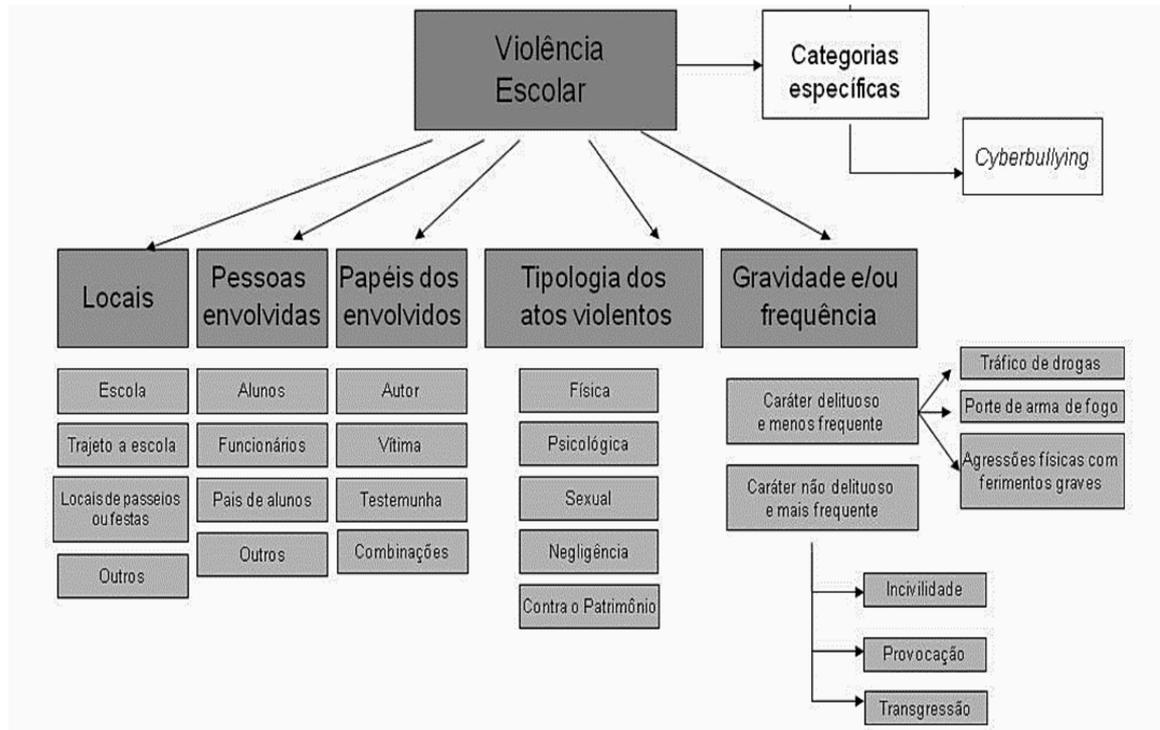
Porém, estas iniciativas são limitadas, já que não avançam contra a origem do problema e nem resolvem as dificuldades encontradas pela violência nas escolas, inclusive entre os alunos, fazendo com que os registros de casos de violência escolar só aumentem com o passar dos anos, conforme apontam os dados da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp). Tais informações, referentes ao período entre janeiro e agosto de 2019, demonstram que foram realizadas 13.334 ocorrências de infrações em instituições de ensino público municipal, estadual, federal e particular, além de creches, que envolvem danos a pessoas, entre eles: ataques a professores e ao patrimônio, com uma média de 55 por dia, ou seja, dois casos de violência escolar a cada hora no Estado de Minas Gerais.

Diante do que foi apresentado sobre violência escolar, a figura 1, elaborada por Stelko-Pereira e Williams (2010), é ilustrativa deste conceito. Por meio dela, é possível entender as diversas possibilidades de estratificação do termo “Violência Escolar”.

---

<sup>6</sup> O Plano Nacional de Educação é um instrumento de planejamento que orienta a execução e o aprimoramento de políticas públicas do setor. Nele, estão definidos os objetivos e metas para o ensino em todos os níveis.

Figura 1 - Esquema sobre o conceito da Violência Escolar



Fonte: Stelko-Pereira e Williams (2010, p.49).

Em consonância ao abordado na figura 1, destacam-se os aspectos que devemos considerar para analisar a violência. Em nossa sociedade, há grupos que são mais afetados pela violência social e escolar. Assim, ao analisar os envolvidos no fenômeno da violência escolar, deve-se levar em consideração se o problema se relaciona a uma questão de preconceito, discriminação social e étnica, desrespeito à diversidade sexual, entre outros.

Deste modo, as diversas formas, locais, tipos e categorias de violência escolar, ilustrados na figura 1, acabam por diminuir as possibilidades de o indivíduo de classe popular ascender e transformar a sua realidade. Segundo Silva e Salles (2010), “[...] nas escolas, a violência está aumentando não somente do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo.” (SILVA; SALLES, 2010, p.218).

Os tipos de violência, assinalados pelas autoras como estando mais presentes no dia a dia escolar, são as ameaças e agressões verbais entre alunos e entre estes e os adultos. As autoras ainda destacam que a violência, principalmente o desrespeito, é uma constante no meio escolar. Elas indicam que: “[...] a violência na escola pública está banalizada, provocando inclusive que

vários atos deixam até de serem percebidos como violentos. Embora menos frequentes, as agressões físicas também estão presentes.” (SILVA; SALLES, 2010, p.218).

Assim sendo, Cunha (2011), em seu estudo sobre a percepção de violência em escolas, afirmou que a violência escolar tem influência negativa sobre o clima escolar e/ou vice-versa, ao destacar que:

[...] existe uma relação negativa entre os indicadores de clima escolar (percepção sobre a estrutura da escola, percepção de como os alunos se sentem dentro da escola e percepção geral que os alunos possuem a respeito da escola) e o relato de violência dentro da escola (CUNHA, 2011, p.36).

Portanto, nesta seção, foi possível identificar os conceitos de violência, os problemas causados por ela, os fatores que favorecem o surgimento da violência escolar, além de conhecer dados sobre a realidade brasileira e também a mineira, perante a violência dentro da escola.

Na próxima seção, são apresentados os conceitos de clima escolar e as características de um clima positivo e negativo para as escolas. Além disso, é também demonstrada qual a sua influência, no que diz respeito ao ambiente escolar e sua relação com a violência escolar.

## 2.2 CLIMA ESCOLAR

O clima escolar é resultante da articulação de múltiplas dimensões que compreendem elementos estruturais, ambientais, organizacionais, linguísticos, sociais e emocionais. Segundo Moro *et al.* (2017), ele pode ser definido como:

Um conjunto de percepções e expectativas compartilhadas pelos integrantes da comunidade escolar, decorrente das experiências vividas, nesse contexto, com relação aos seguintes fatores inter-relacionados: normas, objetivos, valores, relações humanas, organização e estruturas física, pedagógica e administrativa, os quais estão presentes na instituição educativa. (MORO *et al.*, 2017, p. 08).

Ainda segundo o autor, o clima escolar corresponde:

Às percepções dos docentes, discentes, equipe gestora, funcionários e famílias, a partir de um contexto real comum, portanto, constitui-se por avaliações subjetivas. Refere-se à atmosfera psicossocial de uma escola, sendo que cada uma possui o seu clima próprio. (MORO *et al.*, 2017, p. 08).

Ainda sobre o significado de clima escolar, Candian e Rezende (2013, p. 29) ajudam a definir clima escola, ao dizerem que: “O clima escolar pode ser considerado como um conjunto de características sociais, psicológicas e culturais de uma determinada escola”. Ou seja, são as características que envolvem os perfis de cada indivíduo, da instituição, da cultura local, das normas, objetivos e valores da organização, além das estruturas físicas, pedagógicas e administrativas que estão presentes na instituição escolar. Estas últimas se relacionam diariamente com o contexto institucional, podendo ser percebidas, uma vez que causam conflitos entre os sujeitos escolares, o que motiva atitudes que podem resultar em violência (GUEDES, 2017).

Isto posto, diante de diferentes definições, depreende-se que o clima escolar é constituído por avaliações subjetivas. Refere-se, assim, a um ambiente psicossocial de uma escola, sendo que cada uma possui o seu próprio clima, seja ele positivo ou negativo, de forma a influenciar na dinâmica escolar e interferir na qualidade de vida e na qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Um bom clima, ou seja, escolas que possuem clima escolar positivo, implica em bons relacionamentos interpessoais, um ambiente de cuidado e confiança, um ambiente de estímulo e de apoio centrado no aluno, qualidade no processo de ensino e aprendizagem, espaços de participação e de resolução dialógica dos conflitos, proximidade dos pais e da comunidade, uma boa comunicação, um senso de justiça (as regras são conhecidas, devem ser obedecidas e as sanções são justas), além de apresentarem indivíduos que se sentem seguros, apoiados, engajados, pertencentes à escola e respeitosamente desafiados (VINHA *et al.*, 2016).

Já o clima escolar negativo é considerado fator de risco para a qualidade de vida escolar, com o aparecimento de problemas comportamentais, aumento do stress, conflitos, vandalismo, furtos, indisciplina e, principalmente, aumento da violência (MORO *et al.*, 2017).

Ao abordar o clima escolar negativo e sua influência no aumento da violência, Sposito (2001) aponta que a violência sinaliza um conjunto de

insatisfações manifestadas pelos alunos, diante de sua experiência escolar. Ao mesmo tempo, reflete as dificuldades da unidade escolar em criar possibilidades de resolução, no âmbito da convivência democrática.

Segundo Debarbieux (2006), o desrespeito, na relação com o outro, provocado pelas incivildades, é constituído de pequenas agressões cotidianas, que ocorrem, principalmente, na escola. Para o autor, deve-se combater as incivildades que ocorrem no dia a dia, ou seja, pequenas agressões do cotidiano que se repetem constantemente, tais como: incomodar os outros, conversa à margem do que se está tratando em classe, comportamentos irritantes, desordem, enfrentamento, indelicadeza, barulho, impolidez, zombarias, grosserias, empurrar, jogar objetos, gargalhar, gritar e demonstrar indiferença, para que não se tornem violência escolar.

Por isso, as instituições de ensino devem se preocupar em ter um ambiente escolar agradável, sem incivildades, onde a aprendizagem seja facilitada e ocorra de fato. Para que isso aconteça, a instituição deve ter um clima escolar positivo, ou seja, um clima que possa favorecer um processo no qual as desigualdades, no desempenho dos alunos de uma mesma instituição, sejam reduzidas. Nesse sentido, é necessário objetivar a equidade entre todos, mesmo que eles provenham de ambientes socioeconômicos distintos.

Além disso, segundo o Conselho Nacional de Secretários de Educação da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (CONSED/UNESCO<sup>7</sup>), o clima de relações humanas que prevalece nas escolas é uma das variáveis que mais influencia a aprendizagem de estudantes na América Latina. O clima escolar, no entanto, é geralmente um reflexo das capacidades instaladas nas instituições. Assim, pode-se supor que uma escola com bom clima escolar possui uma boa colaboração entre gestores e professores, além da participação familiar e um tratamento respeitoso entre os alunos.

Nesta perspectiva, cada escola possui o seu clima próprio, e ele influencia na dinâmica da instituição de ensino, que, por sua vez, é influenciado por ela. Desse modo, interfere na qualidade de vida dos alunos, na frequência das

---

<sup>7</sup> Fundado em 1986, é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, que congrega, por intermédio de seus titulares, as Secretarias de Educação dos Estados e do Distrito Federal, e tem por finalidade promover a integração das Secretarias, visando o desenvolvimento de uma educação pública de qualidade.

incivilidades ocorridas na escola, na qualidade do processo de ensino e, conseqüentemente, no aumento da violência dentro do ambiente escolar. Ao analisar o clima escolar positivo, Moro *et al.* (2017, p.08) relatam que:

O clima escolar positivo exerce forte influência sobre a motivação para aprender, atenua o impacto negativo do contexto socioeconômico sobre o sucesso acadêmico, age como um fator protetor para a aprendizagem e desenvolvimento de uma vida positiva em jovens, contribui para o desenvolvimento emocional e social dos alunos e para o bem-estar dos estudantes e professores, está diretamente relacionado ao bom desempenho acadêmico nos diferentes níveis de ensino e pode colaborar não só para o sucesso imediato do estudante, como também seu efeito parece persistir por anos.

Neste sentido, em uma pesquisa realizada no ano de 2013, por pesquisadores norte-americanos do *National School Climate Center* e da *Fordham University*, foram analisadas mais de 200 referências publicadas desde a década de 1970. Por meio do estudo, chegou-se à conclusão de que o clima escolar tem forte influência sobre o desempenho dos estudantes. Quanto melhor o clima, maior o percentual de alunos com nível adequado de aprendizagem (THAPA *et al.*, 2013).

Os estudos realizados pelo *National School Climate Center* também analisaram 252 unidades escolares, concentradas, principalmente, nos municípios de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os resultados mostraram que, em escolas com o clima escolar negativo, apenas 34,8% dos alunos analisados estavam com o nível adequado de aprendizagem, sendo que a média das escolas foi de 38,4%. Já em escolas com o clima escolar considerado positivo, 39,6% dos alunos analisados estavam dentro do nível adequado de aprendizagem. Por isso, pode-se constatar que, no caso de o clima escolar ser negativo, os resultados são menores que a média. Isto indica que este aspecto interfere nos resultados dos alunos.

Dado o impacto do clima escolar sobre vários aspectos da escola, como descrito nesta seção, é fundamental que a gestão escolar procure melhorar tal realidade, e a escola se torne um ambiente com um bom clima acadêmico. Além disso, em uma escola com clima escolar apropriado, são registrados poucos casos de indisciplina, *bullying* e violência, fazendo com que ocorram relações de confiança entre a instituição e a comunidade (professores, alunos e pais),

despertando, em todos, o senso de pertencimento à instituição de ensino (MORO *et al.*, 2017).

Portanto, o clima escolar pode ser definido como a qualidade e o caráter da vida escolar, baseando-se nos padrões de experiência dos alunos, pais e comunidade na “vida” da instituição. Ele também reflete nas normas, objetivos, valores, relações interpessoais, práticas de ensino e aprendizagem e estruturas organizacionais.

Dado o impacto do clima escolar sobre a organização do cotidiano da instituição de ensino, é fundamental que o gestor esteja atento a esse fator e entenda as diferentes dimensões que compõem o clima escolar, buscando elementos que o ajudem a monitorá-lo, para que possa atuar sobre ele. A Figura 2, criada por Oliveira *et al.* (2013), indica as dimensões que compõem o clima de uma escola.

Figura 2 - Dimensões do clima escolar



Fonte: Oliveira *et al.* (2013).

Para que a instituição tenha um bom clima escolar, é necessário que o gestor possa entender as diferentes dimensões que os compõem e que foram apresentadas na Figura 2.

A dimensão física (infraestrutura) trata da qualidade do espaço físico das escolas, do seu uso, adequação e cuidado. Para Sammos (1999 apud BROOKE;

SOARES; 2008) a visão, os objetivos, os valores, o ambiente de ordem e uma boa infraestrutura são peças chaves para um bom clima escolar.

A dimensão da família e da escola (comunidade) se refere à qualidade das relações entre escola, família e alunos, compreendendo o respeito, a confiança e o apoio entre essas pessoas. De acordo com Rutter et al. (1979 apud BROOKE; SOARES; 2008) é necessário entender melhor como os fatores extraescolares, como hereditários, estrutura familiar e o nível socioeconômico dos alunos, podem interferir na aprendizagem influenciar no clima escolar.

A dimensão das regras, das sanções e da segurança na escola (justiça), diz respeito a como gestores, professores e alunos intervêm nos conflitos interpessoais na escola, se são justos ou não e se enfrentam ou não os conflitos. A dimensão de relações sociais (conflitos) se refere às relações, às desordens e à percepção sobre a qualidade do tratamento entre os membros da escola.

A dimensão que se refere ao trabalho (professores) trata dos sentimentos dos gestores e docentes com o seu ambiente de trabalho e com as instituições de ensino. Envolve, ainda, a percepção da valorização, satisfação e motivação para a função que desempenham e do apoio que recebem dos gestores e demais profissionais.

A dimensão da gestão (gestão/participação) abrange a qualidade dos processos empregados para identificação das necessidades da escola, intervenção e avaliação dos resultados. Para isso, o gestor escolar deve ser o articulador desse processo e deve desenvolver competência necessária para propor, motivar, implementar, avaliar e adaptar todos os procedimentos à realidade específica das escolas. Caso contrário, as mudanças do clima escolar dificilmente acontecerão.

E, por último, a dimensão da aprendizagem trata da percepção da escola como um lugar de trabalho efetivo com o conhecimento, que investe no êxito, motivação, participação e bem-estar dos alunos, de forma a promover o valor da escolarização e o sentido dado às aprendizagens. Ela implica, também, na atuação eficaz de um corpo docente estável e na presença de estratégias diferenciadas, que favoreçam a aprendizagem e o acompanhamento contínuo, contemplando todos os alunos.

Entender as dimensões que compõem o clima escolar e buscar elementos que o ajudem a monitorá-lo é um primeiro passo de atuação do gestor. A partir

disso, é possível propor ações de melhoria para o clima da instituição. Nesse sentido, um ambiente escolar hostil, com relações interpessoais degradadas, seria o oposto de um que promova a formação e o desenvolvimento humano (DEBARBIEUX; BLAYA, 2002).

Segundo Vinha *et al.* (2016, p.08), o clima escolar negativo “[...] pode representar um fator de risco da qualidade de vida escolar, o que contribui para o surgimento de problemas comportamentais, sentimento de mal-estar e o aparecimento dos conflitos, como a violência escolar e outros fatores de risco.”. Portanto, cultivar um bom clima escolar é um diferencial importante e um argumento favorável para a escola cuidar da formação moral e ética das crianças e jovens durante a sua vida escolar, reconhecendo que a violência afeta, de modo adverso, o reconhecimento da escola como espaço de importância no desenvolvimento e na socialização dos alunos e também no seu desempenho escolar (SEVERINI, 2007).

Na próxima seção, são apresentadas as características de infraestrutura escolar, a descrição da comunidade local, as especificidades sobre justiça e conflitos escolares, informações sobre professores e gestão, além de dados sobre o desempenho e o rendimento dos alunos da Escola Estadual Paulo Freire. Por meio de tal detalhamento, procura-se entender as características da instituição pesquisada, bem como apresentar a realidade educacional em que se insere o problema dessa pesquisa.

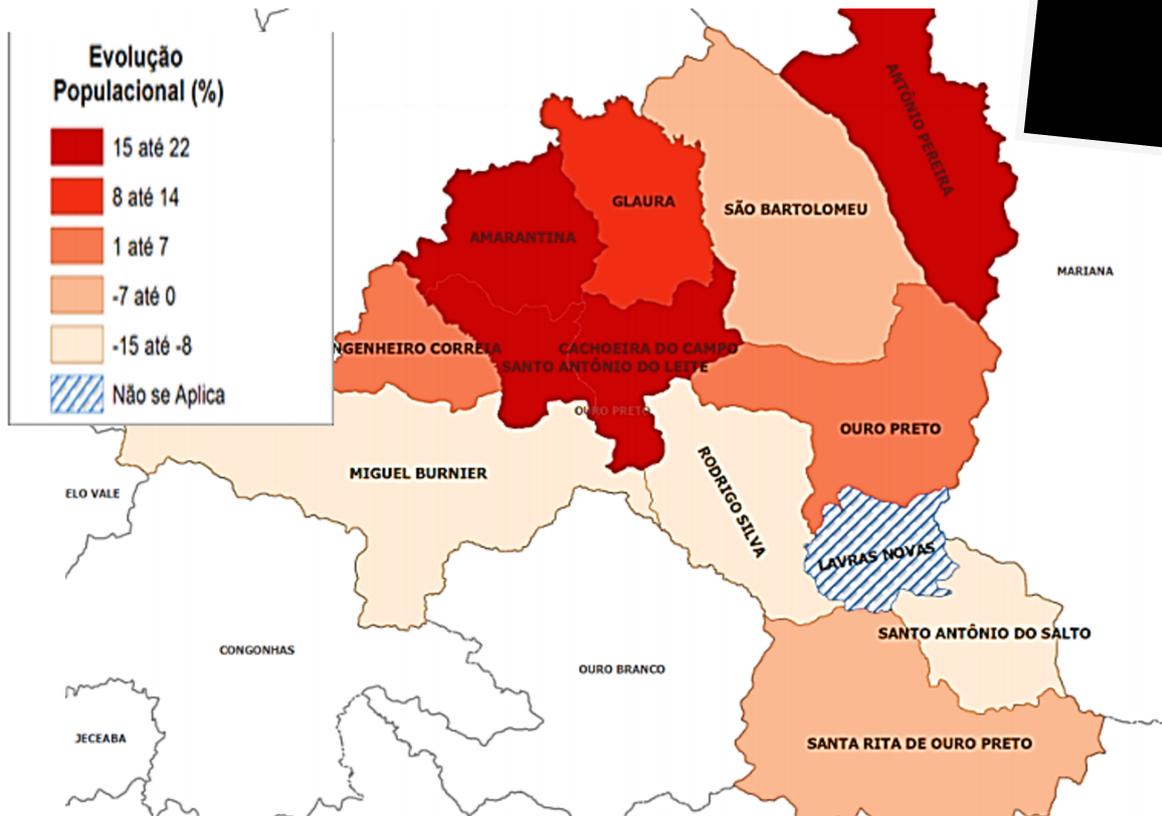
### 2.3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

A Escola Estadual Paulo Freire, instituição foco deste caso de gestão, foi criada no ano de 2008, após o desmembramento de outra instituição de ensino, a Escola Estadual de Ensino Médio. Essa divisão ocorreu para aperfeiçoar o processo educacional, pois havia, em um mesmo espaço, alunos de diversas faixas etárias. Eram atendidos desde alunos do ensino fundamental, até alunos do ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que gerava relações conflituosas, que, muitas das vezes, se transformavam em violência, ocorrida entre os educandos de faixas etárias tão discrepantes.

Além disso, havia uma demanda superior à capacidade de atendimento da Escola Estadual de Ensino Médio, que contava com 12 salas de aula, e a

quantidade de alunos aumentava gradativamente, já que o distrito onde a escola se localiza também cresceu demograficamente. Tal situação do contexto local pode ser melhor visualizada na representação da Figura 3.

Figura 3 - Evolução Populacional do município de Ouro Preto/MG – sede e distritos (2000-2010) (%)



Fonte: IBGE (2011).

O distrito de Antônio Pereira apresentou o aumento populacional com índices entre 15 e 22%, de 2000 a 2010. Tal crescimento foi motivado, especialmente, pela expansão das empresas mineradoras, instaladas na região (Antônio Pereira possui uma das maiores minas de extração de minério de ferro da região do Quadrilátero Ferrífero<sup>8</sup>). Essa expansão, por sua vez, foi motivado

<sup>8</sup> Quadrilátero Ferrífero é uma região localizada no centro-sul do estado de Minas Gerais, que é a maior produtora nacional de minério de ferro.

pela valorização internacional de *commodities*<sup>9</sup>, especialmente minerais. Essa conjuntura econômica internacional teve impacto populacional e social na realidade da comunidade e, conseqüentemente, em suas instituições escolares.

Evidenciando o impacto populacional da região, o resultado do questionário da Prova Brasil, aplicado a alunos da Escola Estadual Paulo Freire, mostrou que 46% das famílias dos alunos têm pelo menos cinco pessoas morando juntas em suas casas. Ainda segundo o questionário, 13% dos alunos não moram com a mãe, e 17% não moram com o pai, o que pode ser também um fator relacionado à rotatividade de empresas presentes na região (FUNDAÇÃO LEMANN; MERITT, 2012).

Esse aumento populacional fez com que a única Escola Estadual do Distrito (Escola Estadual de Ensino Médio) se desmembrasse, culminando na criação da Escola Estadual Paulo Freire. Esta instituição está localizada no distrito de Antônio Pereira, que fica a 30 quilômetros de sua sede municipal (Ouro Preto) e a apenas 12 quilômetros de Mariana, cidade vizinha.

Antônio Pereira está em uma região de grandes empresas de mineração, tais como: Vale do Rio Doce e Samarco. Segundo a projeção populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), o distrito possui cerca de 5.055 habitantes, e grande parcela da população (60%) é afrodescendente. Além disso, há a migração, devido às empresas mineradoras, de famílias de várias partes do Brasil, que se instalam na região.

Sobre a comunidade, segundo pesquisas realizadas em 2016 por estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), os principais problemas do distrito, segundo seus moradores, são: a violência (60%), a educação (17,4%) e o meio ambiente (15,2%) (RODRIGUES et al., 2017).

A pesquisa realizada pela UFOP constatou, também, que 52,8% da população é economicamente ativa, e a maior parte dela possui renda inferior a dois salários mínimos (56,2%). Além disso, 38,2% da população possui o ensino médio completo.

---

<sup>9</sup> Assume-se aqui que *commodities* são bens diretamente originados na natureza, como minérios, petróleo, produtos agropecuários, florestais e seus derivados a partir de algum grau de processamento industrial.

Ainda sobre a comunidade, segundo a Fundação Lemann e Meritt (2012), 17% dos pais ou responsáveis pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Paulo Freire completaram a faculdade. O nível escolar é ainda menor no caso das mães, já que apenas 8% completaram a faculdade. Essa média é menor que a nacional aferida pelo IBGE em 2017, que mostrou que apenas 15,3% dos brasileiros têm ensino superior completo.

Através destes dados e sabendo que a família, surge a preocupação sobre as perspectiva de futuro dos alunos da escola, pois cabe à família a transmissão de normas, ética, valores, ideais, e crenças que marcam a sociedade e a sua esperança de futuro (CREPALDI, 2017).

Continuando a análise das especificidades da comunidade escolar, a população atendida pela Escola Estadual Paulo Freire possui um perfil socioeconômico de baixa renda. Muitos moradores, inclusive, são funcionários das mencionadas empresas de mineração. Além disso, a taxa de desemprego, entre os anos de 2015 e 2018, tem aumentado. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CADEG), no ano de 2017, a taxa ficou em torno de 23%, o que representa mais de 12.500 pessoas desempregadas na cidade de Ouro Preto (BRASIL, 2018), o que também pode estar associado à queda do valor do minério de ferro<sup>10</sup> e do desastre de Mariana<sup>11</sup>, responsáveis por provocar a redução da atividade de mineração da região.

Segundo a Fundação Lemann e Meritt (2012), 25% dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Paulo Freire trabalham fora de casa para complementar a renda da família. Nesse sentido, 85% deles gastam entre uma a quatro horas em dias de aula fazendo trabalhos domésticos, como: lavar louça, limpar o quintal de casa, entre outras atividades.

No distrito de Antônio Pereira, há quatro escolas: duas estaduais, uma municipal e uma particular. Todas pertencentes à Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Ouro Preto, a 25ª SRE, que atende a 31 escolas estaduais de cinco municípios da região Central de Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana, Diogo de Vasconcelos, Acaiaca e Itabirito).

---

<sup>10</sup> Devido a cortes de produção de aço na China durante o inverno no ano de 2017.

<sup>11</sup> O rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, ocorreu na tarde de 5 de novembro de 2015, no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 km do centro do município brasileiro de Mariana, Minas Gerais.

As escolas presentes no distrito de Antônio Pereira oferecem educação infantil (instituição municipal e privada), anos iniciais e finais do ensino fundamental (instituição estadual e privada), e ensino médio (instituição estadual). Assim, atendem a cerca de 1.300 alunos da comunidade. Para melhor entendimento e clareza destas informações, na Tabela 1, são apresentados dados sobre o atendimento escolar, referentes ao ano de 2018, das instituições presentes na comunidade de Antônio Pereira.

Tabela 1 - Alunos Atendidos no Distrito de Antônio Pereira por Escola e Segmento de Ensino (2018)

Escolas do Distrito de Antônio Pereira	Educação Infantil	Anos Iniciais	Anos Finais	Ensino Médio	EJA
Escola Municipal	300	---	---	---	---
Escola Privada	---	96	67	---	---
Escola Estadual de Ensino Médio	---	---	---	238	60
<b>Escola Estadual Paulo Freire</b>	---	<b>277</b>	<b>184</b>	---	----

Fonte: SIMADE (MINAS GERAIS, 2018).

A Escola Estadual Paulo Freire é a maior do distrito e funciona em dois turnos (manhã e tarde). Em 2018, a instituição atendeu a 460 alunos. Pela manhã, a escola possui oito turmas de anos finais do ensino fundamental e, no período da tarde, 12 turmas de anos iniciais do ensino fundamental.

Sobre a infraestrutura, o prédio escolar é constituído por dois pavimentos, que possuem, além das 16 salas de aulas, uma secretaria, laboratório de ciências, uma sala de professores com banheiros, um refeitório, um laboratório de informática com 22 computadores, uma sala para leitura e vídeo, um banheiro masculino e um feminino para os alunos, além de equipamentos eletrônicos, como aparelhos de DVD, *Data-show*, caixa de som amplificada, *micro system*, microfones e *notebook*. A instituição possui, ainda, uma quadra poliesportiva coberta. Já a biblioteca da escola dispõe de um acervo diversificado, além de materiais didáticos e pedagógicos. No que diz respeito à infraestrutura, a instituição tem um espaço físico de qualidade e conta com boas condições de atendimento educacional.

No que se refere ao corpo docente (professores) da Escola, ele é composto por 16 professores regentes de turma<sup>12</sup>, 14 professores regentes de aulas<sup>13</sup>, dois supervisores pedagógicos, além de dois professores que trabalham na biblioteca. Por fim, pode-se também citar a equipe gestora, composta pelo diretor, vice-diretor e secretária.

Todos os professores da equipe docente da instituição têm formação em nível superior na área em que atuam. 12% destes possuem algum tipo de pós-

<sup>12</sup> Professores que ministram aulas para alunos do ensino fundamental anos iniciais;

<sup>13</sup> Professores que ministram aulas de um conteúdo específico para alunos do ensino fundamental anos finais e ensino médio.

graduação (*lato sensu*) na área educacional e nenhum possui mestrado e/ou doutorado. Para melhor entendimento destas informações, no Quadro 3, é apresentado o quadro de servidores da escola, bem como a sua formação acadêmica.

CARGO	Situação Funcional	Turno de Atuação		Formação Acadêmica			
		Matutino	Vespertino				
Diretor	Efetivo	01 para os dois turnos		Pós-graduação ( <i>lato sensu</i> )			
Vice-diretor	Efetivo	1	0	Ensino superior completo			
Pedagogo	Efetivo	1	0	Pós-graduação ( <i>lato sensu</i> )			
Pedagogo	Contratado	0	1	Pós-graduação ( <i>lato sensu</i> )			
Professor regente de turma				Efetivo	0	1	Ensino superior completo
Professor regente de turma				Contratado	0	13	Ensino superior completo
Professor regente de aulas				Efetivo	2	0	Ensino superior completo
Professor regente de aulas				Contratado	12	0	Ensino superior completo
Professor para uso na biblioteca	Contratado	1	1	Pós-graduação ( <i>lato sensu</i> )			
Professor eventual	Contratado	0	2	Ensino superior completo			
Professores da Educação Integral	Contratado	8	0	Ensino superior completo			
Secretaria	Efetivo	1 para os dois turnos		Pós-graduação ( <i>lato sensu</i> )			
Auxiliares de secretaria	Efetivo	1	0	Pós-graduação ( <i>lato sensu</i> )			
Auxiliares de secretaria	Contratado	1	2	Ensino médio completo			
Auxiliar de serviços gerais: merenda	Contratado	1	2	Ensino médio completo			
Auxiliar de serviços gerais: limpeza	Contratado	1	2	Ensino fundamental completo.			
Auxiliar de serviços gerais: reparos	Contratado	1	1	Ensino fundamental completo			

Quadro 3 - Quadro de servidores da Escola Estadual Paulo Freire (2018)

Fonte: SIMADE (2018).

A escola conta com 57 funcionários de todos os setores, da limpeza à gestão. Destes, apenas oito são efetivos, os demais são servidores designados<sup>14</sup>. Por isso, a rotatividade de servidores na escola é alta. Do ano de 2017 para o de 2018, por exemplo, de um total de 28 professores que atuaram na instituição, 14 foram designados no ano de 2017 para atuar nos anos finais do ensino fundamental, e somente dois continuaram no ano seguinte. Além disso, o supervisor pedagógico também foi alterado.

Além destas modificações, como a escola está a uma distância razoável de sua sede (30 quilômetros), vários profissionais, durante o ano, se transferem para outras instituições de ensino, mais próximas de suas residências, já que grande parcela dos servidores não mora no distrito onde a escola está localizada, sendo que apenas nove servidores residem na localidade da escola.

Somente durante o ano de 2017, 19 professores desistiram de suas designações na Escola Estadual Paulo Freire, ainda no transcorrer do ano, e se transferiram para outras escolas. A disciplina de História, por exemplo, teve seis docentes diferentes ao longo do ano.

Essa rotatividade docente acarreta em interrupção no trabalho durante o ano letivo, falta de docentes, até a contratação do substituto, rompimento dos laços afetivos (professor-aluno e aluno-professor) e a não continuidade das ações realizados pelo professor que ministrava as aulas, pois essas “vão embora” junto com o profissional. Em relação ao processo de ensino, a rotatividade docente também interfere no desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Segundo Duarte (2009, p. 10):

Outro dos problemas recorrentemente apontados como responsável pelo mau desempenho dos alunos em termos de aprendizado é a elevada rotatividade de professores ao longo de um mesmo período letivo. As descontinuidades geradas nessas trocas e a natural demora na adaptação na relação professor-aluno implica num prejuízo do processo de ensino-aprendizagem dificultando a formação de capital humano dos alunos.

---

<sup>14</sup> Servidores contratados pelo período de um ano para a função que exercem.

Duarte (2009) ainda destaca que um dos fatores que influencia os professores do Brasil a mudar de local de trabalho e a buscar novas escolas é o impacto da violência escolar presente nas instituições de ensino.

Dias da Silva e Fernandes (2006) enfatizam, em seu estudo, que a rotatividade docente é um problema, pois, atualmente, os estabelecimentos alvos da preferência dos professores são aqueles bem localizados, com maiores números de aulas e com baixos índices de violência, ou seja, com melhor clima escolar, melhores condições de trabalho e remuneração. Em escolas de distritos e áreas periféricas, torna-se difícil a constituição de um quadro docente efetivo.

No que diz respeito ao fluxo escolar, os números aferidos na Escola Estadual Paulo Freire, ou seja, os índices de reprovação e aprovação com progressão parcial<sup>15</sup> são nulos nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e preocupantes nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). No que diz respeito ao número de transferências, ou seja, de alunos que deixaram de frequentar e os de aprovados com progressão parcial, os índices são preocupantes em todos os níveis de ensino.

Os dados apresentados na Tabela 4 podem estar relacionados com o clima escolar da instituição, pois Brito (2009) e Viera e Vidal (2009) apontam uma relação entre a qualidade do clima escolar e os índices de evasão e desempenho acadêmico dos estudantes, mensurados por avaliações externas, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e o *Programme for International Student Assessment* (Pisa).

A Tabela 4 apresenta o rendimento escolar de alunos da Escola Estadual Paulo Freire, referente aos anos de 2015 a 2017. Tais dados foram analisados, uma vez que o período elencado foi estudado nesta dissertação. Nesse sentido, verificar estas informações também é uma forma de observar a eficiência escolar, ou seja, a capacidade da gestão, juntamente com seu corpo docente, de conseguir melhorar o rendimento escolar de seus alunos.

Para os anos de 2015 e de 2016, não há registros de dados dos anos finais, pois, somente no ano de 2017, a escola começou a receber alunos deste segmento do ensino fundamental.

---

<sup>15</sup> É a possibilidade, assegurada por lei, de o aluno ser promovido para a série (ou período) seguinte, mesmo não alcançando resultados satisfatórios em algumas disciplinas da série anterior.

A Tabela 2 apresenta os resultados (rendimento) escolares dos alunos da escola foco da pesquisa, entre os anos 2015 e 2017. Por meio dela, é possível entender os números de aprovação, reprovação, transferência, abandono, reclassificação, além dos alunos em progressão parcial.

**Tabela 2 - Rendimento Escolar dos alunos da Escola Estadual Paulo Freire**

Ano	2015		2016		2017	
	Anos Iniciais	Anos Finais	Anos Iniciais	Anos Finais	Anos Iniciais	Anos Finais
Total de alunos	282	--	301	--	324	148
Aprovado	258	--	266	--	284	75
Reprovado	0	--	0	--	0	24
Transferido	23	--	31	--	31	17
Abandono	01	--	04	--	09	04
Aprovado em progressão parcial	0	--	0	--	0	26
Reclassificado	0	--	0	--	0	02

(2015 a 2017)

Fonte: SIMADE (2018).

A ausência de reprovações, ilustrada na tabela 4, nos anos iniciais, acontece devido ao Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) por meio da Câmara de Educação Básica (CEB) nº 11/2010 e à Resolução CNE/CEB nº 07/2010, que recomendam que os três primeiros anos do ensino fundamental sejam organizados em um ciclo pedagógico, até mesmo para as escolas que praticam o sistema seriado (BRASIL, 2010a; 2010b). Isto significa que, nos anos iniciais do ensino fundamental, há uma política de fluxo contínuo, como descrito na Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010 – CNE/CBE<sup>16</sup> (BRASIL, 2010b).

Nos anos finais do ensino fundamental, dos 148 alunos matriculados, 75 foram aprovados; 24, reprovados; 26, aprovados com progressão parcial; dois foram reclassificados; 17, transferidos; e quatro alunos deixaram de frequentar a escola. Ou seja, somente 50,6% dos estudantes foram aprovados. Ademais, o índice de 16,2% de reprovação é maior que a média nacional e estadual para o ensino fundamental, já que, de acordo com o INEP, durante o ano de 2015, no Brasil, a reprovação foi de 10,3%, enquanto que, em Minas Gerais, de 10,7% (INEP, 2019).

<sup>16</sup> § Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso de sua autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar, a todos os alunos, as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos (Resolução N° 7, de 14 de dezembro de 2010 – CNE/CBE).

O alto índice de reprovação e progressão parcial da escola está relacionado com o rendimento escolar. Nesse sentido, tal situação escolar indica que é preciso intervir no trabalho pedagógico o mais rápido possível, pois muitos estudantes poderão ficar fora da escola, e os altos índices de reprovação podem aumentar a distorção idade-série<sup>17</sup>.

Severini (2007) chegou à conclusão, a partir de seu estudo, que 83% dos alunos que teriam as menores notas e os menores rendimentos escolares são aqueles que sofrem com problemas relacionados à violência escolar e à rotatividade de professores. Portanto, para o autor, quanto mais negativo for o clima escolar, maior a probabilidade de os alunos sofrerem com o problema da rotatividade docente, conforme já citado anteriormente, e de terem conseqüentemente o seu desempenho afetado (SEVERINI, 2007).

Nesse sentido, em um estudo realizado em diversas capitais do país, Abramovay e Rua (2002) concluíram que o clima escolar negativo e suas conseqüências (violência escolar por exemplo) têm diversos desdobramentos sobre a qualidade do ensino e da aprendizagem, comprometendo o desempenho profissional dos professores, a relação do aluno com a escola e aumentando o número de faltas (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Grogger (1997) analisou as conseqüências da violência nas escolas sobre o rendimento de alunos de escolas públicas e concluiu que níveis significativos de violência diminuem a probabilidade de conclusão do ensino médio em 5,1%, assim como diminuem a frequência escolar em 6,9%. Tal situação é correlata à que acontece na Escola Estadual Paulo Freire, como se pode observar nos dados da Tabela 5, que indica números preocupantes, principalmente no que diz respeito à reprovação.

Esta situação indica a necessidade de definir estratégias para conter o avanço da reprovação e buscar a melhoria do fluxo<sup>18</sup>, pois, por mais que tenham interferência dos fatores externos, os resultados de aprovação, reprovação e de abandono são também construídos por elementos internos.

Díaz-Aguado *et al.* (2010) relata que a violência escolar entre pares promove baixos resultados acadêmicos e reflete clima escolar negativo. Para o

---

<sup>17</sup> A distorção idade-série é a proporção de alunos com mais de 2 anos de atraso escolar.

<sup>18</sup> O fluxo escolar indica a progressão de alunos de uma coorte, em determinado nível de ensino, em relação à sua condição de promovido, repetente ou evadido.

autor, nas salas de aula com violência mais frequente, há uma deterioração de capital social e falta de habilidades para resolver conflitos pacificamente. Nesses contextos, os estudantes obtêm resultados acadêmicos mais baixos (ROMÁN; MURILLO, 2011).

Portanto, podemos dizer que o rendimento escolar é influenciado por múltiplos fatores, especialmente por um bom clima escolar. Pode-se dizer que escolas com melhor clima escolar têm alcançado melhores rendimentos. Deste modo, sabendo que a violência escolar pode influenciar negativamente em vários aspectos, como apresentado nesta seção, na seção seguinte, são elencadas as evidências do caso em estudo, bem como a análise sobre o aumento dos casos de violência no ano de 2017. Por fim, são abordadas questões relacionadas à violência na instituição de ensino, as consequências desta cultura escolar violenta, além de dados sobre a violência existente na escola.

#### 2.4 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

Mediante minha trajetória profissional na Escola Estadual Paulo Freire, onde atuo como docente da disciplina de Educação Física há seis anos (2013-2019) e, nos três últimos, como gestor, tenho convivido com os conflitos e com as dificuldades decorrentes de um ambiente com frequentes atos de violência escolar. É importante ressaltar que, nesta instituição, o Projeto Político Pedagógico (PPP) estabelece que o combate à violência deve ser enfrentado desde a “raiz” do problema. Conforme determina o documento:

A escola deve ter princípios éticos de: justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e violência como: bullying, agressões físicas e verbais, discriminações de gênero, etnia, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, onde deverão ser enfrentadas desde a raiz do problema, em qualquer que seja a idade onde aconteça. (ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE, 2018, p.11).

Apesar de o PPP da Escola Estadual Paulo Freire abordar os princípios éticos e combate às manifestações de preconceito, não se encontra nada

específico sobre a violência escolar, nem as possíveis ações de combate à mesma.

Portanto, ainda não foram criadas alternativas para que este problema seja combatido. Dessa forma, é necessário que não ocorra apenas ações de punição já previstas (advertência oral e escrita, registros no livro de ocorrências, correções e suspensões das atividades escolares), após a consumação dos atos. Tais ações não têm surtido efeito, principalmente no segmento dos anos finais do ensino fundamental, pois a recorrência das punições, aos alunos deste segmento, são visíveis. Nesse sentido, pode-se afirmar que essas ações não têm sido efetivas, especialmente ao se estudar os registros em livros de ocorrência, pertencentes aos arquivos da instituição.

Ainda sobre a punição de indivíduos que se envolvem na violência escolar, também se deve levar em conta os casos em que a própria instituição escolar é produtora dessa violência. A esse respeito, Stelko-Pereira e Williams (2010) discutem que determinadas políticas da instituição, tais como regras, procedimentos e práticas, podem acarretar em impactos adversos nos membros participantes da escola.

Com isso, deve ser analisado quais são os tipos de violência escolar encontrados na Escola Estadual Paulo Freire, para que a ação seja efetiva e eficaz. Para isso, foram analisados os livros de registros de ocorrências da escola e os livros de registros de ocorrências dos servidores (professores e supervisores) da instituição de ensino, nos anos de 2015 a 2017. Este período de registro coincide com o ciclo de uma gestão escolar, uma vez que cada gestão encontra os seus próprios procedimentos de acompanhamento da escola.

Como a Escola Estadual Paulo Freire atende também a crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, tem-se o hábito de os professores registrarem todos os fatos que saem da normalidade. Com esse público, deve haver uma atenção maior, para que os pais e/ou responsáveis tenham acesso aos acontecimentos do dia a dia escolar. Esses registros são feitos pelos professores em sala de aula, em um caderno separado para tal fim.

Os casos de violência mais frequentes, nos livros de registros, são: I) “Desacato”, que é considerado um crime previsto pelo Código Penal Brasileiro, em seu artigo 331, e que, segundo a Constituição Federal, consiste em faltar com o respeito para com um funcionário público no exercício da função ou em razão

dela; II) “Depredação do patrimônio público” (danos materiais ao patrimônio, quebra de mobiliário, pichações, escritas nas paredes, vandalismo); III) “Furto/Roubo” de material escolar, de equipamentos da escola, de lâmpadas, de utensílios e objetos escolares; IV) “Agressão física e verbal”, como palavrões, xingamentos, brigas e ameaças; V) “*Bullying*”, que é a violência contra a pessoa. Esta é diferente da violência física, já que se trata de um modo velado de exercê-la, que não deixa marcas nem indícios suficientes para uma tipificação penal, criminal (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI 2007); VI); “Indisciplina”, ou seja, o desrespeito às regras da escola, da sala de aula e dos professores; e VII) “Discriminação”, seja ela pela cor, raça, orientação sexual, idade, reprovação no ano anterior, religião ou conhecimento.

Para melhor apresentar os dados relativos à violência no cotidiano da instituição, foco do caso de gestão, foram compiladas informações dos registros da escola, tendo sido elas organizadas na Tabela 3.

Dentre todas as ocorrências registradas no período analisado, foi incluído um espaço para registrar as ocorrências em que foi necessária a intervenção da polícia militar, tendo sido ela requisitada, seja pelos alunos, professores, servidores, direção e, até mesmo, pelos pais dos alunos e pela comunidade escolar.

Tabela 3 - Dados sobre violência escolar registrados na Escola Estadual Paulo Freire, por tipo (2015-2017)

TIPOS DE VIOLÊNCIA	Número de casos		
	2015	2016	2017
Desacato aos funcionários públicos da Escola	08	05	29
Depredação do patrimônio	09	06	33
Furto/roubo	02	04	12
Agressão física	43	37	98
Bullying	28	31	72
Indisciplina	31	42	114
Discriminação	02	03	25
Ocorrências policiais	03	05	21
TOTAL	126	133	404

Fonte: Livro de registros oficiais da Escola Estadual Paulo Freire (2018b).

Como se pode observar nos dados da Tabela 5, a Escola Estadual Paulo Freire, ao longo dos anos analisados (2015 a 2017), tem convivido com frequentes atos de violência, tais como: desacato a professores, depredação do patrimônio

público, furto/roubo, agressões físicas, *bullying*, indisciplina dentro de sala e discriminação/preconceito entre alunos. Além disso, nota-se um aumento de quase 300% no total de ocorrências registradas na instituição, do ano de 2016 para o ano de 2017 (ano no qual ocorreu a mudança institucional escolar).

Dentre os problemas enfrentados pela instituição, destaca-se a agressão física e indisciplina, que acontecem com frequência e atingem números elevados. Alguns desses tipos de violência se transformaram em ocorrências policiais (Boletim de Ocorrência). São estes os casos mais graves, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4 - Dados sobre Violência Escolar obtidos em registros de boletins de ocorrência policial (2015-2017)

TIPOS DE VIOLÊNCIA (intervenção policial)	Número de casos		
	2015	2016	2017
Desacato aos funcionários públicos da Escola	01	03	07
Depredação do patrimônio	01	01	03
Furto/roubo	--	--	02
Agressão física	01	01	02
Bullying	--	--	--
Indisciplina	--	--	--
Discriminação	--	--	--
TOTAL	03	05	14

Fonte: Relatório do 52º Batalhão da Polícia Militar (MINAS GERAIS, 2018).

Os dados registrados nas Tabelas 5 e 6 indicam que a violência escolar tem crescido de um ano para outro, o que tem preocupado a gestão da escola. Por exemplo, do ano de 2016 ao ano de 2017, as agressões físicas e verbais aumentaram mais de 110%, e os casos de indisciplina, cerca de 200%. Ao notar esse crescimento, percebe-se que ele se deu justamente com o aumento do número de alunos da instituição, já que anteriormente estavam matriculados 300 estudantes, número que passou para quase 440, ou seja, houve quase 50% de aumento no número de alunos.

No ano de 2017, a escola passou a atender os alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º a 9º anos). Ou seja, além das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, a instituição começou a atender também aos pré-adolescentes e aos adolescentes. Nesta fase da vida, os alunos têm mais disposição para desafiar as autoridades, sendo mais competitivos e respondendo com maior grau de agressividade. É importante registrar, além disso, que esse

novo atendimento, para alunos dos anos finais do ensino fundamental, foi repentino.

Ademais, a escola, ao ser desmembrada em 2008, como já citado anteriormente, teve o objetivo de aperfeiçoar o processo educacional, pois havia, em um mesmo espaço, alunos de diversas faixas etárias, voltando a ter o mesmo problema quase 10 anos depois. Neste mesmo caminho, Saragoça *et al.* (2011, p. 01) defendem que as transições escolares podem ser entendidas como uma mudança de ciclo ou nível de escolaridade de contexto social, que pode gerar um sentimento de “começar de novo”, uma iniciação na vivência de novos contextos sociais e escolares, que podem constituir em um processo de ruptura com uma ordem já alcançada.

Para os autores, mudanças repentinas, na vida de um adolescente, como a mudança de escola por exemplo, podem fazer com que o indivíduo precise de mais tempo para se adequar à nova realidade. Nestes momentos de adaptação, pode ser que ele desafie e teste as novas regras estabelecidas, de forma a entender até onde pode ir ou o que pode fazer (SARAGOÇA *et al.*, 2011).

Essa mudança de atendimento da escola foi proposta pela SRE, devido à mudança da instituição para a sede da escola, que antes funcionava em local adaptado, e passou a funcionar em prédio próprio. Nesse sentido, mudou de endereço no ano de 2016 para um bairro mais periférico<sup>19</sup>, o que também pode ter gerado um impacto na violência escolar.

Com a possibilidade de a mesma instituição atender a todo o ensino fundamental, de um ano para o outro, a Escola Estadual Paulo Freire recebeu novas séries de ensino, com alunos vindos de outra instituição. Essa mudança fez com que os problemas, que já ocorriam dentro do ambiente escolar, se agravassem. Por mais que fossem frequentes, os casos de violência, com a inserção de nova etapa de ensino, além de aumentarem, se tornaram mais graves. Os roubos, a indisciplina, o desacato aos professores e as brigas foram consideravelmente aumentadas, como pode ser observado na Tabela 5.

Tabela 5 - Violência no ano de 2017 por nível de ensino

---

<sup>19</sup> Que está na periferia, isto é, no contorno ou na parte exterior de algum centro. A escola fica a 5 km do centro do distrito e a 30 km de sua sede (Ouro Preto).

TIPOS DE VIOLÊNCIA	Número de casos (404)		
	1º ao 5º)		(6º a 9º)
Desacato aos funcionários públicos da Escola	03	X	26
Depredação do patrimônio	08	X	25
Furto/roubo	01	X	11
Agressão física	30	X	67
Bullying	22	X	50
Indisciplina	36	X	79
Discriminação	03	X	22
Ocorrências policiais	02	X	19
TOTAL	105	X	299

Fonte: Livro de Registros oficiais da Escola Estadual Paulo Freire (2018b).

A entrada dos alunos dos anos finais do ensino fundamental na Escola Estadual Paulo Freire elevou, de maneira significativa, o número de registros de violência, principalmente os números dos casos de indisciplina, *bullying* e agressões físicas. Nesse sentido, a violência escolar passou a ser parte do cotidiano da instituição, e as relações de convívio foram prejudicadas, mesmo com as ações realizadas (apresentadas a frente) para que isso não ocorresse.

A inquietação e a proposta desta pesquisa surgiram, então, a partir da preocupação da gestão escolar, devido ao aumento significativo da violência escolar na instituição, especialmente após a entrada da nova modalidade de ensino, como pode ser observado na Tabela 8.

Tal realidade fez com que a gestão escolar refletisse sobre os fatores que poderiam ter influenciado esse contexto, assim como as características deste novo público (adolescentes) atendido. Bossa (1998, p. 227) define a adolescência como “[...] uma fase singular da vida devido à ocorrência simultânea de um conjunto de mudanças evolutivas na maturação física, no ajustamento psicológico e nas relações sociais”. Por sua vez, Camacho (2001) afirma que, em uma realidade violenta, as incivildades ocorrem sem parar e surgem pela intolerância ao diferente, como os negros, os homossexuais, os bons alunos, os maus alunos e os feios, preconceitos mais propícios de serem realizados e/ou sofridos, por alunos na adolescência, indo ao encontro dessa definição.

Mediante esse aumento considerável nos registros de casos de violência, a gestão da Escola Estadual Paulo Freire, durante o ano de 2017, propôs ações de combate a esses casos de violência escolar existentes, como, por exemplo: a punição aos envolvidos, advertência oral, escrita, registro de ocorrências,

convocação dos pais, reuniões de colegiado<sup>20</sup>, suspensão das atividades escolares e parcerias com projetos e programas educacionais.

A Tabela 6 foi criada para apresentar informações sobre as ações de combate contra a violência na Escola Estadual Paulo Freire, durante os anos de 2015, 2016 e 2017.

---

<sup>20</sup> Órgão constituído de representantes dos diversos segmentos da comunidade escolar (pais, estudantes, professores e demais servidores).

Tabela 6 - Ações de combate à violência realizadas pela gestão (2015 - 2017)

<b>AÇÃO</b>	<b>RESPONSÁVEIS</b>	<b>PÚBLICO ALVO</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>DURAÇÃO</b>
PROERD	Polícia Militar	Alunos do 3º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos	Semanal	6 meses
Palestras	Professores e supervisores	Alunos dos anos 6º, 7º, 8º e 9º anos	Mensal	12 meses
Convocação dos pais	Gestor	Alunos	Sempre que necessário	-
Suspensão das atividades escolares	Gestor	Alunos	Sempre que necessário	De 1 a 3 dias.
Ocorrências	Professores, Gestor e Supervisores	Alunos	Sempre que necessário	-
Colegiado	Gestor	Comunidade Escolar	Mensal	12 meses

Fonte: Livro de Registros oficiais da Escola Estadual Paulo Freire (2018b).

As ações apresentadas na tabela 8, como o PROERD<sup>21</sup>, criado com base em um programa similar norte-americano em 1992, é desenvolvido há vinte e sete anos e é adotado por todos os Estados da Federação, inclusive Minas Gerais. Na Escola Estadual Paulo Freire, está inserido no contexto escolar há dois anos. Por meio dele, são realizadas oficinas, aulas e palestras sobre diversos temas, como o uso de drogas e a violência escolar.

As palestras, que acontecem mensalmente, sempre na última sexta-feira de cada mês, são organizadas pelos professores em torno do tema mais pertinente, escolhido por eles através de debates. No ano de 2017, das 11 palestras organizadas ao longo do ano, o tema de violência escolar foi escolhido para ser tema em quatro ocasiões, o que corresponde a quase 40% das palestras organizadas ao longo do ano. Tal dado indica a preocupação com essa temática.

As demais ações, as punitivas, são “aplicadas” aos alunos que cometem atos de violência escolar, sendo o professor ou o gestor o responsável por medir o grau de “gravidade” do ato e aplicar a punição que julgar necessária, sem uma padronização de punição ou uma coerência. Ou seja, o aluno não sabe o que lhe acontecerá ou qual será a medida que a escola tomará, diante de suas ações.

<sup>21</sup> O programa é realizado por policiais militares treinados e preparados para desenvolver o lúdico, através de metodologia especialmente voltada para crianças, adolescentes e adultos. O objetivo é transmitir uma mensagem de valorização à vida e da importância de se manter longe das drogas e da violência.

Nas reuniões do colegiado escolar, que tem o objetivo de fazer com que as decisões escolares sejam tomadas democraticamente na busca da melhoria da qualidade do ensino e do ambiente escolar, são relatados os casos de violência e discutidas ações e atitudes para o enfrentamento da mesma.

Os encontros são mensais, e os participantes procuram expor as dificuldades e sucessos escolares. A partir delas, são levantadas ideias e sugestões, de forma que as dificuldades sejam superadas e/ou compartilhadas. As reuniões do colegiado frequentemente citam casos de violência ocorridos na escola. Neste ponto, são discutidas as dificuldades que o problema tem trazido para a escola e o que pode ser feito para que elas sejam enfrentadas e resolvidas.

Acerca dessas dificuldades, exponho um relato da professora Rosa<sup>22</sup>, extraído do livro de atas do colegiado, na qual a mesma desabafou em uma das reuniões sobre a temática da violência escolar:

A indisciplina está demais, não estou dando conta de dar aula no 6º ano vermelho<sup>23</sup>. Os alunos não querem nada, só ficam se provocando, se xingando, se humilhando. É só virar as costas que uma briga começa, devemos separar esses meninos, não sei mais o que fazer, já não dou aula nesta turma há meses, eles não sabem nada. Estou vendo chegar a hora na qual os alunos vão me bater dentro da minha própria sala de aula. (PROFESSORA DA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE, registro de fala, transcrito em ata da reunião do colegiado realizada em 10 de agosto de 2017).

Esse relato da professora mostra o desespero, frente à violência escolar existente na instituição, assim como a falta de eficácia das ações de combate a esse problema, mesmo a escola participando destes projetos, organizando essas ações e aplicando as punições. Nessa perspectiva, pode-se constatar que as ações de combate à indisciplina (justiça), violência, *bullying* e as punições aos alunos não surtiram efeito na diminuição da violência.

Há conflitos que ocorrem com mais frequência e são cometidos sempre pelo mesmo grupo de alunos. Apesar de todas as ações possíveis realizadas pela escola, inclusive com o apoio da Polícia Militar, os registros de violência continuam frequentes por parte desses alunos.

---

<sup>22</sup> Nome fictício dado para preservar a identidade da professora.

<sup>23</sup> Sala de aula onde estudavam os alunos repetentes e de baixo desempenho.

A Tabela 7, elaborada a partir da análise de livros e cadernos de ocorrências oficiais da escola, permite visualizar alguns casos de alunos reincidentes entre os 324 alunos do ensino fundamental, anos iniciais, e dos 148 dos anos finais, em registros de violência, seja contra pessoas ou contra o patrimônio escolar, ocorridos na escola pesquisada no ano de 2017.

Foram analisados apenas os dados registrados no ano de 2017, pois, além do foco da pesquisa ser entre os anos de 2015 a 2017, este foi o ano em que a escola começou a atender à nova modalidade de ensino (anos finais do ensino fundamental). No ano seguinte (2018), os dados foram comprometidos por motivos de greve<sup>24</sup>, paralisações e falta de registro por parte dos docentes, acarretada pelos vários problemas vividos na educação daquele ano.

Com o objetivo de resguardar os alunos menores de idade e cumprir o que exige o artigo 247 da Lei nº 8.069<sup>25</sup>, de 13 de julho de 1990, a identificação dos mesmos foi feita a partir das iniciais de seus nomes, como pode ser visto na Tabela 9 (BRASIL, 1990).

Tabela 7 - Reincidência das situações de violência na Escola Estadual Paulo Freire no ano de 2017 (Anos Finais do Ensino Fundamental)

(continua)

ALUNOS	SEXO	REINCIDÊNCIAS	%
P.H.V.A	M	19	10,32
G.A.C	M	17	9,23
I.S.N	M	16	8,69
J.V.S.A	M	14	7,60
V.Z.C.M	M	13	7,06
F.N.S	M	10	5,43
J.A.C	F	10	5,43
Y.Q.A.L	F	09	4,89
J.A.F.D	M	09	4,89
A.C.L.F	F	09	4,89
V.B.T	M	08	4,34
L.A.L	M	08	4,34

<sup>24</sup> Os servidores da educação de Minas Gerais ficaram em greve por cerca de 60 dias em 2018.

<sup>25</sup> Art. 247.: Divulgar, total ou parcialmente, sem autorização devida, por qualquer meio de comunicação, nome, ato ou documento de procedimento policial, administrativo ou judicial, relativo à criança ou adolescente a que se atribua ato infracional.

Tabela 7 - Reincidência das situações de violência na Escola Estadual Paulo Freire no ano de 2017 (Anos Finais do Ensino Fundamental)

			(conclusão)
ALUNOS	SEXO	REINCIDÊNCIAS	%
I.M.A	M	08	4,34
K.F.A	F	07	3,80
H.A.Q.R	M	07	3,80
W.C.B	M	07	3,80
I.P.I	M	07	3,80
A.R.A.S	F	06	3,26
TOTAL	-	184	100,0

Fonte: Livro de Registros oficiais da Escola Estadual Paulo Freire (2018b).

A partir da análise das tabelas 8 e 9, foi possível concluir que, dos 404 casos de violência escolar registrados na Escola Estadual Paulo Freire em 2017, 74% foram cometidos por alunos dos anos finais do ensino fundamental. Dentre esses, 61,5% foram cometidos pelos mesmos alunos (dezoito alunos), descritos na tabela 10.

Nessa perspectiva, foi possível verificar que o contexto violento da escola não era uma situação generalizada, mas pontual, tendo em vista o grande número de reincidências registrados. Ou seja, a maior parte das ocorrências envolve sempre os mesmos alunos, em sua maioria, os adolescentes. Isto mostra que as ações de combate, as punições e as medidas tomadas pelos professores e pela gestão escolar não estão surtindo efeito. Dessa forma, os motivos devem ser investigados.

Destaca-se aqui que, quando o ambiente é propício à aprendizagem, este se configura como uma forma de contribuir para que seja garantido o direito constitucional de educação para todos, sendo esse um dever do Estado, da família e da sociedade. Destarte, faz-se necessária a contextualização dos problemas (razões, causas e determinantes) que geram as desordens, de forma que as ações, futuramente propostas, possam contribuir para a construção de um espaço escolar mais seguro para todos.

A partir das evidências e das reflexões aqui apresentadas, foi constatado que o clima escolar é um elemento essencial e imprescindível para o bom funcionamento da escola. Além disso, foram apresentados fatores que podem servir para avaliar se o clima escolar é positivo ou negativo.

Quando positivo, este ambiente é descrito como de ordem, calmo, orientado para as tarefas, com um maior desempenho dos estudantes, com bons relacionamentos interpessoais, proximidade dos pais e um estímulo ao autocontrole dos alunos e boa infraestrutura (SAMMONS, 1999 apud BROOKE; SOARES; 2008). Quando é negativo, pode representar um fator de risco à qualidade de vida escolar, contribuindo para o sentimento de mal-estar, que leva a situações de violência e de conflitos, provocando consequências negativas para a instituição escolar (MORO *et al.*, 2018).

Uma dificuldade vivenciada pelos estudantes, nos dias atuais, é o de ver, na escola, um local de convivência harmônica, cooperativa e inclusiva, onde o aprendizado se concretiza a partir do encontro com o outro, seja ele um colega de classe ou os seus professores. Tal dificuldade favorece a existência de conflitos que surgem dentro do próprio espaço escolar ou ocorrem através de problemas externos, ambos com ações configuradas como violência. Nesse cenário, a escola se torna a responsável pela resolução desses conflitos.

Diante desse contexto de clima escolar negativo, que está concomitantemente ligado à violência escolar e, por consequência, a altos índices de conflitos escolares, torna-se necessária uma análise minuciosa das evidências que tratam mais especificamente dos fatos e das razões que produziram tais situações. Dessa forma, vários fatores evidenciam o clima escolar negativo da instituição analisada, o que vem trazendo muitos problemas para a Escola Estadual Paulo Freire, principalmente depois da extensão do atendimento escolar da instituição ao segundo segmento do ensino fundamental.

Este capítulo analisou as consequências da deterioração do clima escolar, por meio da elevação dos níveis de violência escolar, a partir das evidências apresentadas. No capítulo seguinte, são analisadas, por meio da pesquisa documental e de campo, os fatores que contribuíram para o aumento da violência escolar na Escola Estadual Paulo Freire.

### 3 ANÁLISE DO CLIMA ESCOLAR NA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

O objetivo deste capítulo é analisar os fatores que contribuíram para o aumento da violência escolar, após a entrada dos alunos dos anos finais do ensino fundamental na Escola Estadual Paulo Freire. Para isso, são apresentados o referencial teórico, o diálogo com os autores, além da metodologia do estudo, o que inclui a apresentação dos instrumentos de pesquisa. Por fim, neste capítulo, são analisados os dados obtidos na pesquisa de campo.

Para isso, é apresentado, na primeira seção, o referencial teórico deste estudo, que é constituído por autores que se debruçam sobre os temas relacionados aos eixos de análise desta dissertação. Na segunda seção deste capítulo, são abordadas a metodologia e os instrumentos de pesquisa a serem utilizados, como os questionários aplicados a alunos da instituição.

Nessa seção, são elencados, também, os eixos de análise do clima escolar. São eles: i) os sentidos de pertencimento à Escola Estadual Paulo Freire e a análise de seu clima escolar; ii) a atuação da gestão escolar e a percepção da participação dos alunos nas ações escolares; iii) a perspectiva de futuro dos alunos.

Finalmente, na terceira seção, são analisados os dados obtidos em pesquisa. Para isso, foram abordados os fatores que afetam o clima escolar e dificultam a convivência no espaço e geram conflitos.

#### 3.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente, a violência escolar se configura como um processo evolutivo dentro das escolas. Porém, em alguns casos, ela é disfarçada ou confundida com indisciplina ou, até mesmo, como uma brincadeira. Já o clima escolar está diretamente ou indiretamente associado à qualidade de vida e produtividade dos alunos, docentes e demais atores escolares. Ele é composto pelas características próprias da unidade educacional, como organização, funcionamento e interação entre seus membros. Nesse sentido, o clima escolar se configura como um processo dinâmico de interação, formado pelas atitudes e práticas dos atores escolares, bem como por suas percepções acerca das variadas situações escolares cotidianas.

As discussões teóricas, utilizadas nesta investigação, ajudam a compreender os problemas relacionados ao clima escolar negativo. Este está ligado à violência na escola, ou seja, à degradação do clima escolar, frente aos problemas escolares.

Seguindo a perspectiva criada por Candian e Rezende (2011), de uma pesquisa realizada objetivando a construção de um ambiente escolar propício à aprendizagem, foi possível constatar que, para a harmonização do ambiente escolar, faz-se necessária uma boa interação e relação entre seus atores, além de medidas corretas e justas para a resolução de conflitos. Nesse contexto, o clima escolar pode atuar como um fator positivo, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos.

Além de serem utilizados como base da avaliação do clima da Escola Estadual Paulo Freire, os indicadores também são usados como base para elaboração dos instrumentos de pesquisa. Em relação a esses indicadores do clima escolar (boa interação entre os atores escolares e medidas justas e corretas), Romero *et al.* (2014) afirmam que:

O clima escolar tem como base as manifestações de alunos em relação à aprendizagem e seu desenvolvimento, o conforto e segurança proporcionados pela escola, convivência e relacionamento entre os atuantes da escola, pertencimento e inclusão dos alunos na escola, motivação e satisfação que os alunos sentem dentro da escola. Em base a estas diretrizes, o conceito de clima escolar aqui adotado encontra-se focado em sentimentos e percepções dos alunos sobre o ambiente escolar e na qualidade das relações que lá se desenvolvem (ROMERO *et al.*, 2014, p. 6).

O CAEd, em uma pesquisa publicada na “Revista Contextual do SADEAM”, apresentou o clima escolar como um fator que se destaca, uma vez que está associado ao desempenho do aluno e contribui para explicação do processo de ensino e aprendizagem (AMAZONAS, 2015). O clima escolar é composto pelas características próprias da unidade educacional, como organização, funcionamento e interação entre seus membros.

Dessa forma, nessa pesquisa, procurou-se de pensar a violência escolar e o clima escolar a partir de dois eixos principais, que, nesse momento, compõem as duas subseções do referencial teórico.

O primeiro propõe refletir e analisar a violência escolar sob a perspectiva de alguns autores que buscaram discutir esse fenômeno e os seus impactos no dia a dia da escola. O segundo eixo traz reflexões relacionadas ao clima escolar, sustentando-se nos estudos acerca dos benefícios de se buscar um clima escolar positivo para as instituições de ensino.

### **3.1.1 A violência no ambiente escolar**

Neste eixo, os autores, que tratam da violência escolar, contribuirão para a análise do fenômeno rotineiro nas instituições de ensino, principalmente nas instituições públicas, trazendo definições e conceitos acerca dos atos de violência na escola.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em um relatório datado de 2002, define violência como “[...] o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, perturbação do desenvolvimento ou privação.” (OMS, 2002, p. 4). Esta definição associa a intencionalidade com a prática do ato propriamente dito, independentemente do resultado produzido, excluindo-se, por isso, os incidentes não intencionais.

Ainda segundo a OMS, fatores que levam à violência são: as características biológicas e demográficas (idade, gênero, nível educacional e salarial), as desordens de personalidade, abuso de substâncias (tóxicas), história prévia de comportamento agressivo e de experiência de abuso. Além destas, as relações sociais, estabelecidas com a família e os amigos, são fatores que podem contribuir ou distanciar os indivíduos da violência.

Neste sentido, Amado e Freire (2002) dizem que um comportamento violento se diferencia de outros tipos de comportamento, devido ao impacto negativo que causa, seja ele físico ou emocional. O comportamento violento implica somente a intenção de causar dano a algo (patrimônio, materiais, espaços físicos) ou a alguém (colegas, professores, servidores, gestores), representando um grande problema para as escolas enfrentarem. Para os autores:

A violência na escola traduz-se numa grande diversidade de comportamentos antissociais (qualquer forma de opressão ou de exclusão social, agressões, vandalismo, roubo) que podem ser desencadeados por alunos ou por outros elementos da comunidade escolar. (AMADO; FREIRE, 2002, p.01).

Ainda segundo Amado e Freire (2002, p.01),

Condutas violentas são geralmente associadas, quer a baixos níveis de tolerância, quer a dificuldades no desenvolvimento moral e na autoestima das vítimas e dos agressores, estando também intimamente ligadas aos princípios fundamentais da democracia e à defesa dos direitos humanos.

Ressaltando o que foi dito sobre violência escolar, é possível observar, a cada dia, que os meios de comunicação e, principalmente, as mídias sociais divulgam esses episódios de violência em ambientes escolares, dando um enorme destaque e deixando transparecer, para a sociedade, o sentimento de que o ambiente escolar deixou de ser seguro e não atende às demandas da sociedade.

Ao refletir sobre tal perspectiva, Abramovay e Rua (2002) sinalizam que tal ideia:

[...] rompe com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 26).

A violência nas escolas se desencontra com a função social dela, sendo este um lugar de socialização, integração social, compartilhamento de conhecimento pedagógico e de relações humanas.

Os professores e a família são peças fundamentais no “combate” à violência escolar e devem estar envolvidos para que os jovens tenham perspectivas de vida além da escola, como trabalho, família, estudos ou qualquer outra ambição pessoal.

Se os alunos concluírem que o benefício do estudo é ilusório e que o diploma não tem o valor esperado e prometido, o seu dia a dia escolar será comprometido negativamente. Nesse sentido, Dubet (2003) afirma que as condutas violentas dos jovens são respostas à percepção de que é difícil atingir os

objetivos preconizados pela sociedade, por meio da escola, como status e ascensão social.

Para Abramovay (2003 apud PRIOTTO; BONETI, 2009), pode-se explicar a violência escolar da seguinte maneira:

- a) violência física: de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios. Além das diversas formas de agressões sexuais.
- b) agressão física: homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas que ferem, sangram e matam.
- c) violência simbólica: Verbal - abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; Institucional – marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder.
- d) violência verbal: incivilidades (pressão psicológica), humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou “bullying” (ABRAMOVAY, 2003 APUD PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 49 – 50).

Diante da descrição feita pelos autores, percebemos que, apesar da importância destas contribuições a respeito das causas do fenômeno da violência no ambiente escolar, ainda são necessários mais ações nesse quesito. Segundo Sposito (2001), os trabalhos existentes na área, em sua grande parte, não dão conta da dimensão, magnitude, e diversidade da questão, uma vez que são diagnósticos de âmbito local, além de não fornecerem importantes informações sobre a ocorrência de episódios violentos.

Reconhecendo, assim, que a violência escolar afeta de modo adverso e entendendo a escola como espaço de grande importância no desenvolvimento e na socialização dos alunos, na subseção 2.1.2, são apresentados o clima escolar e o papel da gestão escolar, diante dos casos de violência na escola. Ademais, são apontados os desafios e os caminhos a serem seguidos, com vistas a garantir um ambiente propício à aprendizagem.

### **3.1.2 O clima escolar e a gestão do conflito**

O clima é um conceito-chave no planejamento das escolas e, portanto, de fundamental importância para a implantação de estratégias que promovam a sua

melhoria. Para isso, é preciso uma gestão inovadora, “aberta às mudanças”, a valorização dos atores escolares, o exercício constante do diálogo e do trabalho coletivo, o fomento à participação da família e da comunidade nas ações da instituição, de maneira a possibilitar o desenvolvimento da sociabilidade e do sentido de pertencimento (ÁQUILA *et al.*, 2009).

No que diz respeito aos indicadores do clima escolar propostos pelo CAEd, o primeiro é o ambiente escolar. Ou seja, está relacionado com a diminuição de comportamentos de risco, a diminuição das taxas de suspensões de estudantes, problemas de indisciplina em geral, agressões, bullying, furtos e problemas sociais e emocionais ocorridos na instituição escolar.

Díaz-Aguado Jalón *et al.* (2010) e Blaya *et al.* (2004), em suas pesquisas, relacionam o clima das escolas como um elemento essencial ao bom funcionamento da escola. Quando é negativo, pode representar um fator de risco à qualidade de vida escolar, contribuindo para o sentimento de mal-estar e para o surgimento da violência.

Ferreira (1986) define violência como: qualidade de violento; ato violento, ato de violentar; constrangimento físico ou moral, uso de força, coação. Michaud (1989), por sua vez, define a violência da seguinte forma:

Há violência quando numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas ou culturais. (MICHAUD, 1989, p.14).

Levando em consideração a definição proposta por Michaud (1989), podemos compreender que qualquer dano à integridade física ou moral de qualquer indivíduo integrante da escola pode ser considerado violência. Nesse sentido, Debarbieux (2002) ressalta que a qualidade do clima escolar é uma variável importante para prevenir a violência. Segundo o autor, as instituições que apresentaram êxito em programas de prevenção da violência tinham um clima escolar positivo.

Portanto, para se prevenir e combater a violência encontrada na Escola Estadual Paulo Freire, deve-se, primeiramente, melhorar o ambiente escolar da instituição, a fim de acabar com os problemas de ordem comportamental

(indisciplina, violência, bullying e outros) que ocorrem entre estudantes, entre escola e família e entre estudantes e professores.

Segundo Moro *et al.* (2018), “[...] fatores internos e externos às escolas poderiam influenciar o desempenho dos alunos, a partir dos dados relativos às avaliações externas, tendo relação, por exemplo ao clima escolar” (p.08).

Para os autores, é de fundamental importância a implantação de estratégias que promovam um clima escolar positivo. Ainda sobre o ambiente escolar, Abramovay e Rua (2002) afirmam que:

Para a constituição de um ambiente escolar propício à aprendizagem, faz-se necessário a criação de boas condições de convívio, boas condições motivacionais, estímulos à criatividade, senso de responsabilidade e compromisso, além de interações saudáveis, para que dessa forma, o clima escolar atue como um fator positivo que contribua para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 14).

Portanto, a melhoria da escola requer ação coordenada, sustentada, além de esforços intencionais para criar clima de aprendizagem que promova o desenvolvimento social, emocional, intelectual e ético dos alunos (MORO *et al.*, 2018), despertando neles uma perspectiva de melhora de vida, conquistada através dos estudos e, conseqüentemente, da escola.

O segundo indicador é ii) a interação e relação entre seus atores, ou seja, o sentido de relação entre pares. Camacho (2001), em seu estudo, procurou investigar a relação entre os alunos. Nele, constatou que as agressões entre pares são cometidas, principalmente, nos intervalos entre as aulas, nos pátios, no recreio e nos corredores. Na sala de aula, a sua incidência é menor, embora esteja presente de uma forma mascarada, isto é, disfarçada como uma brincadeira.

Isto sugere uma relação entre o aumento de maus tratos e agressões a uma ausência de autoridade, diante da não presença de professores. Tal realidade demonstra a importância dos professores no combate a violência escolar, pois, na maior parte do dia, os alunos estão sempre acompanhados de um professor, conforme citam Silva e Salles (2010):

A diminuição da violência passa por uma postura firme e pelo empenho nas atividades didáticas do corpo docente, pelo

compromisso dos professores com o seu trabalho e pelo tratamento não diferenciado entre os alunos de melhores e piores rendimentos escolares. Passa também pelo interesse dos alunos pela escola e pelas tarefas escolares. Quanto maior a perspectiva que o estudante vê para desenvolver-se na escola menos atos violentos ele comete. (SILVA; SALLES, 2010, p.08).

As autoras afirmam, ainda, que o nível de comprometimento dos alunos com as tarefas escolares varia de acordo com o professor. Segundo elas, os alunos valorizam a disponibilidade que o professor tem para se comunicar com os estudantes, o quanto respeita as suas ideias e o quanto permite que interfiram no processo de tomada de decisões em sala de aula.

Os estudantes participam, mais e melhor, quando percebem que os docentes se preocupam com eles, se interessam por sua vida pessoal e pelo seu bem-estar, mostram interesse pelos alunos e não os castigam de forma humilhante. Segundo Revilla Castro (2002), a maioria dos estudos que coletaram depoimentos de alunos a esse respeito evidenciaram que as agressões dirigidas aos professores estariam relacionadas às características do professor e à sua incapacidade para manter a ordem.

Ainda sobre a perspectiva do indicador da interação entre atores escolares, vem a importância da família. Segundo Patterson (1992 apud SILVA; SALLES; 2010), existe uma relação entre conduta violenta e ruptura da estrutura familiar (como a separação dos pais), existência de relacionamentos familiares conflitivos, pouca habilidade dos pais em lidar com as crianças e a permissividade deles.

Os estilos parentais de imposição de disciplina marcados por práticas disciplinares autoritárias, inconsistentes e punitivas e permissivas contribuem para que as crianças sejam excluídas por seus iguais e para a ocorrência de comportamentos violentos... Postula-se com isso um modelo de transferência da violência: família, escola, rua (PATTERSON, 1992, p. 29, apud SILVA; SALLES, 2010).

Os estudos que analisam as características dos familiares dos agressores têm apontado para três fatores relacionados com as normas de socialização paterna. Em primeiro lugar, uma atitude básica do principal responsável, em geral, a mãe, negativa em relação ao filho, com pouca demonstração de afeto.

Soma-se a isso uma permissividade para comportamentos agressivos em casa e, mesmo em alguns casos, o incentivo dos pais para que os filhos exerçam violência. E, por fim, predomina o uso de métodos disciplinares agressivos com castigos físicos e emocionais muito violentos (MELO, 1998; REVILLA CASTRO, 2002).

Na mesma direção, estudos têm apontado para a importância do contexto familiar na produção da violência no âmbito escolar. Os comportamentos violentos que, até então, apareciam apenas no contexto privado da família, surgem também no meio escolar, tanto na sala de aula, quanto na relação com os amigos e, depois, nas ruas. O comportamento agressivo, que se manifesta no interior das famílias, pautadas por este tipo de comportamento, se generaliza para dentro a escola.

Afinal, para um bom clima escolar, é necessário mais do que um ambiente amistoso entre os profissionais e os alunos. É necessária uma escola disposta a enfrentar, em parceria com os familiares, o desafio de ensinar e de educar, ou seja, uma escola disposta a conhecer e a lidar com seus discentes.

Um dos papéis do gestor escolar é fazer com que essa engrenagem funcione bem, e os professores atuem. Para tanto, é fundamental trazer as famílias para a escola, de forma que elas contribuam, e os alunos entendam o seu papel na sociedade. Porém, a violência tem imposto dificuldades à gestão da Escola Estadual Paulo Freire, uma vez que resolver frequentemente problemas tem tomado muito tempo da equipe gestora da instituição.

Esta situação tem feito com que os demais problemas da escola fiquem em segundo plano. Falta tempo para se dedicar às outras ações e funções, ficando, por esse motivo, a escola prejudicada em diversos aspectos, já que o gestor tem outras responsabilidades, que, conforme o Regimento Escolar da instituição, são:

Cuidar das finanças da escola, prestar contas à comunidade, prezar pelo bom relacionamento entre os membros da equipe escolar, garantindo um ambiente agradável, cobrando para que a escola se mantenha sempre limpa e organizada, garantindo a integridade física da escola, tanto na manutenção dos ambientes quanto dos objetos e equipamentos, conduzir a elaboração do projeto político-pedagógico, o PPP, mobilizando toda a comunidade escolar nesse trabalho e garantindo que o processo seja democrático até o fim, acompanhar o cotidiano da sala de aula e o avanço na aprendizagem dos alunos, ser parceiro do coordenador pedagógico na gestão da aprendizagem dos alunos,

incentivar e apoiar a implantação de projetos e iniciativas inovadoras, provendo o material e o espaço necessário para seu desenvolvimento, gerenciar e articular o trabalho de professores, coordenadores, orientadores e funcionários e manter a comunicação com os pais e atendê-los quando necessário. (ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE, 2018a, p. 29).

Por isso, o papel do diretor, na gestão escolar, é fundamental para a instituição de ensino. Como administrador, o diretor deve assumir a liderança, assegurar a conquista das metas da escola, planejar, organizar o trabalho, coordenar os esforços e avaliar os resultados. Porém, se ele não encontrar condições e tempo para se dedicar a essas ações, o diretor nunca encontrará meios para remediar as eventuais deficiências de sua escola e, conseqüentemente, melhorar o clima da sua instituição de ensino (MENESES, 1998).

O clima é melhor quando os educadores e alunos percebem o diretor como confiável e respeitoso, alguém que os apoia, aberto e engajado, ou seja, quando o administrador é visto como um aliado; quando há uma gestão participativa, sendo as decisões compartilhadas; e quando há uma boa liderança e boa comunicação (MORO *et al.*, 2018).

O terceiro indicador é iii) as medidas tomadas para a resolução de conflitos, que envolvem as percepções sobre a severidade com que se desenvolvem as relações de autoridade no interior da escola, assim como as percepções acerca do nível de participação dos agentes no estabelecimento das regras que coordenarão suas ações, além do grau de respeito pelo cumprimento de tais regras.

O contexto violento da escola está relacionado com a elaboração e o cumprimento (ou não) das regras que regem as relações na escola, sejam elas referentes às relações estabelecidas em sala de aula, sejam elas relativas ao ambiente escolar extraclasse. A realização das regras e o cumprimento delas são elementos fundamentais para a percepção da escola como um ambiente favorável à aprendizagem e como um ambiente em que todos da comunidade escolar desejariam estar.

Um dos fatores que explica o aumento dos problemas comportamentais é a percepção de uma justiça escolar fraca, ou seja, o sentimento de justiça tem grande importância para o clima escolar, e este será negativo, caso tenha regras unilaterais, injustas e excessivas, aplicação inconsistente de regras, censuras

generalizadas e punições à maioria, punições arbitrárias e desproporcionais, entre outras (MORO *et al.*, 2018).

Para analisar esses indicadores, no contexto da Escola Estadual Paulo Freire, são utilizados instrumentos e métodos de pesquisa que facilitam a coleta de dados quanto ao problema de gestão. Nesse sentido, importa explicar a metodologia utilizada para a obtenção dos dados explorados ao longo desta dissertação.

A próxima seção, portanto, procura apresentar a metodologia desenvolvida para estudo e análise dos dados obtidos, assim como explicitar o motivo da escolha dos instrumentos utilizados neste estudo. Além disso, apresenta os resultados encontrados na aplicação do questionário aos alunos e entrevistas com os professores, descrevendo os resultados sob a perspectiva dos eixos de análise.

### 3.2 METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Com o objetivo de analisar os fatores que contribuíram para o aumento da violência escolar, foi realizada uma pesquisa qualitativa, sendo possível, assim, estabelecer fronteiras entre o fenômeno e seu contexto que anteriormente não estavam definidas. (SANTOS, 2016).

A metodologia utilizada neste estudo é a do estudo de caso, e os instrumentos de pesquisa utilizados foram as entrevistas e análise documental. Esse estudo de caso tem uma abordagem qualitativa, que, conforme Minayo (2010), dá ênfase à fase exploratória; trabalho de campo; análise e tratamento do material empírico e documental. A escolha da abordagem qualitativa é adequada ao tipo de pesquisa em foco, conforme as conceitualizações de Kipnis e David (2004). Segundo eles, o pesquisador deve assumir o papel de observador, que capta, interpreta e redige a informação, de forma que outros possam também compreender a experiência. O objetivo é entender como a realidade é construída pelos sujeitos. Ainda a respeito das pesquisas qualitativas, André (2013) apresenta algumas considerações:

Na perspectiva das abordagens qualitativas, não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido

para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. Isso sim é importante, porque revela a preocupação com o rigor científico do trabalho, ou seja: se foram ou não tomadas as devidas cautelas na escolha dos sujeitos, dos procedimentos de coleta e análise de dados, na elaboração e validação dos instrumentos, no tratamento dos dados. Revela ainda a ética do pesquisador, que ao expor seus pontos de vista dá oportunidade ao leitor de julgar suas atitudes e valores. (ANDRÉ, 2013, p. 96).

A escolha por uma abordagem qualitativa para esse estudo se justifica pelo fato de que este tipo análise, segundo Richardson (1999):

[...] descreve a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 1999, p.80).

Quanto à trajetória do processo de coleta de dados, foi realizada uma pesquisa documental nos meses de junho e julho. Através dela, foram analisados os livros de ocorrências da escola, com o intuito de analisar o número de casos de violência da escola, de casos de violência na escola e de casos de violência contra a escola. Para isso, foi feita uma leitura minuciosa de todas as ocorrências, a fim de compreender a ordem, a origem e a motivação dos atos de violência na instituição foco do estudo. Com as categorias de análise das ocorrências já pré-estabelecidas, foram registrados os dados obtidos em uma tabela, onde foi indicada a quantidade de casos de violência registrados no livro de ocorrência da escola dos anos de 2017 a 2019.

Além da pesquisa documental, que foi feita a partir de eixos de análise previamente estabelecidos, foram aplicados questionários para alunos da instituição de ensino pesquisada e entrevistas com professores da instituição. Por se tratar de uma análise predominantemente qualitativa, optou-se pela aplicação de questionários a todos os alunos do segmento do ensino fundamental, anos finais, da Escola Estadual Paulo Freire, que estavam regularmente matriculados no ano de 2019.

Estes sujeitos foram escolhidos para responder ao questionário, pois, com a entrada no ensino fundamental anos finais, os dados apontaram que a violência escolar aumentou drasticamente e, por isso, foi importante ouvir esse público. Segundo Gil (2008), um questionário é tão somente um conjunto de questões,

feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos da proposta que o pesquisador tem em mente. Construir um questionário consiste, basicamente, em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. Por meio das respostas, o pesquisador pode entender as características da população pesquisada. (GIL, 2008).

Neste estudo, os questionários foram utilizados para complementar a percepção da realidade pesquisada. Para tanto, foram feitas perguntas objetivas sobre a situação dos alunos, em relação ao clima e à violência por eles sofrida nos espaços escolares. Ademais, procurou-se avaliar a participação dos alunos nas decisões e organizações escolares. Por fim, foram obtidos dados sobre a perspectiva de futuro dos alunos e participação da equipe gestora da instituição (Apêndice A).

O período de aplicação do questionário foi do mês julho do ano de 2019, em uma data organizada para tal, na qual foi planejada a aplicação em 68 alunos, do 8º e 9º ano do ensino fundamental, anos finais. Deste total, 64 alunos responderam ao questionário, e quatro alunos deixaram em branco, sendo estes desconsiderados pelo pesquisador.

O questionário foi aplicado pelo próprio pesquisador durante a aula da disciplina de Português, cedida pelo professor para tal finalidade. O questionário foi aplicado de forma impressa, e os alunos tiveram 20 minutos para responder, após as devidas explicações sobre a pesquisa. Nesse sentido, foram abordadas questões como: objetivo do estudo, importância e responsabilidade em responder de forma verdadeira e a certificação de que eles não teriam prejuízo algum ao responder e nem seriam identificados.

Responderam ao questionário 64 alunos com a faixa etária entre 13 e 16 anos, do 8º e 9º ano do ensino fundamental, anos finais, turno matutino, que estão estudando na Escola Estadual Paulo Freire durante o ano de 2019. Destes, a maioria (53 participantes) tem entre 13 e 14 anos. O questionário foi dividido em três partes. A primeira possuía 23 perguntas sobre os sentidos de pertencimento e clima escolar. A segunda abrangeu 11 questionamentos sobre a atuação da gestão escolar. Por fim, a terceira, com oito perguntas, questionava sobre a perspectiva de futuro.

Para as entrevistas, as escolhas dos professores tiveram o pré-requisito de estar trabalhando na instituição por um período de no mínimo dois anos. Esse

critério de tempo mínimo de trabalho se justifica pela busca de atingir professores que participaram de várias ações da escola ao longo destes anos. Tendo como referência o tempo de permanência do professor na escola pelo período de dois anos, o número de professores que preencheram o pré-requisito mínimo para participar da pesquisa foi de cinco docentes, sendo que três deles se negaram a participar por motivos pessoais, e os outros dois foram entrevistados.

As docentes entrevistadas eram do sexo feminino, pardas, ambas com nível de escolaridade superior completo, que atuam na escola há mais de dois anos no ensino fundamental, anos finais, uma sendo a supervisora, que atua na instituição, e a outra professora da disciplina de Artes, com idade de 38 e 32 anos, respectivamente, ambas com experiência de docência por mais de 12 anos.

As entrevistas aconteceram no mês de agosto de 2019, uma no período da manhã e outra à tarde. A entrevista, que teve um formato semiestruturado, seguiu a um roteiro previamente estabelecido, que foi alterado conforme o desenvolvimento da entrevista e temáticas abordadas pelo entrevistado e entrevistador. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos básicos, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador. Nesse sentido, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. Segundo Richardson (1999), esse tipo de entrevista ocorre por meio de uma conversa guiada, que visa obter, do entrevistado, o que ele considera como aspectos mais relevantes e detalhados de determinado problema.

Todas as entrevistas foram realizadas em uma sala da Escola Estadual Paulo Freire, anteriormente estabelecida a partir de um consenso entre o entrevistado e o entrevistador, a fim de criar um ambiente confortável e discreto, permitindo, assim, uma maior interação entre ambos.

Para a gravação das entrevistas, foi utilizado um aparelho de celular, de forma que fossem registrados os depoimentos dos professores. Tanto a gravação, quanto o uso das informações foram autorizadas pelos entrevistados, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice C). O conteúdo das entrevistas foi transcrito, na íntegra, pelo pesquisador e armazenado no computador pessoal. Buscou-se, então, a partir dos resultados dos questionários e das entrevistas, analisar os fatores que contribuíram para o

aumento da violência escolar, compreendendo as suas origens, para, assim, enfrentá-la.

Na subseção a seguir, apresentamos as análises dos dados obtidos na pesquisa de campo. As reflexões foram organizadas em seções, a partir de eixos de análise previamente definidos.

### 3.3 PESQUISA DOCUMENTAL

A fim de compreender os atos de violência e como e onde eles ocorrem no ambiente escolar da Escola Estadual Paulo Freire, foi realizada uma pesquisa documental em três etapas. São elas: a pré-análise, a análise dos documentos e a análise dos resultados. A pré-análise contou com uma organização do material a ser analisado, como: separação e identificação do que foi utilizado. A análise ocorreu durante quatro semanas, após organização dos livros de ocorrência dos anos 2017, 2018 e 2019. Nesse sentido, foram considerados todos os registros de ocorrência escritos no livro de registro escolar durante esses anos. O público analisado foi o de alunos do ensino fundamental, anos finais, considerando que o importante era verificar qual o tipo de violência e, conseqüentemente, como, por que e onde ela acontecia.

Os tipos de análise tiveram o intuito de facilitar a interpretação dos dados. Para isso, foram definidas categorias pertinentes aos objetivos do estudo de caso. São elas: a violência na escola, a violência contra a escola e a violência da escola. A primeira seria aquela ocorrida dentro dos portões escolares, sem ter ligação com a instituição ou sua função. A segunda seria aquela em que o que se pretende atingir é a instituição e seus representantes. Por fim, a terceira seria institucional, simbólica, praticada pela escola e à qual os jovens são submetidos. Um exemplo seria a distribuição da classe ou o tratamento recebido pelos alunos (CHARLOT, 2002).

A partir das categorias estabelecidas, foram registrados os dados na Tabela 8, que indica a quantidade de casos de violência registrados no livro de ocorrência da escola, dos anos de 2017 a 2019, por categoria.

Tabela 8 - Casos de violência registrados nos livros de ocorrência da escola, por categoria (2017-2019)

Ano	Violência da escola	Violência na escola	Violência contra a escola	Total
2017	64	111	33	208
2018	38	57	06	101
2019	22	43	09	74

Fonte: Livro de Registros oficiais da Escola Estadual Paulo Freire.

Os dados registrados na Tabela 8 indicam que os casos mais frequentes de violência escolar encontrados na Escola Estadual Paulo Freire são os de violência na escola, seguido por violência da escola e, por último, violência contra a escola. Isto indica que as brigas, atos ou ações de violência física, indisciplina e os atos de incivilidade são os casos mais frequentes no ambiente escolar.

Para Charlot (2002), nas escolas onde há um alto índice de violência, ocorre uma tensão social, em que, por qualquer desentendimento, é desencadeada uma série de atos violentos. O autor estabelece uma relação entre o saber e a violência escolar. Para ele, onde há a satisfação no aluno, não há violência, ou seja, este processo está ligado às “[...] práticas de ensino quotidianas que, em último caso, constituem o coração do reator escolar: é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola.” (CHARLOT, 2002, p. 441).

Ao analisar a descrição das ocorrências registradas no livro de registro escolar, parte dos registros do ano de 2017 aponta para a mesma turma, possibilitando uma interpretação do prejuízo de separação de turma por segregação de nível de conhecimento. Percebe-se, também, que a maioria dos registros não conta com ações ou atitudes tomadas pela equipe gestora ou professores. Para que os casos registrados não se repetissem, os registros se restringiam apenas ao relato do ocorrido e não à ação proposta para que não ocorresse novamente, como descrito nos exemplos a seguir:

Aos quatorze dias do mês de abril de dois mil e dezessete (sexta-feira) os alunos João, Maria, Lucas e Miguel<sup>26</sup> foram levados a direção porque estavam pegando material escolar que fica guardado em sala com cadeado que foi quebrado. Segundo a professora da Educação Integral já haviam sumidos outros materiais. Durante a conversa com os alunos os mesmos confessaram que estavam fazendo isso há algum tempo e foram advertidos com essa ocorrência, as famílias serão chamadas na

<sup>26</sup> Nomes fictícios.

escola. (Livro de ocorrência oficial E.E. Paulo Freire – Violência contra a escola).

Hoje dia vinte de agosto de dois mil e dezoito, segunda-feira, os alunos do 7º ano, João e Maria vieram para a escola, mas não permaneceram na sala de aula em nenhum horário e “fugiram” da escola na hora do recreio, isso vem acontecendo com frequência, os alunos relatam que não gostam da turma que a escola criou<sup>27</sup>. (Livro de ocorrência oficial E.E. Paulo Freire – Violência da escola).

Aos vinte e três dias do mês de outubro de dois mil e dezoito, o aluno João, brigou na hora do recreio, ao ser chamada sua atenção o aluno agrediu com palavras a supervisora, o aluno relatou que não gosta dos colegas de sala e por isso briga muito. A mãe do aluno será chamada para conversar. (Livro de ocorrência oficial E.E. Paulo Freire – Violência na escola)

Os registros de ocorrência descritos anteriormente mostram que os casos são frequentes, havendo uma reincidência pelos mesmos alunos. Por isso, os problemas não são resolvidos e sim apenas registrados. Para Elias (2011), a violência é um tema complexo, múltiplo, interligado, formando uma constelação e, por isso, a ação educativa precisa ser realizada por meio de uma articulação de ações, atores e instituições, primeiramente, de forma preventiva.

E como a escola tem agido? Ao analisar os dados da tabela e as ações descritas nos livros de ocorrência, mediante os casos de violência, é possível perceber que a escola tem buscado apoio das famílias. Do total de registros realizados no livro de ocorrência, em 63% deles aparecem informações de que a família foi avisada ou convocada a comparecer à escola. Foi informado, às famílias, que elas têm o dever e a corresponsabilidade social de cuidar da educação de seus membros, auxiliando a instituição nos problemas escolares, pois a escola e as famílias têm o objetivo comum de educar a criança para a vida em sociedade, já que a “[...] educação é um direito de todos e dever do Estado e da família.” (BRASIL, 1988, recurso online).

Porém, os responsáveis pelos alunos não têm cumprido com seus deveres. Atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que os professores transmitam valores morais,

---

<sup>27</sup> Turma onde estudavam os alunos repetentes e de baixo desempenho.

princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras, até hábitos de higiene pessoal.

Continuando a análise da tabela 10, é possível perceber, também, que a quantidade de registros de violência tem caído do ano de 2017 até o ano de 2019. Isto se deve a dois fatores: o primeiro, já apresentado anteriormente neste estudo, é que, no ano de 2018, os dados foram comprometidos por motivos de greve e paralisações<sup>28</sup> dos servidores estaduais, o que provavelmente fez com que os registros daquele ano ficassem prejudicados.

Além disso, no ano de 2019, os registros estão menores que no ano de 2017, possivelmente, devido às análises terem sido feitas no mês de julho de 2019, com ainda cinco meses para o término do ano.

Isso aponta que a diminuição dos casos de violência, apresentada na tabela 9, é consequência da falta de registro e não somente das medidas contra a violência, não sendo possível, portanto, dizer como a escola se comportou com relação a esses casos.

Devido a isso e após perceber quais são as violências (na escola, contra a escola e da escola) frequentemente registradas nos livros de ocorrência e que não eram realizadas medidas para combatê-las, surgiu a necessidade de se apropriar de mais dados e informações sobre clima escolar e violência escolar. Dessa forma, seria possível, além de saber onde e como ela acontece, também criar estratégias para enfrentá-la de forma mais objetiva e eficaz, de maneira que não se repetisse ou, até mesmo, ocorresse.

Por isso, entender mais sobre o contexto familiar dos alunos da instituição, compreender o clima escolar e a atuação da gestão é fundamental para não se correr o risco de realizar atos rápidos, imediatos e descontextualizados, que não contribuam para prevenção e enfrentamento da violência na escola. Porém, “apenas” com a análise documental realizada não se pode compreender o que os alunos pensam a respeito da violência, pois os registros foram feitos de forma despadronizada e inadequada, o que dificulta a análise dos dados. Ademais, os registros não contemplam as informações necessárias para tal.

---

<sup>28</sup> A greve e as paralisações eram repostas em dias de sábado e em dias em que normalmente seriam as férias/recessos escolares (julho, outubro e janeiro). Nestes dias, a frequência dos alunos é muito baixa.

Com isso, foram definidos mais dois instrumentos de pesquisa, os quais complementariam as análises da pesquisa documental. Para isso, foram definidos que seriam realizados questionários com os alunos, a fim de saber o que eles pensam a respeito da instituição, da violência e de sua realidade, além de entrevistas com os docentes, a fim de ouvir quem está em contato mais próximo com os alunos e, conseqüentemente, convive e/ou é vítima frequente de casos de violência encontrados nos livros de registro da instituição.

Portanto, para compreender os fatores que influenciam nos casos de violência existentes na instituição, na seção seguinte, são apresentados e discutidos os resultados do questionário aplicado aos alunos, bem como das entrevistas realizadas com os professores. A partir de tais informações, torna-se possível complementar a percepção da realidade vivida por eles, em relação ao clima escolar e à violência por eles sofrida ou manifestada nos espaços escolares. Ademais, por meio dos questionários, procura-se avaliar a participação dos alunos nas decisões e organizações escolares, a perspectiva de futuro dos alunos, participação da equipe gestora da instituição, medidas disciplinares, conseqüências da violência, depredação do patrimônio, entre outras informações pertinentes à pesquisa, a fim de dar respostas às questões norteadoras desta pesquisa.

### **3.3.1 Violência na Escola**

Peralva (1997) relata que, na década de 1990, houve, na França, uma mudança gradativa da violência externa para um tipo de violência interna à escola, sob a forma de agressões de alunos contra professores e funcionários, agressões entre estudantes, roubos realizados pelos próprios alunos, confusões e contradições nas equipes educativas, protestos e greves de pessoal. Seriam estas as manifestações da violência na escola. Já Lucinda *et al.*(1999) citam diferentes manifestações de violência que, de forma direta ou indireta, ocorrem no cotidiano das escolas brasileiras. Dentre elas, estão as que se colocam na categoria de violência na escola: furto de materiais, brigas e agressões entre alunos, insultos, exploração dos mais novos, ameaças a professores e agressões verbais, físicas ou psicológicas aos alunos ou funcionários.

Como já discutido anteriormente neste estudo, o clima escolar influencia na dinâmica da instituição de ensino e, por sua vez, é influenciado por ela. Deste modo, interfere nos índices de violência escolar. O clima escolar positivo se torna peça fundamental para a diminuição de conflitos escolares. Segundo Bressoux (2003), o clima escolar aparece como conceito que permite juntar as características da escola para integrar e conferir sentido.

O clima escolar é, para Bressoux (2003, p.51): “[...] uma noção chave que emerge como fator que dá conta desta organização social: o clima”. O autor admite a importância do clima e o entende como um elemento integrante da cultura organizacional das instituições de ensino. Deste modo, a consolidação do clima da escola está mais relacionada às pessoas, gestores, professores, alunos e demais funcionários e como essas pessoas interagem e se relacionam, do que por determinação legal do sistema.

Durante a pesquisa, observamos, a partir de algumas evidências, que a instituição foco do estudo tem características de um local com o clima escolar negativo, ou seja, um clima em que há um fator de risco para a qualidade de vida escolar, contribuindo para o surgimento de problemas comportamentais, sentimento de mal-estar e o aparecimento dos conflitos e violência.

Com o intuito de investigar mais sobre o clima da instituição foco deste estudo, no questionário aplicado aos alunos e na entrevista aos professores, foram elaboradas questões sobre o entendimento deles sobre o clima escolar.

Antes de os estudantes responderem ao questionário, foi apresentada, em forma de texto, uma breve explicação sobre clima escolar. Para tanto, foi demonstrado que instituições com um bom clima escolar apresentam bons relacionamentos interpessoais, um ambiente de cuidado e confiança, qualidade no processo de ensino e aprendizagem, espaços de participação e de resolução dialógica dos conflitos, proximidade dos pais e da comunidade, uma boa comunicação, um senso de justiça, além de apresentarem indivíduos que se sentem seguros, apoiados, engajados, pertencentes à escola e respeitosamente desafiados. Após a explicação, foi solicitado, aos alunos, o seu entendimento sobre o clima da Escola Estadual Paulo Freire<sup>29</sup>.

---

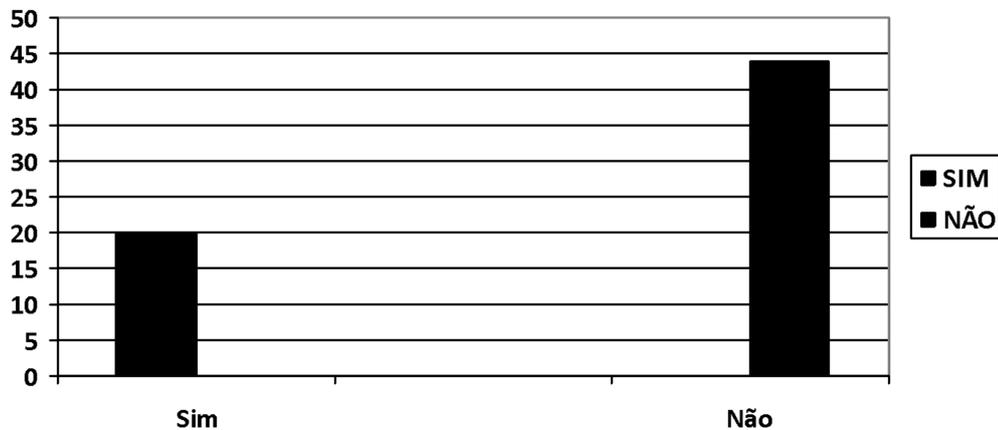
<sup>29</sup> A avaliação do clima escolar foi mantida na pesquisa mesmo com tamanha complexidade que se tem ao avaliar o clima de uma instituição. O conceito operacional

Abaixo, é apresentada a sistematização das respostas dos alunos ao questionário aplicado a eles.

---

de clima escolar é construído a partir de uma coleção de variáveis e não somente sobre a opinião mediante uma pergunta diretamente relacionada ao clima escolar.

Gráfico 1 – Minha Escola tem um bom clima escolar



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na pesquisa.

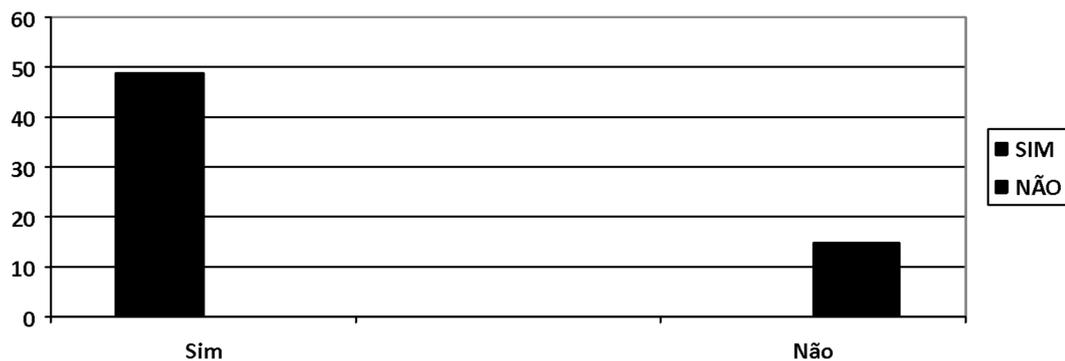
Pode-se observar que 20 dos 64 alunos que responderam ao questionário reconheceram o clima da Escola Estadual Paulo Freire como sendo positivo, os outros 44 estudantes apontaram o clima da instituição como negativo, o que é considerado um fator de risco na qualidade de vida escolar, pois, a partir do clima negativo, podem surgir problemas comportamentais, aumento do stress, conflitos, vandalismo, furtos, indisciplina e, principalmente, aumento da violência (MORO *et al.*, 2017). Portanto, ao analisar o gráfico 1, observa-se que a maior parte dos alunos afirma que o clima escolar não é bom. Entretanto, é importante questionar: o que os leva a ter este pensamento?

Pelas respostas dos estudantes nas perguntas seguintes do questionário, eles provavelmente analisaram o clima da escola, no que diz respeito à indisciplina e aos conflitos escolares, pois a maioria das respostas, para essas perguntas, foi negativa, ou seja, elas ocorrem com frequência. Pensando no que foi explicado para os estudantes sobre o clima escolar, eles responderem como eles se sentem na escola, ou seja, o seu “bem-estar”. Dessa forma, nas respostas, observamos que eles não estão bem, ou seja, o clima não é bom. Portanto, é preciso investir na melhoria da qualidade do clima escolar, por meio de ações estratégicas, pois se sentir bem é o primeiro passo para que o estudante consiga alcançar os objetivos escolares.

Ainda sobre o clima escolar, durante a entrevista, ao ser questionada sobre o ambiente escolar, a professora Simone<sup>30</sup> relatou que o ambiente escolar: “[...] é um ambiente pesado, um ambiente onde os alunos sofrem, têm o agressor, o aluno que é agredido, as duas partes têm dificuldade e é um ambiente muito conflituoso e cansativo.” (SIMONE, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019).

O relato do outro professor vai na mesma direção do exposto pelos alunos. O clima escolar da instituição é conflituoso, pesado, ou seja, não é positivo, o que traz consequências negativas para a instituição, como, por exemplo, agressões físicas frequentes. No Gráfico 2, são apresentadas as respostas dos alunos para a pergunta “já presenciei agressão física na escola”, fator de forte influência no clima escolar das instituições de ensino.

Gráfico 2 – Já presenciei agressão física na escola



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na pesquisa.

Considerando as respostas dos alunos, organizadas no Gráfico 2, é possível perceber que 49 discentes, dos 64 que responderam ao questionário, já presenciaram algum tipo de agressão física dentro da escola. E qual o problema em presenciar violência na instituição de ensino?

Segundo Charlot (2004), há três níveis de classificação da violência escolar: a) violência (que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes e vandalismos, e sexual); b) incivildades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito); c) violência simbólica ou institucional (desprazer no ensino, por parte dos alunos e negação da identidade e da satisfação profissional, por parte dos professores).

<sup>30</sup> Vão ser usados nomes fictícios para as professoras entrevistadas.

Ainda segundo o autor, todos os níveis de violência exercem influência catastrófica na instituição de ensino, seja para quem é vítima, autor ou apenas a presença (CHARLOT, 2002).

Segundo Souza (2008), seja qual for o tipo de violência, as consequências são graves, pois interferem na qualidade do ensino e na formação do aluno. De forma geral, nota-se uma evidente baixa autoestima, atitudes passivas, transtornos emocionais, problemas psicossomáticos, depressão, ansiedade e pensamentos suicidas.

Para Almeida (2012), para solucionar a problemática da violência nas escolas, é de suma relevância o papel do gestor, visto que é mediante a sua atuação que projetos para combater a violência poderão ser elaborados e implementados.

Diante dessa afirmação, faz-se necessária a articulação de ações da gestão, junto aos funcionários, para melhorar o clima escolar e, conseqüentemente, minimizar a violência entre os alunos. Dentro dessa perspectiva, ao serem questionadas, as professoras Maria e Simone relatam também já terem passado por situações de agressão dentro da instituição.

Segundo relato da professora Simone, a mesma, além de presenciar, já sofreu algum tipo de violência dentro da instituição: “Já sofri violência verbal e já vi violência física e verbal.” (SIMONE, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019). No relato da professora Maria, observamos que os profissionais da instituição também sofrem com o problema da violência, sendo que, quando a violência chega até os funcionários, segundo ela:

[...] os alunos chegaram faltando 10 minutos para a aula acabar e eu expliquei que não teria como eu lançar a frequência deles, pois a aula já estava finalizando, aí eles saíram gritando, chutando porta, é... gritaram comigo, eu acho que na hora do tumulto, houve até falas não muito boas, vamos dizer assim, e que foi algo que eu fiquei com medo (MARIA, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019).

De acordo com Libâneo (2004), o cotidiano do professor não tem sido muito confortável, pois são muitos os papéis assumidos por estes profissionais, diante de um horizonte de desafios, como baixos salários, baixa autoestima, ausência de valorização e indisciplina dos educandos. Tudo isso nos faz ver que muitos

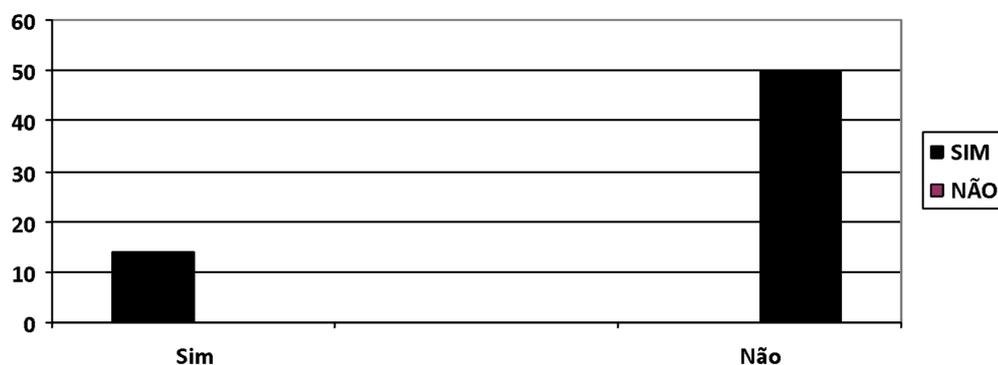
professores se encontram, hoje, com medo, com pavor do seu trabalho, provocando muitos problemas para a vida deste profissional.

Segundo Pessoa (2016), essa violência contra os professores não pode ser vista como algo normal. De acordo com ela, a crescente violência contra os mestres é um sinal de colapso iminente no sistema educacional. Portanto, cabe à escolar intensificar as ações, de forma que os casos não aconteçam e, quando acontecerem, serem tomadas medidas drásticas para a resolução do problema.

Sabendo, então, que são frequentes os casos de violência escolar, tanto para alunos, quanto para professores, nota-se que as medidas de contenção da violência não estão surtindo o efeito esperado. Convocar os pais dos alunos e adverti-los com as punições escolares (advertência e suspensão) não tem sido a solução imediata para o problema. É importante que os pais se envolvam nas discussões sobre as melhorias necessárias nas escolas. Atualmente, eles não participam e não têm interesse em participar. Outro aspecto fundamental diz respeito às punições, que devem ser melhor trabalhadas para que tenham efeito, pois são apenas para “apagar o fogo” e não soluções conclusivas.

Dentro desta questão, no questionário e nas entrevistas, foram elaboradas perguntas sobre se a equipe gestora consegue resolver todos os problemas escolares. No Gráfico 3, é apresentada a resposta dos estudantes sobre essa questão.

Gráfico 3 – A equipe gestora consegue resolver todos os problemas escolas



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na pesquisa.

Considerando as respostas dos alunos no gráfico 3, é possível perceber que, dos 64 alunos que responderam ao questionário, 50 deles acreditam que a

equipe gestora não consegue resolver os problemas diversos que ocorrem no dia a dia escolar. No entender dos alunos, eles não acreditam na capacidade da equipe gestora em resolver o problema da violência. Muito provavelmente, essa visão ocorre, porque, para eles, os problemas da violência escolar são frequentes e não estão sendo resolvidos pela equipe escolar como deveriam.

Durante a entrevista, a professora Simone comenta sobre as punições e a resolução dos problemas escolares.

Geralmente (a equipe gestora) tenta mediar com conversa entre as partes para que elas peçam desculpa... é... chama os pais para conversar e quando aquilo insiste em acontecer, o aluno volta a repetir, tem uma suspensão, o aluno é suspenso, fica em casa e conversa com a família para que tente mediar isso em casa com ele, para que ele volte menos agressivo. A suspensão funciona sim, porque aí parece uma coisa que incomoda a família e obriga a família a tomar uma atitude, porque ela tem que levar o filho pra casa e conversar com ele, ele vai ficar uns dias em casa para que a família... é uma forma de incomodar a família e cobrar que eles façam alguma coisa. (SIMONE, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019).

Na entrevista, a professora Simone destacou que as medidas disciplinares, tomadas pela equipe gestora, não têm surtido efeito. Para ela, somente as suspensões escolares são eficazes. Porém, ocorrem apenas efeitos imediatos, ou seja, enquanto o aluno está suspenso. Ao retornar, o conflito ou o problema volta com o aluno, e a grande maioria dos estudantes suspensos reincidem nos atos de violência, mostrando que, com o aluno dentro da instituição, a escola não consegue lidar com os problemas apresentados por eles.

Mediante a análise dos dados, das respostas dos alunos e relatos dos professores, é possível afirmar que o clima da instituição foco do estudo apresenta fortes características negativas, tais como: altos índices de casos de indisciplina, bullying, preconceito, violência física, psicológica e verbal.

A partir da análise das respostas dos estudantes e dos professores, é de fundamental importância a implantação de estratégias que promovam um clima escolar positivo na escola, para que o problema das agressões física, verbais e quaisquer outras sejam combatidas afincamente. Segundo Coehn (1997, p.94), a melhoria da escola “[...]requer ação coordenada, sustentada e esforços

intencionais para criar climas positivos de aprendizagem que promovam o desenvolvimento social, emocional, intelectual e ético dos alunos”.

Ressalta-se, contudo, que as informações referentes às percepções gerais dos alunos da dimensão do clima escolar são de grande relevância para a escola, no sentido de trazer informações, identificando o que vai bem e o que precisa de intervenções. Por isso, faz-se necessário entender que as ações que a escola tem feito para combater a violência não têm surtido efeito. O problema da violência escolar da instituição foco do estudo é maior do que o poder que a mesma tem para combatê-lo. Trata-se de um problema social<sup>31</sup>, da comunidade que a escola está inserida, que reflete na instituição, causando grandes transtornos.

Portanto, além de criar outras estratégias de combate à violência escolar internas, serão criadas estratégias, cujo alcance está além do poder da escola. Estas serão apresentadas mais à frente, no capítulo 4 desta dissertação. Na próxima seção, serão apresentadas as respostas sobre o eixo de análise da violência contra a escola.

### **3.3.2 Violência contra a escola**

A Violência contra a escola é representada em atos de vandalismo, incêndios e destruição, roubo ou furtos do patrimônio, como: paredes, carteiras, cadeiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares. Estas ações implicam tanto os membros da escola, como a comunidade e estranhos à escola.

A situação de violência também acontece contra a Escola Estadual Paulo Freire. Nos registros escolares, são encontrados casos de incêndio a cortinas, quebras de cadeiras e mesas, furtos de materiais escolares, danos aos livros didáticos e ao patrimônio, pichações em paredes e danos a portas e portões. Apesar dos prejuízos à instituição, o prédio escolar, que tem apenas cinco anos de uso, é conservado, muito pela ajuda dos funcionários da escola, que tentam consertar e amenizar qualquer dano causado à instituição. Ademais, há sempre a troca e compra de novos materiais, de forma a substituir os danificados e/ou furtados.

---

<sup>31</sup> Desemprego, violência, criminalidade, educação, moradia, saúde, racismo, fome.

Algumas perguntas do questionário e das entrevistas procuravam explorar a percepção dos alunos sobre as regras da escola e, conseqüentemente, sobre o respeito à estrutura física da instituição. Neste sentido, a professora Simone menciona o que ocorre e como ocorre essa violência contra a escola: “O caso mais grave de violência contra a escola que eu me lembre foi quando um aluno colocou fogo na cortina” (SIMONE, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019). A professora Maria relata como é a depredação do patrimônio e menciona sobre o que de grave já ocorreu neste sentido:

Acontece pouco, eu acho que não é tão significativo como dentro de outras escolas nas quais eu já trabalhei, não vejo que há essa deterioração do patrimônio, pelo menos eu não percebo isso... há eles cometem alguns estragos, como chutar lixeira, estragar a cortina, riscar as mesas, é... Quebrar... Deixar livros jogados, copos, pratos, não tem cuidado (MARIA, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019).

Diante o relato dos professores, acontecem casos de violência contra a escola, havendo também situações graves. Porém, não são casos diários e, dessa forma, os funcionários conseguem manter uma organização do prédio escolar. O problema maior, relatado pela professora Maria, são os conflitos entre os alunos: “Eu acho que é pouca (violência contra a escola), eu acho que não tenho muito o que falar, é uma escola bem cuidada... e... a questão é mais eu e o outro, eles e o outro, assim” (MARIA, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019).

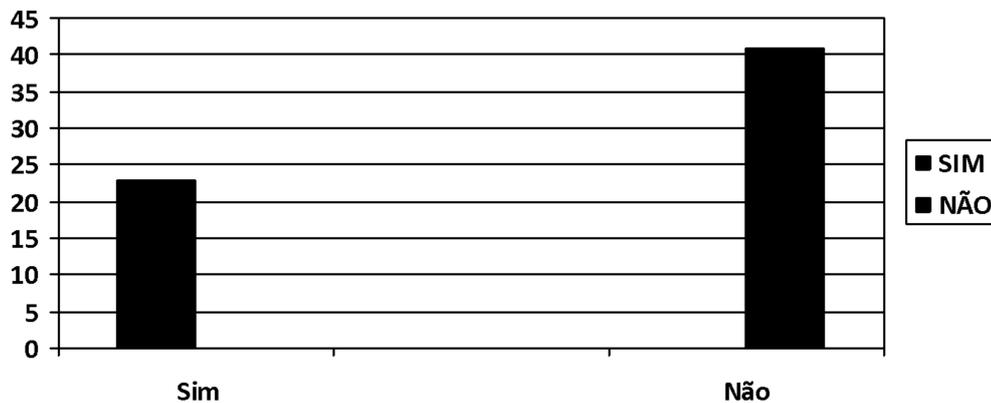
Podemos observar, através dos dados da tabela 11 e também pelos relatos das entrevistas, uma maior frequência de atos entre as pessoas do que com o prédio e os materiais escolares. A relação entre pessoas pode ser considerada o maior problema da instituição, mas não podemos deixar de valorizar a violência contra o patrimônio, pois, segundo Abramovay (2016), a violência contra a escola está na ausência de regras, a falta de sentido na escola e relação com a comunidade externa.

Buscando constatar se os alunos obedecem às regras escolares e se não obedecerem, se sabem quais são as medidas disciplinares, foi elaborada a assertiva “Eu obedeco às regras escolares”. Na resposta desta assertiva, todos os 64 alunos que responderam ao questionário indicaram que respeitam as regras da escola, ou seja, foram “politicamente corretos”. Mas, se acontecem casos de

incivilidade na escola, atos de violência e indisciplina frequente, como os alunos relatam que obedecem às regras escolares? Uma possível resposta para essa pergunta pode ser o desconhecimento sobre as regras escolares, pois, a partir do momento que o aluno não a conhece, ele nunca saberá se está descumprindo a mesma.

Esse pensamento ganha força, quando os estudantes responderam a assertiva “Eu conheço as punições escolares” no questionário. O gráfico a seguir apresenta a resposta dos estudantes sobre o conhecimento deles sobre as punições escolares.

Gráfico 4 – Sei quais são as punições escolares nos casos de violência escolar



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na pesquisa.

Considerando as respostas dos alunos no gráfico 4, foi possível perceber que 40 alunos, que responderam o questionário, não sabem quais são as punições para os atos de violência na e contra a escola. Ou seja, eles não têm ciência quanto à gravidade ou até mesmo o que irá ocorrer, mediante o não cumprimento das regras escolares, principalmente, no que diz respeito à violência. Portanto, podemos concluir que os alunos não estão por dentro das regras, punições e ações da escola. Conseqüentemente, não estão envolvidos com a mesma, o que pode ocasionar desconfiança e distância entre os alunos e a escola.

Segundo Charlot (2002), embora exista um debate conceitual sobre o tema, é possível afirmar que uma escola com um bom clima é aquela em que as regras

são claras e compartilhadas por todos. Por isso, há a necessidade da criação coletiva de regras escolares, de forma que todos saibam e ajudem a cobrá-las.

A violência contra a escola ocorre devido a vários fatores. Dentre eles, está a falta do sentido de pertencimento à instituição de ensino. A criança, ao passar para a fase da adolescência e juventude, depara-se com muitas transformações, tanto em seu corpo, como em sua forma de agir e pensar, pois há uma modificação em sua personalidade e em suas relações sociais. Segundo Sprinthall e Collins (2003, p. 202): “A formação da identidade deve ser vista como um processo integrador de transformações pessoais, de exigências sociais e de expectativas em relação ao futuro.” Portanto, é comum o adolescente possuir vários sonhos e desejos, buscando ele por respostas, mas nem sempre as encontrando. Geralmente, a família, a escola e a própria sociedade não estão preparadas para oferecer essas respostas.

Ao refletir sobre essa citação, percebe-se que o adolescente se sente angustiado diante da convivência em uma sociedade, onde predomina uma grande desigualdade social e, conseqüentemente, a exclusão social, que, segundo Sposati, (1996, p. 78), refere-se a uma “[...] situação de privação coletiva, na qual inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade a direitos, não representação pública”.

Com isso, o aluno, que está incluído dentro de todos os problemas da sociedade e do distrito no qual a escola está inserida, não cria expectativas de vida após a escola ou até dentro da escola. Neste sentido, os professores, durante as entrevistas, foram perguntados sobre a perspectiva de futuro dos seus alunos. No relato abaixo, a professora Maria analisa o interesse dos alunos e as suas perspectivas para com a escola:

Não existe esse estímulo para: “Ah, isso foi interessante”. Eu acho que existe uma questão metodológica que eu acho que não é uma questão do professor, é uma questão estrutural maior... Que é o sistema educacional, que já está problemático, esse sistema de sala de aula, de carteiras, de sentar, de ficar... Que tem impacto sobre isso. Eu acho que existe um problema social né... De uma comunidade muito carente de perspectivas muito baixas, então o aprendizado o que é pra eles, o que é? Eu vou, porque talvez alguém falou que eu tenho que ir ou porque eu quero estar com alguém naquele momento... Mas... Eu acho pouco... eu acho pouco interesse. Existe até interesse, mas não existe um desejo de entender o que era aquilo e desenvolver e pensar. Eu pergunto

muito a alguns alunos do 9º ano que estão parados, assim: “Você não tem o interesse de ir para outra escola”? O que seria mínimo, mudar de escola, pessoas mais, alunos mais velhos, já próximos a idade adulta, talvez isso fosse uma coisa estimulante a eles. Não, não existe o desejo. “Ah, não sei, “tô” aqui”. Você gosta da escola? Ah, não sei, mais ou menos, gosto, não gosto. Mas você tem o desejo de ir para a outra? Porque ir para outra significa ir para o ensino médio e passar uma etapa... E... Não tem esse desejo de pelo menos passar para o ensino médio. Já perguntei e falo isso de alguns alunos (MARIA, entrevista realizada no dia 08 de agosto de 2019).

Percebemos, no relato da professora Maria, que os alunos não veem sentido na escola, pois, para eles, a mesma não vai acrescentar nenhum aspecto positivo, justamente porque os alunos vivem o imediatismo, o hoje, e não pensam em uma construção de vida para o futuro. A professora Simone, ao ser questionada sobre o tema, vai na mesma direção do relato da professora Maria:

É muito baixa (a perspectiva de vida), com relação a faixa etária deles, mais a maioria não tem sonhos, não tem objetivos, não pensa no futuro, não planejam a vida profissional... é... muito ruim (SIMONE, entrevista realizada no dia 08 de agosto de 2019).

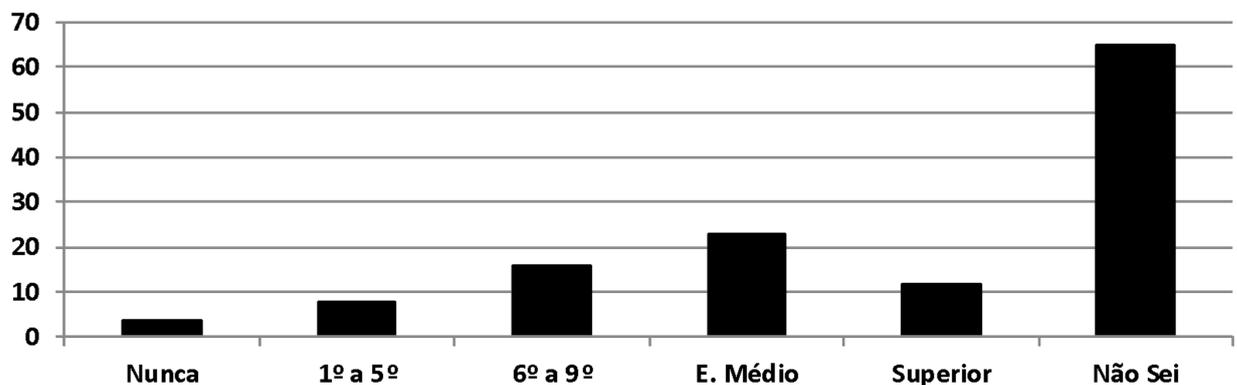
Ao analisar os relatos das professoras, surgiu uma inquietação muito grande. Se os próprios docentes, que têm um papel fundamental dentro da escola e, conseqüentemente, em toda a sociedade, atuando como gestores de aprendizagem, com o papel de instruir e preparar o aluno para ser um cidadão do bem e com um futuro bem-sucedido, pensam assim, como poderemos “colocar” na cabeça dos alunos que eles devem criar expectativas positivas para suas vidas? Para que isso aconteça, é necessário, primeiramente, mudar os pensamentos, organizar projetos, de forma que possam ser desenvolvidas ações, em conjunto com os alunos, de melhoria, no que diz respeito ao papel da escola, do professor. Para tanto, é fundamental aprender sobre o papel de cada um na sociedade, possibilitando novos sonhos, objetivos, propósitos e interesses nos alunos.

Buscando conhecer mais sobre os alunos e, a partir disso, analisar os aspectos sobre o futuro deles, foram elaboradas assertivas sobre esses temas. Segundo a “Revista Contextual do SADEAM”, elaborada pelo CAEd, dentre os fatores extraescolares que interferem no desempenho dos alunos, estão as

características individuais, legislação, políticas, entre outros. O mais conhecido, em razão da magnitude e consistência de seu efeito sobre os resultados, é o nível socioeconômico, ou seja, os recursos econômicos e culturais da família, bem como a formação dos pais/responsáveis, que impacta nos resultados acadêmicos dos alunos.

A formação dos pais/responsáveis garante uma visão mais clara sobre as possibilidades, os desafios e a necessidade da educação na vida dos filhos. No Gráfico 5, são apresentados os dados referentes à escolaridade dos responsáveis pelos alunos que responderam ao questionário.

Gráfico 5 – Até que série sua mãe/pai ou responsável por você estudou?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na pesquisa.

Considerando as respostas dos alunos no gráfico 5, é possível perceber o número baixo de pais e mães, responsáveis pelos alunos que participaram do questionário (64 alunos) que frequentam ou concluíram o nível superior. Nos outros segmentos da formação escolar, observa-se que os responsáveis pelos alunos que responderam ao questionário, em sua maioria, têm sua formação entre o 6º ano do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio. Portanto, é possível considerar que os alunos (filhos) ou ultrapassaram a escolaridade dos pais ou estão perto de ultrapassar, o que, para muitos deles, tanto para os alunos, quanto para os pais, já é o suficiente.

Tal informação é preocupante, pois, segundo o IBGE, em dados divulgados no ano de 2017, a escolaridade dos pais é decisiva para garantir o diploma dos filhos: “69% dos filhos cujos pais terminaram o ensino superior seguiram o mesmo

caminho. Na outra ponta, entre pais que nunca foram à escola, a chance de um brasileiro alcançar um diploma universitário é de apenas 4,6%.” (REVISTA EDUCAÇÃO, 2018).

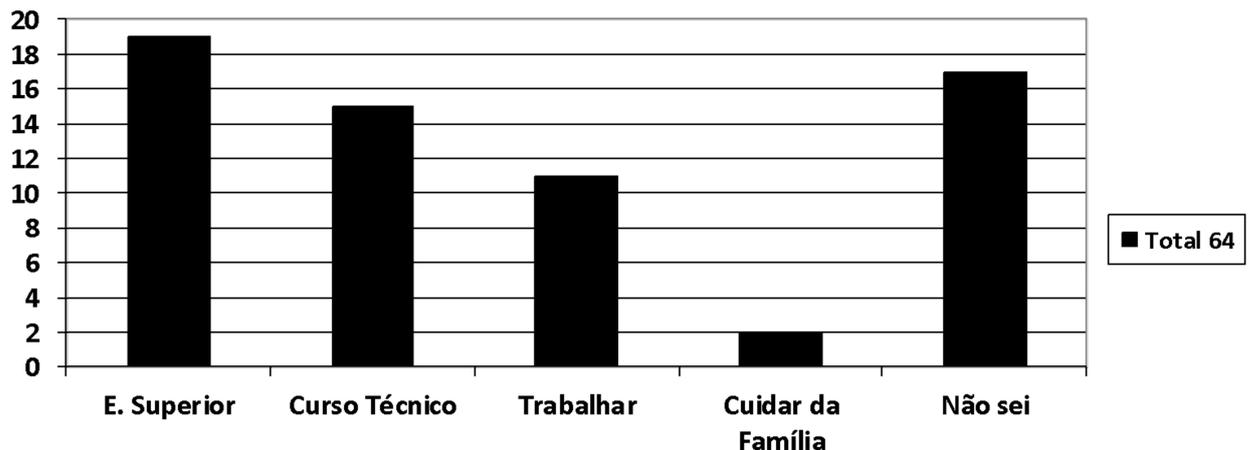
Analisando o Gráfico 5, três padrões podem ser observados e avaliados. Primeiro, os alunos não estão sabendo a escolaridade de seus pais e suas mães. O percentual de alunos que assinalou a alternativa “Não sei” é maior que o somatório de todas as outras alternativas.

O segundo padrão observado é que, em todas as etapas, o maior grupo de escolaridade entre os responsáveis é formado por aqueles indivíduos que completaram ou estão cursando o ensino médio e não cursaram ou estão cursando a faculdade.

Por fim, outra característica comum a todas as etapas, que pode ser vista nas análises das respostas dos alunos, é que os pais normalmente têm escolaridade menor que a mãe. Isto pode demonstrar a característica socioeconômica e de empregabilidade do distrito, na qual o pai saía para o mercado de trabalho (mineração, no caso da região) assim que possível, enquanto a mãe cuidava dos filhos e, se sobrasse tempo, frequentava a escola.

Para aprofundar mais o tema, foram elaboradas as assertivas que tratam da perspectiva de futuro dos alunos. Nas respostas, todos os alunos responderam que desejam ter oportunidades educacionais melhores que seus pais. Porém, ao responderem à pergunta sobre o que eles pensam em fazer após a conclusão do ensino médio (Gráfico 06), apenas 28% disseram querer entrar para a faculdade; 23%, realizar um curso técnico; 17%, trabalhar logo após concluir o ensino médio; 3%, cuidar da família e não trabalhar nem estudar; e 27% ainda não sabem o que desejam fazer. No Gráfico 6, estão apresentados esses dados anteriormente informados.

Gráfico 6 – O que penso em fazer depois de concluir o ensino médio



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na pesquisa.

Os dados organizados no Gráfico 6 mostram que a maioria dos alunos gostaria de entrar para um curso superior. Porém, tais informações divergem do que os professores relataram nas entrevistas. O relato da Professora Maria, apresentado na sequência, vai na contramão do que foi respondido pelos alunos.

Alguns já me relataram o desejo pelo garimpo. Não se escuta falar nem exemplo de ensino médio, não existe nenhuma... A perspectiva, pelo menos para o ensino médio, ela ainda é muito baixa, e a universidade, eu ainda acho também ela muito baixa. E os desejos é... Ah... Eu vou continuar com o que meu pai faz ou o que minha mãe faz... ou... Eu não sei! A maioria não sabe responder. Eu já fiz atividades sobre os desejos, e a maioria não sabe responder quais são seus desejos, o que eles querem, se querem seguir alguma profissão. (MARIA, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019).

Com isso, é possível notar que os alunos não estão colocando em prática aqueles seus desejos ou sonhos. Sabe-se que, se o aluno não estiver centrado em objetivos positivos e sim em objetivos negativos, ocorrerão diversos tipos de influências contrárias durante esta fase da vida. Dependendo da maneira que forem vivenciadas, tais experiências definem o presente e o futuro, comprometendo, muitas vezes definitivamente, suas vidas, ao deixar de lado os sonhos.

Sabendo que a perspectiva de futuro tem muito a ver com o espaço de experiência das crianças, a família é o principal ponto de experiência. Uma família com pouco escolaridade tende a ter filhos que não almejam estudar vários anos, e famílias engajadas em atividades sem perspectivas de maior avanço socioeconômico tendem a reproduzir elas nos filhos. Só quando se imagina o

futuro como a projeção de aspirações do presente é que o tempo atual passa a ser percebido como momento de gestação do amanhã (TEIXEIRA, 2005).

Na próxima seção, será tratado o eixo violência da escola, ou seja, serão analisadas as respostas em relação a todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros ou qualquer um destes.

### **3.3.3 Violência da Escola**

Essa violência da escola deve ser analisada como: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas). (CHARLOT, 2002, p. 434).

Em relação à violência da escola e à definição de Charlot, são evidenciadas as práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam os seus membros (qualquer um destes), como: os fracassos escolares; falta de interesse em permanecer na escola; o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho; os preconceitos (racismo); a desvalorização (tanto da instituição para com o aluno, como do aluno para si mesmo).

Para Abramovay (2016), a indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar, o abuso do poder, as discriminações diárias por parte dos docentes e as ações como magoar e agredir por falta de respeito são exemplos de violência escolar.

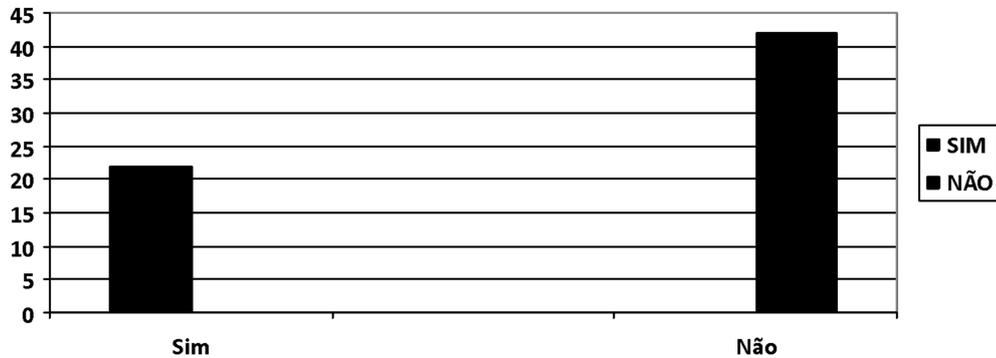
Ao questionar se os alunos sofrem a violência institucional, foi possível observar que eles sentem a necessidade de serem ouvidos e que as decisões, tomadas pela escola, deveriam passar por eles. Ou seja, os discentes devem ter voz na escola. Na assertiva, “a escola deveria ouvir mais os alunos”, foi possível perceber que todos eles responderam que julgam que a escola deveria ouvir mais os alunos. Tal resultado demonstra que existe uma abertura de espaço para que sejam ouvidos, sendo essa uma necessidade unânime entre os alunos.

É fundamental a abertura de espaço, por parte da gestão, para a participação dos alunos. Nesse sentido, a escola necessita ouvir mais os discentes. Ou seja, é fundamental que haja diálogo, uma abertura de espaço para que os alunos se expressem. Nessa perspectiva, poderiam ser eficazes momentos

de conversa com a equipe gestora, assim como de apoio às ideias dos alunos, de forma que as ideias sejam ouvidas e atendidas.

A assertiva seguinte complementa a pergunta anterior (a escola deveria ouvir mais os alunos) e apresenta o pensamento dos alunos, no que diz respeito a se a equipe gestora da escola só toma as suas decisões depois de ouvir outros atores escolares, como pais, mães, professores, alunos, servidores e comunidade escolar. No Gráfico 7, são apresentadas as respostas dos estudantes sobre o envolvimento e participação dos atores escolares nas ações institucionais.

Gráfico 7 – A equipe gestora da escola só toma suas decisões depois de ouvir outros atores escolares



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados coletados na pesquisa.

Considerando as respostas dos alunos no gráfico 7, é possível perceber, que 22 alunos que responderam ao questionário ponderam que a equipe gestora deve ouvir todos os atores escolares, mediante casos de conflito. Analisando as entrevistas dos professores, foi relatado que o problema da violência institucional não aparenta ser um fato que demanda atenção. Pelo contrário, os professores relataram uma abertura, dos profissionais da escola, para com os alunos e uma ajuda diária em todos os sentidos. A fala da professora Maria apresenta a afinidade da equipe em relação aos alunos:

Eu não vejo esse tipo de situação (violência institucional). Muito pelo contrário, a equipe responde muito bem quando são até ameaçados e agredidos pelos alunos, eles conseguem responder até com certa paciência e discernimento. (MARIA, entrevista realizada em 08 de agosto de 2019).

Já a fala da professora Simone mostra que a equipe tenta conversar com ambas as partes para resolver os problemas escolares:

Geralmente tenta mediar com conversa entre as partes para que elas peçam desculpa... é... chama os pais para conversar e quando aquilo insiste em acontecer, o aluno volta a repetir, tem uma suspensão, o aluno é suspenso, fica em casa e conversa com a família para que tente mediar isso em casa com ele para ele volte menos agressivo (SIMONE, entrevista realizada em 008 de agosto de 2019).

Essa divergência de informação é uma das mais fortes evidências de que o clima escolar não é bom, pois há uma discrepância de visões entre os segmentos escolares (aluno x professor).

Além disso, essa contradição pode ser ocasionada pela crença, por parte dos profissionais da escola, de que as conversas e as tomadas de decisões são as corretas. Por isso, não são ouvidas as opiniões dos alunos, havendo apenas um monólogo e a decisão da punição. Os professores relatam uma tentativa de mediação, mas, pelos registros de ocorrência e pelas respostas ao questionário, essa mediação não está acontecendo da forma correta. Isto indica a necessidade de aprofundamento no tema e de uma capacitação dos profissionais para tal fim, pois os professores comentam que realizam a mediação escolar, enquanto os alunos entendem que isso não é feito na escola. Por isso, há a necessidade de compreender e aprender mais sobre a mediação escolar, de forma a solucionar os problemas de violência escolar.

Para auxiliar na compreensão sobre o assunto, há autores que dissertam sobre a violência institucional. Neste trabalho, a definição de mediação escolar adotada é um processo no qual um mediador direciona duas ou mais pessoas na busca pela resolução de um conflito, sem impor ou sequer propor soluções. Segundo Vezzulla (1998):

A mediação é a técnica privada da solução de conflitos que vem demonstrando, no mundo, a sua grande eficiência nos conflitos interpessoais, pois, com ela, são as próprias partes que acham suas soluções. O mediador somente as ajuda a procurá-las, introduzindo, com suas técnicas, os critérios e raciocínios que lhes permitirão um entendimento melhor. (VEZZULLA, 1998, p. 16).

O gestor, no papel de mediador, portanto, deve ouvir todos os envolvidos e conduzir os argumentos, de forma que as partes cheguem a um acordo por meio do diálogo. A partir disso, é possível solucionar os problemas e não apenas tomar medidas cabíveis e lícitas dentro do regimento escolar, pois, assim, os conflitos ficam sem solução e tendem a acontecer novamente. Nesta perspectiva de resolução definitiva do conflito, Moore (1998) diz que:

A mediação é geralmente definida como a interferência em uma negociação ou em um conflito de uma terceira parte aceitável, (...) que ajuda as partes envolvidas a chegarem voluntariamente a um

acordo definitivo, mutuamente aceitável com relação às questões em disputa. (MOORE, 1998, p. 28).

Portanto, nesta perspectiva, é possível dizer que a mediação é uma forma de resolução de demandas. Nesse processo, o mediador tem papel de facilitar o diálogo entre os pares, proporcionando condições favoráveis para chegarem a uma conclusão.

Deste modo, percebe-se, ao aplicar o questionário, que os alunos sentem falta de serem atores de destaque na escola e que a sua opinião, além de ser ouvida, seja executada. Os alunos relatam uma proximidade com os funcionários e uma distância da escola em si, fenômeno que os funcionários, ao serem entrevistados, também relatam. Ou seja, os profissionais dão abertura para os alunos, mas uma abertura de afeto e não uma abertura de responsabilidade e de participação direta nas ações escolares.

Além disso, as notas dos alunos são muito baixas, a reprovação tem aumentando, e isso contribuiu para que os alunos não se sintam bem no ambiente escolar. Posto isso, a escola tem cometido violência, ao ter um número alto de fracassos escolares, contribuindo, assim, para a falta de interesse em permanecer na escola. Nesse sentido, os interesses dos alunos não estão sendo ouvidos, ou seja, os conteúdos estão alheios à perspectiva de futuro deles, o que ocasiona uma desvalorização do discente, aumentando, assim, os níveis de indisciplina, expulsão e intimidação.

Um exemplo de violência, por parte da escola, que teve um impacto negativo em toda a instituição, foi a separação de turmas por segregação de nível de conhecimento. A escola buscou “ajudar” os alunos, colocando-os em salas com níveis diferentes, para que os conteúdos preparados fossem do nível de conhecimento daqueles alunos, mas foi um fracasso. Os alunos se sentiram desvalorizados, e os registros de ocorrência de indisciplina e violência aumentaram significativamente. Além disso, o que era para melhorar o conhecimento e as notas dos alunos, teve efeito contrário, já que houve um declínio de notas.

A partir da análise dos três eixos definidos para serem avaliados, é necessária uma avaliação geral, de forma que existam condições de elaborar

propostas de intervenção, visando melhorias para o ambiente escolar. Para isso, na próxima seção, são apresentadas as conclusões da pesquisa de campo.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES PARA O PLANO DE INTERVENÇÃO

A análise documental e os questionários evidenciaram e permitiram responder à pergunta norteadoras da pesquisa: Quais fatores estariam promovendo a elevação da violência escolar e por que as medidas de contenção da violência não surtiram o efeito esperado?

Os fatores que contribuem para a elevação da violência escolar são: i) o fracasso da política de divisão das salas de aula; ii) a deterioração do clima escolar; iii) as baixas perspectivas de vida; iv) a necessidade de ouvir os alunos; v) utilização correta da mediação escolar.

Por que as medidas de contenção não surtem efeito? i) registros de ocorrências realizados de forma inadequada, sem nenhum padrão definido, o que dificulta a análise dos dados e não contempla as informações necessárias para tal; ii) a falta de conhecimento das punições e regras escolares por parte dos alunos; iii) a falta de mediação escolar eficaz; iv) não se dá voz ao aluno e a seus anseios.

Os resultados da pesquisa apontaram para um “efeito em cadeia”, em que uma dificuldade gera outra. Não resolver pequenas indisciplinas diárias faz com que o clima escolar fique cada vez mais prejudicado, e problemas maiores aconteçam. Por exemplo, se a violência verbal, que é corriqueira, não for combatida com afinco, ela continuará ocorrendo, gerando, assim, atos de violência física e psicológica, podendo chegar, até, à violência contra o patrimônio da instituição.

Outro exemplo são os atos de violência, que são agravantes de conflitos sem a devida mediação e que acabam por se tornar corriqueiros, imediatos e eficientes. Isso garante que, por muitas vezes e em tempo curto, a aceitação, mesmo que à força, da ideia de que a violência é comum no ambiente escolar.

Ao pensar sobre os problemas escolares e refletindo sobre tudo o que foi analisado neste capítulo, como: os livros de ocorrência, o questionário aplicado aos alunos e as entrevistas com os professores, é possível concluir que o atendimento de um novo segmento da educação fundamental, o ensino fundamental anos finais (6º a 9º ano), causou um grande impacto na violência da escola.

Essa mudança foi um dos principais geradores do aumento da violência escolar. Isto mostra que a gestão não estava preparada para lidar com a violência que começou a surgir, pois a escola tinha apenas um segmento mais jovem, o ensino fundamental anos iniciais (1º a 5º ano), em que as mães e pais são mais participativos, e os alunos ainda são crianças. Nesse sentido, quando o novo segmento foi incluído na instituição, o público não era formado somente por crianças, já que chegaram também os adolescentes. Tal situação influenciou na forma como a escola tratou a indisciplina e lidou com a violência.

Os adolescentes têm um desafio psicológico: o de descobrir o seu “eu”. Esta fase é conturbada e complicada, uma vez que ele precisa se afirmar como ser social, ou seja, impor a sua pessoa para a sociedade que o rodeia. Assim, recusa conselhos e ordens, quer fazer as suas próprias regras e acaba contestando as normas da sociedade. Logo, o ato de indisciplina cometido pelo adolescente é, muitas vezes, inevitável (REIS, 2018). Porém, é preciso limitar, de forma que não se torne um problema maior. Entretanto, a escola não conseguiu lidar com esse problema e, por isso, a violência e a indisciplina se instalaram de forma preocupante na instituição escolar.

Assim sendo, este capítulo teve o objetivo de analisar os fatores que contribuíram para o aumento da violência escolar após a entrada dos alunos dos anos finais do ensino fundamental na Escola Estadual Paulo Freire.

A partir de toda essa análise e interpretação dos dados documentais e das respostas dos alunos aos questionários, no capítulo quatro, é apresentado um plano de ação educacional, fundamentado nas análises realizadas dos dados obtidos na pesquisa, que irá propor ações que contribuam para a melhoria do clima escolar e para o combate à violência dentro da instituição de ensino.

Para esse plano, são pensadas ações que possibilitem a intervenção, de forma positiva, na realidade da escola pesquisada. Para tanto, são apresentados direcionamentos iniciais, visando estabelecer um olhar específico para a administração pública da Escola Estadual Paulo Freire. Ademais, são elencadas ferramentas, com vistas a conseguir alcançar os objetivos e garantir que as ideias oriundas da pesquisa ganhem um formato de plano de ação e se tornem exequíveis.

#### 4 PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL

O objetivo deste capítulo é propor ações que contribuam para o combate à violência escolar e, conseqüentemente, melhorem o clima da instituição. Para isso, é proposto um plano de ação educacional, fundamentado nas análises realizadas a partir das informações obtidas após a coleta dos dados da pesquisa, que possa auxiliar a gestão na resolução do problema analisado.

O plano de ação educacional (PAE) busca por melhorias e diminuição dos índices de violência na Escola Estadual Paulo Freire. Ele foi estruturado a partir de uma análise crítica das entrevistas, dos questionários e da análise documental, com o intuito de refinar o trabalho realizado pela escola e enfrentar as dificuldades observadas pelas apreciações. Espera-se que as ações deste PAE se tornem parte do PPP da instituição e que beneficiem gestores, professores e alunos quanto à formalidade de identificação de atitudes violentas na escola e à busca por soluções mais eficazes, em parceria com outros profissionais, instituições e famílias aptas a contribuir.

Este capítulo possui cinco seções. A primeira apresenta a organização estrutural das propostas de ações a serem desenvolvidas na escola. Na segunda, é introduzida uma ação voltada para o fortalecimento da gestão democrática e do aumento da participação de estudantes na instituição, visando o combate imediato a atos de violência escolar.

A terceira seção procura apresentar um plano de ação voltado para a melhoria das perspectivas de vida dos alunos. O seu objetivo é o de que estudantes busquem profissões satisfatórias, empregos com maiores remunerações e, conseqüentemente, condições de vida melhores. Dessa forma, procura-se mostrar que o estudo é o melhor caminho, de forma que consigam esses objetivos, fazendo com que os mesmos deem maior valor à escola.

A quarta seção apresenta um plano de ação que visa implementar e fortalecer o programa de mediação escolar, objetivando uma melhoria na resolução dos problemas escolares. Além disso, apresenta também uma nova forma de registrar as ocorrências ocorridas na instituição, com o intuito de padronizá-las para melhor enfrentamento das mesmas.

A quinta e última seção introduz uma ação voltada para a resolução dos problemas enfrentados pelos alunos, sejam eles psicológicos, sociais ou

comportamentais. Estes, por sua vez, refletem em sua conduta dentro da escola, como por exemplo, a prática da violência.

Todas as ações são apresentadas na forma descritiva e, em seguida, resumidas em um quadro. Para tanto, foi utilizada a ferramenta 5W2H, um modelo administrativo, que, segundo Meireles (2013), é uma ferramenta utilizada na elaboração de quadros, voltada aos problemas administrativos de gestão. O modelo consiste de sete perguntas, formuladas na língua original, que é o inglês, com as cinco primeiras letras W e as duas últimas com H, a saber: What? Why? Where? When? Who? How? How much?

Cada uma das questões apresentadas nesse modelo auxilia a definição dos passos necessários em organização e clareza, para que as ações sejam efetivas e alcancem os resultados esperados. O Quadro 4 descreve o significado das expressões e suas ações, quando traduzidas para o português.

Quadro 4 - A ferramenta 5W2H

<b>What</b>	O que será feito (etapas)
<b>Why</b>	Por que será feito (justificativa)
<b>Where</b>	Onde será feito (local)
<b>When</b>	Quando será feito (tempo, período)
<b>Who</b>	Por quem será feito (responsabilidade)
<b>How</b>	Como será feito (método)
<b>How much</b>	Quanto custará fazer (custo)

Fonte: Franklin e Nuss (2006).

Essas são perguntas essenciais, uma vez, à medida em que são respondidas, é possível visualizar uma série de atividades a serem desenvolvidas, proporcionando uma sequência de passos que devem ser cumpridos no decorrer do plano. Isto deixa a execução da ação mais clara e efetiva. Por isso, optou-se por tal ferramenta.

Para a elaboração dos quadros, foram propostas ações que buscam resolver os problemas da violência na escola, da escola e contra a escola. Pretende-se, com a proposta das ações contidas neste plano, que essas intervenções se tornem práticas habituais na escola e que a formação da consciência transforme o comportamento dos membros da comunidade escolar, diminuindo, assim, os índices de violência encontrados na Escola Estadual Paulo Freire.

#### 4.1 PROPOSTAS DE AÇÕES PARA ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS NA ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

O objetivo desta seção é retornar aos problemas expostos nesta dissertação e indicar qual ação foi pensada, visando a diminuição das condutas violentas na unidade escolar. Para isso, foi feito um organograma para melhor visualização da dificuldade enfrentada pela escola e das ações propostas para o enfrentamento do problema.

Figura 4 – Organograma de Ações



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Pretende-se, com a proposta das ações contidas neste plano, que essas intervenções se tornem práticas habituais na escola e que a formação da consciência transforme o comportamento dos membros da comunidade escolar, diminuindo, assim, os índices de violência na escola.

O monitoramento das ações deve ser feito por meio do acompanhamento das atividades propostas, que deve acontecer sempre que possível, especialmente nos momentos de realização de reuniões e encontros, marcados a partir de uma agenda previamente construída pela escola e pelos atores envolvidos. A previsão é a de que o monitoramento aconteça uma vez a cada mês.

Na próxima seção, são apresentadas ações propostas de forma descritiva e compiladas em um quadro orientador (5W2H). Algumas das ações propostas no organograma foram propostas dentro do mesmo plano de ação, pois se relacionam.

#### **4.1.1 Criação do Grêmio Estudantil e das Regras Escolares Coletivas**

Ao executar essa ação, espera-se que os alunos formem um Grêmio Estudantil participativo e com representatividade. Por meio dele, poderão ser ouvidos, uma vez que a organização é um instrumento para fortalecer a gestão democrática e participativa da instituição. O Grêmio Estudantil é uma instância colegiada que deve representar a vontade coletiva dos estudantes. Através dela, os discentes têm voz e vez no processo educativo.

A partir desta ação, a escola “dá” voz aos alunos e incentiva a sua participação em diferentes momentos e ações da vida escolar da instituição de ensino, trazendo, para as pautas de reuniões, os anseios da comunidade escolar, que, com certeza, se tornarão uma das principais preocupações da escola.

Acredita-se, além disso, que o Grêmio Estudantil pode se constituir em uma agremiação que propicie, aos alunos, ricas e proveitosas experiências. Estas, por sua vez, muito contribuirão para o desenvolvimento pessoal e a formação, tendo em vista o exercício crítico, consciente e responsável de ações nos diferentes campos: cultural, político e social, indispensáveis às sociedades pluralistas e democráticas (SEMPREBOM; RIBEIRO, 2008).

Nessa perspectiva, o que se espera é que os alunos reflitam sobre as suas ações no interior da instituição e que defendam a escola como um local privilegiado de vivências de sucesso, com uma educação de qualidade, a partir do resgate dos valores aprendidos na mesma.

Segundo Abramovay (2016):

A escola que se abre para a atuação do grêmio, permitindo que os alunos contribuam com a sua dinâmica, está construindo um espaço de diálogo. E se a comunidade escolar adotar esses espaços como regra de funcionamento e manifestá-los de forma cotidiana e em diversas esferas, ela estará permeada por uma cultura de participação democrática, possível de ser percebida em várias faces de seu universo. Com essa abertura, todos terão a oportunidade de criar uma nova realidade na escola, condizente com a identidade aqueles que a frequentam (ABRAMOVAY, 2016, p. 7).

Após a criação do Grêmio Estudantil, a proposta é realizar uma assembleia estudantil, com vistas à pactuação de medidas disciplinares, regras e ações. O objetivo é o de combater os problemas escolares, que são exaustivos e desafiadores, como a indisciplina, por exemplo, que representa uma dificuldade para o trabalho dos professores. Nesse sentido, é necessário que se definam regras disciplinares, na tentativa de amenizar os problemas de indisciplina em sala de aula.

Dessa forma, observa-se a necessidade de construção e reavaliação de regras, além do respeito a elas, sendo esta a base de todo convívio em sociedade. Da mesma forma que os conflitos nunca vão deixar de existir na vida em comunidade, no contexto escolar, especificamente, eles também não vão desaparecer. Saber lidar com eles faz com que o professor e todo o conjunto de profissionais que atuam na escola consigam trabalhar melhor (REIS, 2018). Esperar que os alunos, de modo espontâneo, saibam se portar perante os colegas e educadores é um engano, é abrir mão de um dever docente.

Com o intuito de minimizar os impactos negativos no processo de aprendizagem, ocasionados pela violência escolar, propomos, nesta ação, a construção coletiva das regras disciplinares, objetivando a compreensão dos problemas ocasionados pela violência, a partir da participação de todos os agentes envolvidos na construção do fazer pedagógico da escola em análise.

Dessa forma, no início do ano letivo, é proposto que haja uma assembleia geral com a Equipe Pedagógica, Professores e Alunos de todos os anos de escolaridade. Nela, será exposto o problema, a medida disciplinar para tal questão, as consequências deste problema e quais ações existentes para se combatê-lo. Tudo será definido coletivamente, e todos deverão participar para o

efetivo processo de coletividade, socialização e, sobretudo, da realização do ensino e aprendizagem com qualidade.

A seguir o Quadro 5 e o Quadro 6 apresentam a estrutura da ação proposta.

Quadro 5 – Criação do Grêmio Estudantil

<b>O que será feito?</b>	Criação do Grêmio Estudantil
<b>Por que será feito?</b>	O Grêmio é uma forma de representação dos alunos dentro da escola e uma forma de terem voz e serem ouvidos.
<b>Onde será feito?</b>	Na unidade escolar.
<b>Quando será feito?</b>	Em fevereiro de 2020.
<b>Por quem será feito?</b>	Gestor Escolar, Professores, Alunos e toda comunidade escolar.
<b>Como será feito?</b>	Por meio de um processo de escolha do grêmio estudantil e tudo seguindo o fundamento legal: Lei número 7.395, de 31 de outubro de 1985; Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985; Lei nº 12.084, de 12 de janeiro de 1996; Lei nº 13.410, de 21 de dezembro de 1999;
<b>Quanto custará fazer?</b>	Reprodução do Material: R\$600,00 (seiscentos reais)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 6 – Criação Regras Escolares Coletivas

<b>O que será feito?</b>	Pactuar/Combinar Regras Escolares Coletivas
<b>Por que será feito?</b>	As Regras Escolares serão feitas coletivamente com os alunos, após a criação do Grêmio Estudantil, para que eles saibam e entendam o que é possível acontecer e, antes de realizarem qualquer ação dentro da instituição, já saibam as consequências de seu ato.
<b>Onde será feito?</b>	Na unidade escolar.
<b>Quando será feito?</b>	Em fevereiro de 2020.
<b>Por quem será feito?</b>	Gestor Escolar, Professores, Alunos e toda comunidade escolar.
<b>Como será feito?</b>	Por meio de uma assembleia para debate sobre as regras, tudo seguindo o fundamento legal: Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985; Lei nº 12.084, de 12 de janeiro de 1996; Lei nº 13.410, de 21 de dezembro de 1999;
<b>Quanto custará fazer?</b>	Reprodução do Material: R\$300,00 (seiscentos reais)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A criação do grêmio estudantil e a definição de regras de forma coletiva visam tornar todos os agentes educacionais responsáveis pelas suas atitudes e ações. A ação deverá contribuir para o fortalecimento da gestão democrática e do

aumento da participação de estudantes na instituição, visando o combate imediato a atos de violência escolar.

A ação será executada logo no início do ano letivo de 2020, que tem previsão para iniciar no mês de fevereiro. O responsável pela organização do processo de eleição do Grêmio Estudantil e da Assembleia será o gestor escolar, o qual disponibilizará o valor de novecentos reais para a reprodução do material, a ser utilizado nas duas ações.

A atuação será avaliada e monitorada mensalmente. Nesse sentido, serão observados, através de análises dos livros de ocorrência e a partir da avaliação dos alunos durante as reuniões mensais do grêmio estudantil, se as regras estão sendo cumpridas, se o número de registros de ocorrências se atenuou e, conseqüentemente, se a violência escolar diminuiu. Ou seja, serão produzidos indicadores de análise para avaliar as ações.

Na seção a seguir, será abordada a segunda ação, que visa o combate ou intervenção na violência existente contra o patrimônio físico e material da instituição escolar.

#### **4.1.2 Projeto Perspectiva de Vida**

Essa seção procura apresentar um plano de ação, voltado para a melhoria das perspectivas de vida dos alunos, que são muito precárias, segundo dados desta pesquisa. Essa ação objetiva que os adolescentes deem valor aos estudos, visando um futuro promissor, com profissões e empregos melhores, além de condições de vida melhores.

Pode-se supor que a maioria das pessoas, normalmente, a partir da adolescência, começa a desenvolver planos e projetos realistas quanto à sua educação, profissão e vida em geral. Para Bilde *et al.* (2011), esta é uma das tarefas “desenvolvimentais” mais importantes naquela fase da vida.

Entretanto, segundo esses mesmos autores, apesar de a escolaridade ser orientada para o futuro, por propiciar os meios necessários para futuras realizações, os jovens de diferentes classes sociais estabelecem metas de vida para as quais a escolaridade atual pode contribuir. Isto é, alguns conseguem ter uma visão clara do seu futuro e compreendem que é importante se dedicarem e

se esforçarem ao máximo em seus estudos, de forma que, futuramente, possam alcançar os seus objetivos educacionais ou profissionais.

Todavia, alguns alunos, principalmente os de classe sociais “inferiores” e com problemas familiares, não apresentam uma perspectiva clara e definida de tempo e futuro, o que pode levá-los a dar menor valor e empenho em seus estudos. Tratam-se de jovens orientados exclusivamente para o presente, vivendo o aqui e o agora, procurando constantemente novos estímulos e sensações.

Para esse fenômeno surgiram, duas explicações, apresentadas por Bilde *et al.* (2011). São elas: a de pessoas com uma perspectiva de tempo futuro e aquelas que se atêm ao presente e são levadas ou por hedonismo ou por um senso de fatalismo.

No primeiro caso, fazem agora aquilo que querem, buscando apenas o prazer, um exemplo típico um jovem ou adolescente que bebe todo final de semana, vai a festas e dirige alcoolizado, sem sequer se importar com riscos de morte. Eles querem apenas sentir prazer nas atividades atuais, mas, paradoxalmente, não são particularmente felizes e, muitas vezes, se sentem entediados e até deprimidos. Outra explicação para a orientação exclusiva para o presente envolve atitude fatalista. Os fatalistas ficam presos no presente, porque se sentem impotentes e sem esperança, pois não acreditam ter controle sobre eventos futuros (BILDE *et al.*, 2011).

Valorizando o aluno e mostrando que ele pode ter futuro, ele verá o quanto a escola é fundamental. Ao perceber tal importância, ele dará maior valor à instituição e a verá com outros olhos, passando a valorizar o espaço físico e quem trabalha nela, pois saberá da importância de cada um para o alcance de seus objetivos e sonhos.

Por isso, é necessário que o plano de ação educacional esteja voltado para a perspectiva de futuro dos alunos da instituição escolar. No Quadro 7 é apresentada a estrutura da ação proposta.

Quadro 7 – Projeto Perspectiva de Vida

(continua)

<b>O que será feito?</b>	Projeto Perspectiva de Vida
<b>Por que será feito?</b>	Devido à baixa autoestima dos alunos e à alta desvalorização do ambiente escolar, é necessário um projeto que desenvolva, nos alunos, uma perspectiva de vida positiva, que os leve a ser cidadãos que contribuam para uma melhor sociedade.

<b>Onde será feito?</b>	Na Unidade Escolar
<b>Quando será feito?</b>	Primeiro semestre letivo de 2020
<b>Por quem será feito?</b>	Professores, equipe gestora, famílias, órgãos públicos e parceiros.

### Quadro 7 - Projeto Perspectiva de Vida

(conclusão)

<b>Como será feito?</b>	O projeto será executado em forma de palestras, mostra de profissões, seminários, visitas técnicas. Despertando, nos alunos da instituição que vão participar, o desejo pelos estudos, objetivando melhores trabalhos e condições de vida. Cada ato, dentro da ação, será feito em um período do ano letivo, acontecendo durante todo ano. A sua avaliação será feita ao final do ano letivo, analisando a melhoria de resultados, diminuição de casos de violência registrados e redução da reprovação escolar.
<b>Quanto custará fazer?</b>	Investimento em material para a realização dos projetos: R\$2.000,00 (dois mil reais)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Busca-se, com a execução do plano de ação e com orientação profissional, que os adolescentes acreditem na escola como agente garantidor do seu futuro e queiram continuar os estudos, chegando até a universidade. Além disso, procura-se que eles valorizem o ambiente escolar e tudo o que acontece nele, respeitando colegas, professores e o patrimônio escolar.

A escola deve ser vista como lugar privilegiado para a difusão do conhecimento e para o crescimento intelectual e afetivo do aluno. Para tanto, é fundamental acreditar na valorização dos jovens, na formação da consciência crítica e que o estudo é o melhor caminho. Dessa forma, poderão conquistar os seus objetivos. Nesse sentido, essa ação pode contribuir para que o jovem expresse as suas emoções e os seus pensamentos, ajudando, inclusive, na diminuição de sua agressividade.

O projeto será executado em forma de palestras mensais (com profissionais das áreas de maior interesse), mostra de profissões semestrais (para se conhecer um pouco da atuação de cada profissão), seminários anuais (debates sobre o futuro) e visitas técnicas trimestrais (conhecer os possíveis locais de trabalho e/ou estudo). Propõe-se que todos os alunos da instituição participem e, desta forma, sejam expostos às possibilidades que eles têm de estudo (universidades, institutos federais, cursos técnicos), de trabalho (apresentação das profissões: salários, carga horária, formação necessária). Por meio de tais ações, poderão entender a importância do estudo e do trabalho, criando sonhos, vontades e desejos nos alunos de terem um trabalho melhor, de alcançarem estudos mais elevados do que os seus pais e de se inserirem no mercado de trabalho, conforme desejo relatado por eles durante o questionário.

É fundamental, assim, valorizar o saber, pois é dele e, conseqüentemente, do estudo e da escola, que vão surgir as melhores oportunidades. Conseguindo dar valor ao estudo, a escola será um local de respeito e, com isso, a violência contra a escola tenderá a diminuir, pois ninguém respeita aquilo em que não vê sentido.

A ação será monitorada através de debates mensais e será avaliada ao final do ano letivo, quando será analisada a melhoria dos resultados escolares, através das notas dos alunos; a diminuição dos casos de violência, por meio dos registros no livro de ocorrência; e a redução da reprovação escolar, através dos resultados finais.

Na seção a seguir, será abordada a terceira ação, que visa o enfretamento ou intervenção na violência ocorrida dentro do prédio escolar e com/pelo os seus alunos, professores e servidores.

#### **4.1.3 Mediação Escolar e Padronização dos Registros**

A mediação é um método de resolução de conflitos que vem sendo bastante difundido e aplicado em diversos ambientes, inclusive nas escolas. Nele, um mediador externo auxilia a comunicação entre as pessoas, em busca de uma resolução para os problemas apresentados. Trata-se de uma ferramenta para ajudar na pacificação e democratização da escola, bem como no oferecimento de uma educação integral que aporte ferramentas para o aluno desenvolver competências emocionais, sociais e de comunicação (DE MATEO, 2001).

A implementação do programa de mediação na escola deverá sempre atender às necessidades específicas da instituição. Segundo Iungman (1996), os objetivos da mediação escolar podem ser os seguintes:

Construir um sentido mais forte de cooperação e comunidade com a escola; Melhorar o ambiente na aula por meio da diminuição da tensão e da hostilidade; Desenvolver o pensamento crítico e habilidades para a solução de problemas; Melhorar as relações entre os estudantes e os professores; Aumentar a participação dos alunos e desenvolver habilidades de liderança; Resolver as disputas menores entre as pessoas que interferem no processo de educação; Favorecer o aumento da autoestima dos membros da comunidade escolar; Facilitar a comunicação e as habilidades para a vida cotidiana. (IUNGMAN 1996, p.96).

Caso a mediação escolar consiga alcançar os objetivos propostos, os casos de violência escolar conseqüentemente serão reduzidos drasticamente, melhorando todo o clima escolar da instituição.

Melhorar o conhecimento dos profissionais sobre as especificidades da mediação escolar é parte fundamental da ação. Para tanto, deverá ser criado e normatizado um grupo de mediadores escolares que, além de previamente organizados, estarão preparados para atuação e condução dos acontecimentos escolares.

Formando, assim, um grupo conciso, composto por membros de todos os segmentos escolares (alunos, pais, professores, servidores e gestão) que tenham capacidade de ouvir e, principalmente, dialogar, sendo capazes de entender todas as partes envolvidas no fato, sem preferências.

Esta ação será realizada sempre que necessário. Ou seja, à medida que ocorrerem problemas relacionados a qualquer violência escolar, o grupo será convidado a se reunir com as partes envolvidas e mediar o conflito. Outro ponto importante desta ação é a padronização de informações contidas nos registros dos livros de ocorrência, pois este é fator preponderante para os processos de análise e mediação dos conflitos escolares. Conforme estipulamos nesta terceira ação, os participantes do grupo de mediação escolar serão as pessoas responsáveis por registrar as ocorrências, encaminhá-las, ou mesmo realizar a mediação no papel de mediadores.

Percebemos, através desta pesquisa, que os registros de ocorrência só conseguem produzir um círculo vicioso, que, ao invés de resolver o problema da violência, apenas o agrava. A cada punição ou ameaça de punição registrada, a escola acaba se desfigurando como instituição educacional e motivando os sujeitos ali presentes a tomarem a mesma atitude agressiva, no âmbito dos seus relacionamentos, tornando o ambiente escolar um campo de batalha.

A padronização de registros faz com que as ações sejam mais claras e, com isso, ela possa ser combatida de forma mais precisa. Para isso, foi criado um formulário (Apêndice D), que deve ser utilizado como padrão para os registros de ocorrências de qualquer ato de violência escolar e deverá ser preenchido por pessoal competente, que faça parte do grupo de mediadores.

O formulário deve ser arquivado com a devida identificação, junto ao diretor da escola e em ordem cronológica ao ocorrido, para que possa ser utilizado em outras ocorrências que estejam relacionadas direta ou indiretamente ao fato relatado. Ele deve ser preenchido no momento da mediação pelo sujeito educacional que estiver representando o mediador, de forma que as informações relatadas obedeçam aos critérios de fidedignidade e imparcialidade.

Outro ponto que pode ganhar qualidade, durante o processo de mediação de conflitos escolares, é o acompanhamento próximo da sequência de fatos, em caso de reincidências, e das ações tomadas. Dessa forma, toda a comunidade escolar interessada poderá saber o que tem acontecido na trajetória escolar do aluno, quais ações estão sendo tomadas pela gestão e pelo grupo de mediadores e qual a reincidência daquele estudante em conflitos escolares. Nesse sentido, ficará evidente que a escola está em ação contínua para combater todas as violências escolares existentes.

O monitoramento desta ação de padronização de registros será feito através da análise do próprio documento criado. Para tanto, deverá ser analisada a reincidência de cada aluno no fato para o qual foi realizado o registro, a mediação e a intervenção.

Nos Quadros 8 e 9, são apresentadas as estruturas das ações propostas.

Quadro 8 – Mediação Escolar

<b>O que será feito?</b>	Mediação Escolar
<b>Por que será feito?</b>	Os conflitos diários não são solucionados pela escola. Por isso, a mediação escolar visa combater o problema para que ele se resolva da melhor maneira possível, através do diálogo.
<b>Onde será feito?</b>	Na Escola Estadual Paulo Freire em uma sala reservada (mediação).
<b>Quando será feito?</b>	Sempre que necessário ao longo de todo ano (mediação).
<b>Por quem será feito?</b>	Grupo de Mediadores Escolar (gestor, professores, servidores, pais, alunos, comunidade, etc).
<b>Como será feito?</b>	Criando e normatizando um grupo de mediadores escolares, além de capacitá-los e organizá-los para atuação e registro dos acontecimentos escolares. A atuação se dará sempre que necessário e acontecerá em forma de roda de conversa entre as partes envolvidas no conflito e o grupo de mediadores.
<b>Quanto custará fazer?</b>	Café para os participantes: R\$300,00 (Trezentos reais)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.



Quadro 9 – Padronização dos Registros das Ocorrências e Advertências

<b>O que será feito?</b>	Padronização dos Registros das Ocorrências e Advertências
<b>Por que será feito?</b>	Criação de uma padronização de escrita de ocorrência escolar, o que facilita a identificação dos atos, dos atores e dos porquês dos atos, visando o enfrentamento e solução do mesmo.
<b>Onde será feito?</b>	Em um livro de atas organizado para tal finalidade (registro)
<b>Quando será feito?</b>	Sempre que ocorrerem conflitos (registros).
<b>Por quem será feito?</b>	Grupo de Mediadores Escolar (gestor, professores, servidores, pais, alunos).
<b>Como será feito?</b>	Criando e normatizando um grupo de mediadores escolares, além de capacitá-los e organizá-los para registro dos acontecimentos escolares. .
<b>Quanto custará fazer?</b>	Reprodução dos Formulários (Apêndice D): R\$300,00 (Trezentos reais)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

As referidas ações, além preservarem o histórico de mediação de conflitos realizada na escola, servirão como subsídios para outras discussões que surgirem durante o processo de gestão, assim como deverão ser parte integrante do Projeto Político Pedagógico da Escola e da proposta curricular.

Para que essas ações sejam realizadas, é necessário que todos os envolvidos conheçam bem essa nova forma de lidar com os conflitos, com a maneira de a escola olhar para esses conflitos, e, principalmente, com a maneira de perceberem esses conflitos. Dessa forma, o programa de mediação escolar será fortalecido, de forma a haver uma melhoria na resolução dos problemas escolares. Além disso, a nova forma de registrar as ocorrências ocorridas na instituição colabora para um melhor enfrentamento das violências.

Na seção a seguir, são abordadas a quarta e última ação, que visa propor uma reflexão e uma intervenção sobre como lidar com todo o aumento da violência após a entrada de um novo segmento de ensino na Escola Estadual Paulo Freire.

#### 4.1.4 Rede de Proteção e Apoio

Autores como Abramovay e Rua (2002), Stelko-Pereira e Williams (2010) e Vinha *et al.* (2016) convergem, no que diz respeito aos fatores que influenciam a violência escolar. Todos estes pesquisadores citam que o maior influenciador é o

que eles chamam de tripé: a família, que é a inspiração e o modelo inicial para as crianças; a escola, a porta da sociedade, sendo o primeiro contato social que a criança tem; e a sociedade, que influencia, principalmente, o adolescente, pois este está à procura de se inserir em um grupo.

Mediante essas informações e as demais contidas neste estudo e refletindo sobre o grande aumento da violência escolar depois da entrada de adolescentes e jovens na instituição de estudo foco da pesquisa, passa a ser necessário o apoio de outros órgãos públicos, responsáveis pelos menores de idade, para dar apoio e respaldo, de forma que a instituição consiga oferecer o que lhe é de responsabilidade. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a escola deve formar o cidadão, e, desse modo, garantir que a educação básica desenvolva o educando, assegurando-lhe a formação comum, indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 1996).

Foi possível observar, ao longo do texto, que medidas são tomadas, mas o problema não tem sido resolvido. Além das propostas anteriores deste PAE, esta quarta ação visa trazer maiores condições para que o gestor tenha mais autonomia perante alguns episódios que fogem ao seu alcance, como os atos de violência cometidos por alunos reincidentes.

Para isso, órgãos públicos vão ser convocados a se reunir, com vistas a assegurar os direitos e deveres dos alunos, sejam eles vítimas, autores ou espectadores da violência escolar cotidiana da Escola Estadual Paulo Freire. Pois, seja qual for o papel do aluno (autor ou vítima), nos casos de violência, todos são prejudicados de alguma forma.

Na grande maioria das vezes, o problema da violência escolar está ligado a problemas fora do ambiente escolar, fatores externos ao controle da equipe gestora da instituição de ensino. Por isso, este plano de ação visa, juntamente com a comunidade escolar, definir estratégias para reunir todos os órgãos públicos de apoio aos alunos e a suas famílias, visando sanar o problema em sua raiz e para que cada órgão assuma a sua responsabilidade em defesa dos direitos dos alunos.

Vão ser convidados e cobrados a participar os órgãos ou entidades responsáveis pelos direitos e deveres do adolescente. São eles: o Centro de Atenção Psicossocial (CAPSI) o Centro de Referência de Assistência Social

(CRAS), o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), o Conselho Tutelar, a Polícia Militar, os responsáveis pelo Bolsa Família, os Juízes de 1º e 2º Vara da Infância e Juventude e o posto de saúde da comunidade.

O CAPSI é um programa do Ministério da Saúde que faz parte da rede de atenção da saúde mental. O seu objetivo é o de oferecer atendimento à população de forma humanizada, realizar o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Ele terá papel de oferecer atendimento àqueles alunos que tenham problemas psicológicos, psicossociais, depressão, psicoses, quadros ansiosos severos e dependência química.

O CRAS é a porta de entrada da assistência social. É um local onde são oferecidos os serviços de assistência social para pessoas em vulnerabilidade, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade. Ele terá papel de apoiar às famílias dos alunos, oferecendo condições de vida justa, para que elas tenham condições de oferecer o mínimo aos alunos, e estes possam frequentar com dignidade o ambiente escolar. Além disso, juntamente com os responsáveis pelo programa “bolsa família”, o CRAS ficará responsável por emitir relatórios de frequência escolar, notas e comportamentos, dos filhos das famílias que recebem a bolsa.

O CREAS é uma unidade pública da política de assistência social, onde são atendidas famílias e pessoas que estão em situação de risco social ou tiveram seus direitos violados. Ele terá o papel de fiscalizar o cumprimento de medidas socioeducativas, em meio aberto de liberdade assistida e de prestação de serviços à comunidade por adolescentes que cometerem atos de violência escolar e forem encaminhados pelos juízes da vara da infância e da juventude.

O Conselho Tutelar procura zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos por lei. Ele deverá acompanhar os alunos, para que eles tenham assegurados seus direitos, apurando os casos de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Além disso, fará o controle dos alunos que recebem o benefício do programa bolsa família.

Os juízes e a Polícia Militar procurarão cobrar que se cumpram as determinações. Caso isso não aconteça, medidas legais poderão ser tomadas pelas autoridades competentes.

A rede de apoio deverá ter um encontro mensal, quando todas as autoridades e as entidades discutirão os casos levados ao encontro. Deste encontro, sairão intervenções, possíveis tratamentos, medidas disciplinares, pequenas ações. Além disso, os casos já discutidos serão acompanhados com maior atenção, de forma que seja possível entender se as intervenções estão causando algum efeito positivo.

Metodologicamente, a ação proposta adota preceitos didáticos defendidos pela UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a saber e aprender a conviver. Cabe a cada órgão e entidade cobrar para que isso aconteça da melhor maneira possível.

Se toda a rede pública de direitos agir junta, os problemas tendem a ser menores e a violência tende a diminuir. Quando acontecerem novas situações, serão tomadas as medidas para que não ocorram novamente. Como relatado anteriormente, melhorando o tripé (sociedade, escola e família), a violência escolar será o menor dos problemas da instituição.

A seguir, o Quadro 10 apresenta a estrutura da ação proposta.

Quadro 10 – Rede de Apoio

<b>O que será feito?</b>	Solicitado e firmado um apoio dos órgãos públicos para que cada um assuma sua responsabilidade em defesa dos direitos e deveres dos alunos.
<b>Por que será feito?</b>	Para assegurar os direitos da instituição escolar, objetivando o apoio ao aluno e garantindo os seus direitos, mas também cobrando seus deveres. É necessário ter a certeza de que o aluno tenha condições de apoio, tratamento, garantia de direitos, criando, assim, um cidadão melhor, o que irá refletir em sua postura no ambiente escolar.
<b>Onde será feito?</b>	Na escola ou em local previamente definido pelo grupo “Rede de apoio”
<b>Quando será feito?</b>	Durante todo o ano de 2020 – de janeiro a dezembro.
<b>Por quem será feito?</b>	Pelos representantes da instituição, do CRAS, do CAPSI, do Conselho Tutelar, da Polícia Militar e do Juizado da Infância e da Juventude.
<b>Como será feito?</b>	Os órgãos públicos serão convocados a se reunirem para assegurar os direitos e deveres dos alunos, dos que são vítimas, dos que são autores e dos que são apenas espectadores da violência escolar cotidiana. As reuniões acontecerão uma vez no mês, havendo a participação de todos os órgãos públicos. Nelas, os problemas, as soluções e o andamento do caso serão discutidos coletivamente.
<b>Quanto custará fazer?</b>	Impressão de material: R\$ 1.000,00 (hum mil reais); Confecção de lanches para todos os participantes durante as ações e transporte aos envolvidos: R\$ 2.500,00 (Dois mil e

quinientos reais).
--------------------

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A rede de apoio terá o papel de “tratar” os adolescentes, alunos da instituição, cuidando de cada um individualmente e mediante a sua necessidade. A proposta da ação será desenvolvida por meio de valorização de sua história e de sua origem. Nesse sentido, ela visa despertar a consciência dos alunos acerca do valor da vida e da família, muitas vezes banalizada por questões irrelevantes, em atitudes extremas.

Ademais, a rede atuará na conscientização dos alunos sobre seus direitos e deveres. Dessa forma, será possível haver a formação de consciência e a percepção da responsabilidade para consigo e para com o outro, sendo um caminho essencial para a busca de uma mudança de postura, mostrando o seu papel na sociedade.

É sugerida, ainda, a realização de palestras, rodas de conversa e outros espaços democráticos, com promotores, delegados, juízes e defensores, para trabalhos conjuntos e/ou extraclasse que devem ser realizados conforme disponibilidade das autoridades competentes.

Por fim, a finalidade maior desta ação bastante ousada é contribuir com a garantia do direito que os alunos têm a um ensino público, gratuito e de qualidade, onde a permanência do estudante durante todo processo educacional oferecido pela educação básica seja garantido, formando, com essa ação, uma engrenagem que garanta os direitos das crianças e adolescentes.

Após apresentar todas as ações definidas para serem executadas, as ações deste PAE devem ser incluídas no PPP da escola e, com isso, fazer com que se torne uma ação fixa e duradoura, pois sabemos que a mudança é de longo prazo. Além disso, as ações propostas neste Plano de Ação Educacional são exequíveis e de baixo custo para facilitar sua implementação na escola investigada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos apresentados e que ajudaram a construir o texto deste trabalho oferecem concepções e reflexões sobre o contexto de violência escolar, encontrada na Escola Estadual Paulo Freire. É importante salientar que a violência é um fenômeno que interfere no aproveitamento escolar e no andamento das atividades escolares e deve ser combatida na raiz do problema. Diante desse contexto, os gestores precisam, diariamente, intervir em qualquer comportamento inadequado, por mais simples que pareça, para que não se tornem problemas maiores, como a violência na escola, da escola e contra a escola.

O presente trabalho buscou, então, compreender se de fato existia um quadro de violência elevado na instituição de ensino, descrevendo o contexto da Escola Estadual Paulo Freire, com foco no quantitativo de registros de atos violentos ocorridos na instituição para compreender como esses fatos ocorrem no ambiente escolar e propor novas ações de enfrentamento ao problema analisado, contribuindo para melhoria no clima escolar. Para isso, foi realizada uma análise documental, especificamente nos livros de registros da escola, além de entrevistas com professores e questionário para os alunos.

A instituição pesquisada, assim como tantas outras no país, apresentou um quadro de violência escolar, principalmente, após a entrada de adolescentes, devido a abertura de turmas do ensino fundamental anos finais na escola. Essa nova realidade e o aumento preocupante da violência escolar chamaram a atenção do pesquisador que, motivado pela proposta do Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP), viu-se desafiado a pesquisar, compreender e, de alguma forma, intervir nesta realidade, pois o gestor escolar deve ser o grande articulador desse processo e, para isso, deve desenvolver competência necessária para propor, motivar, implementar, avaliar e adaptar todos os procedimentos à realidade específica das escolas, caso contrário as mudanças não acontecerão.

A pesquisa de campo aplicada buscou conhecer e compreender as razões dos principais atores envolvidos neste contexto: alunos e professores. Para tanto, utilizou-se a pesquisa documental, as entrevistas e os questionários para entender, a partir dos pontos de vista de cada segmento, como é percebido este

fenômeno da violência na escola e como a comunidade escolar lida com esta questão.

A análise dos documentos escolares em que são registradas as ocorrências envolvendo alunos e professores mostrou que a violência escolar não é uma situação generalizada, mas pontual, tendo em vista o grande número de reincidências registrado. Os resultados da pesquisa apontaram que a entrada do novo segmento da educação fundamental, (6º a 9º ano), casou um grande impacto na violência da escola.

Ou seja, a maior parte das ocorrências envolve sempre os mesmos alunos, e ela é mais grave e mais recorrente nas séries finais do ensino fundamental. Mostrando que a escola não estava preparada para receber um público com outras demandas e necessidades das que as crianças, que já ali estudavam, careciam.

Com a pesquisa bibliográfica, foi possível perceber que o tema da violência nas escolas ainda está longe de ser algo esgotado, as pesquisas como as de Abramovay e Rua (2002) contribuem para que esta também se torne um parâmetro para outras e sirvam como referência para a construção de um espaço de diálogo sobre o referido tema, além disso, foi possível identificar que a escola sozinha, perante os altos casos de violência escolar, não tem forças suficientes para resolver os problemas cotidianos dos jovens e, por isso, necessita de parcerias diversas.

Por isso, foram propostas ações de enfrentamento à violência escolar existente na instituição de ensino, são elas: criação do projeto de perspectiva de vida, criação de regras escolares coletivas, criação do grêmio estudantil, padronização dos registros de ocorrência, implementação do plano de mediação escolar e a criação da rede de proteção e apoio ao aluno e à sua família.

Por fim, realizar este trabalho foi um grande desafio, pois o pesquisador, que atua no local da pesquisa e à frente da gestão escolar, conheceu desafios diferentes daqueles que costumava enfrentar, tendo em vista a grande diferença em separar a pesquisa de sua atuação diária.

Caso as propostas aqui apontadas sejam efetivamente implementadas no ambiente escolar em estudo, estimamos que essas novas formas de abordagens previstas para a gestão dos conflitos tornem o ambiente escolar mais agradável, mais compreensivo, mais democrático, mais justo, mais produtivo e especialmente mais humano no contexto dos relacionamentos.



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. **Violências nas escolas**. 2. Ed. São Paulo: UNESCO, 2012.

ABRAMOVAY, M. **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens**. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2016.

ABREU, M. A escola possível e a merenda escolar. In: FISCHER, N.B. FONSECA, L. S.; FERLA, A. A. (Org.). **Educação e Classes Populares**. Porto Alegre: Mediação, 1996. (Coleção Cadernos de Autoria).

ALMEIDA, J. As violências que estão na escola. **Revista Nova Escola** [online], 01 abr. 2012. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestaoescolar/diretor/violencias-estao-escola-432178.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2019.

AMADO, J.; FREIRE, I. **Indisciplina e violência na escola**. Compreender para prevenir. Lisboa: Edições ASA, 2002.

AMAZONAS. Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas. **Revista Contextual** – SADEAM. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 4, jan./dez. 2015, Juiz de Fora, 2015 – Anual.

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEBA**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/753/526>. Acesso em: 16 set. 2018.

ÁQUILA, T. G. D. *et al.* Cultura organizacional, clima escolar e incivildades: o que os alunos esperam da atitude do professor no ambiente escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC/PR, 2009.

BILDE, J.; *et al.* **The association between future time perspective and self-regulated learning through the lens of self-determination theory**. Learning and Instruction, v.21, p. 332-345, 2011.

BLAYA, C. *et al.* Versão em português do Defense Style Questionnaire (DSQ-40) para avaliação dos mecanismos de defesa: um estudo preliminar. **Rev. Bras. Psiquiatria** [online]. v.26, n.4, p.255-258, 2004 Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000400010>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e dá outras providências. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação - PNE**. Brasília, DF: INEP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 07, de 7 de abril de 2010**. Estabelece as Diretrizes Curriculares nacionais para a educação básica. Brasília, DF, 2010a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 11, de 7 de dezembro de 2010**. Aborda as Diretrizes Operacionais para a implantação do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos Brasília, DF, 2010b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação – 2014/2024 – Linha de base**. PNE. Brasília, DF: INEP, 2014.

BRASIL. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – 2017** [online]. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoes-2/caged-3/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BOSSA, N. A. **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRESSOUX, P. **As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito professor**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 38, ago./ dez. 2003.

BRITO, R.L.G.L. Cultura, Clima e Gestão da Escola. In Feldmann, M.G. (Org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora SENAC, 2009. p.243 a 252

BROOKE, N.; SOARES, F.. (Orgs). Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CAMACHO, L.M.Y. **A violência nas práticas escolares de adolescentes**. ANPED, GT Sociologia da Educação, 2001. 1 CD-ROM.

CANDIAN, J.; REZENDE, W. Contexto normativo do clima escolar e o desempenho dos alunos: implicações para o debate sobre gestão escolar. **Revista Eletrônica Pesquisa e debate em Educação**, Juiz de Fora, v 3, n,2, p. 25 a 41, jul./dez. 2013.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n.8, ano 4, p.432-443, jul./dez. 2002.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização [recursos eletrônicos]**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artemed, 2007. (Tradução Sandra Loguercio).

COHEN, R. **Global diasporas: an introduction**. London: UCL Press, 1997.

CREPALDI, E. M. F. A Importância da Família na Escola para a Construção do Desenvolvimento do Aluno. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13, 2017, Paraná. **Seminário**. Curitiba: Unesco, 2017. p. 11733 - 11744.

CRISTINI, F. MG registra 10,6 mil casos de violência em escolas públicas e particulares em 6 meses. **Portal G1**, 08 de agosto de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/08/08/mg-registra-106-mil-casos-de-violencia-em-escolas-publicas-e-particulares-em-6-meses.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2019.

CUNHA, A. M. et al. A intensidade tecnológica das exportações brasileiras no ciclo recente de alta nos preços das commodities. **Indic. Econ. Fee**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p.47-70, 2011.

DE MATEO, S. **La aportación de la mediación entre iguales al curriculum social de los adolescentes**: programa e-amediar, 2001.

DEBARBIEUX, E. **Violência na escola**: um desafio mundial? Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Clima escolar e violência nos sistemas de ensino secundário da França e da Inglaterra**. Relatório sobre Violência nas Escolas e Políticas Públicas para a UNESCO. Brasília, DF, 2002.

DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F.; FERNANDES, M.J.S. 2006. As condições de trabalho dos professores e o trabalho coletivo: mais uma armadilha das reformas educacionais neoliberais? In: SEMINÁRIO DA EDUCAÇÃO UNISINOS REDE LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE TRABALHO DOCENTE– REDE ESTRADO, 6, Rio de Janeiro, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro, REDE ESTRADO, p.1-13.

DÍAZ-AGUADO JALÓN, M. J. *et al.* **Estudio estatal sobre la convivencia escolar en la educación secundaria obligatoria**. Madrid: Ministerio de Educación, 2010

DOURADO, L. F. *et al.* (Org.). **A qualidade da educação**: conceitos e definições. Brasília: INEP/MEC, 2007. (Série “Textos para discussão”, nº 24).

DUARTE, R. G. **Os determinantes da rotatividade dos professores no Brasil**: uma análise com base nos dados do SAEB 2003. Dissertação (Mestrado em

Economia) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Ribeirão Preto, 2009

DUBET, F. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.119, p. 29-45, jul. 2003

ELIAS, M. A. **Violência escolar**: caminhos para compreender e enfrentar o problema. 1. ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE. **Projeto Político Pedagógico**. Outro Preto, MG, 2018a.

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE. **Livro de Registros Oficiais da Escola**. Outro Preto, MG, 2018b.

FERNANDES, K. T. **O conceito da violência escolar na perspectiva dos discentes**. 2006. 141f. Brasília. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2006.

FERRAZ, A. (Coord.) **Violência nas escolas**: uma visão dos delegados da APEOESP. São Paulo. Dieese/Apeoesp, 2007.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SALDANÃ, P. EDUCAÇÃO: Nos estados mais violentos, 42% dos alunos já foram agredidos nas escolas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 01-06. 21 mar. 2016.

FRANKLIN, Y; NUSS, L F. **Ferramenta de Gerenciamento**. Resende: AEDB, Faculdade de Engenharia de Resende, 2006.

FUNDAÇÃO LEMANN; MERITT. Dados contextuais dos alunos da Escola Estadual Paulo Freire. **Portal QEDu** [online], 2012. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/>. Acesso em: 23 fev. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2008.

GUEDES, F. do C. **Gestão do Conflito e Clima Escolar**: um estudo de caso em uma escola estadual do Amazonas. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Gestão e Avaliação da Educação, Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017

GROGGER, J. *Local violence and educational attainment*. **Journal of Human Resources**, *Wisconsin*, v.32, n.4, p.659–682, 1997.

HERGESEL, S. dos S. **A participação do sindicato dos professores do ensino oficial do estado de São Paulo (APEOESP) na formação político-pedagógica do professor**. 2005. 172p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252964>. Acesso em: 10 jan. 2019.

HOMEM Aranha. Direção: Sam Raimi. Produção: Columbia Pictures. Califórnia, EUA, 2002. DVD (135 min).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000 – Resultados do Universo**. Rio de Janeiro, 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010 – Resultados do Universo**. Rio de Janeiro, 2011.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar**, 2010. Brasília: MEC, 2011.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório Nacional – Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem**. Brasília, DF, 2014.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Questionários contextuais**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://goo.gl/4Odzia>. Acesso em: 20 abr. 2018

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Prova Brasil e Saeb**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/resultados> Acesso em: 10 jul. 2019.

IUNGMAN, Silvia. **La mediación escolar**. Buenos Aires: Ed. Lugar Editorial, 1996.

KIPNIS, B; DAVID, A. C. **Elementos do processo de pesquisa em esporte escolar**. 1.ed. Brasília: Ministério do Esporte, 2004.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCINDA, M. da C.; NASCIMENTO, M. das G.; CANDAU, V. M. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999

MARRONE, L. B.; OMODEI, J. D. A Violência Escolar na Concepção de Professores do Ensino Fundamental. **Revista da Tema**, São Paulo, 2016.

MELO, Z. M. de. *Familia y violencia; supervivencia en la casa y en la calle: una vivencia en la ciudad de Recife*. Tese (Doutoramento) - Universidad de Deusto, 1998.

MEIRELES, G. **Sistema de gestão de SMSQRS: sistema de gestão integrada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Gerenciamento Verde Editora, 2010

MENESES, J. G. C. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica**: Leituras. São Paulo: Pioneira, 1998.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007

MINAS GERAIS. Sistema Mineiro de Administração Escolar - SIMADE. **Dados das escolas do distrito de Antônio Pereira**. Belo Horizonte, MG, 2018.

MINAYO, M. C. de S (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

MOORE, C. W. **O processo de mediação**: estratégias práticas para a resolução de conflitos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORO, A. *et al.* Avaliação do clima escolar por estudantes e professores: construção e validação de instrumentos de medida. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 27, n. 64, p.67-90, jan./abr. 2018.

MORO, A. *et al.* (Coord.). **Manual de orientação para a aplicação dos questionários que avaliam o clima escolar** Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2017.

OCDE - ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. PISA 2015. **Results: Excellence and Equity in Education**. Volume I. Paris: OECD Publishing, 2016.

OLIVEIRA, R. P. *et al.* **Análise das Desigualdades Intraescolares no Brasil**: Projeto de pesquisa desenvolvido pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas de Educação (CEPPPE) – da Faculdade de Educação da USP com o apoio da Fundação Victor Civita. Usp: São Paulo, 2013.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Resumo. 2002. Disponível em: <http://www.who.int/publications/en/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, 2009.

PERALVA, A. Escola e violência nas periferias urbanas francesas. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p.7-25, 1997.

REIS, Ana Terra Salles. **Um novo olhar da gestão para o ensino fundamental**: propostas para as turmas em transição de ciclos. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão e Qualidade da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

REVILLA CASTRO, J. C. *La violencia de los alumnos en los centros educativos*. **Revista de Educación**. Madrid, n.329, p.513-532, 2002.

REVISTA EDUCAÇÃO. Menos de 5% dos brasileiros filhos de pais que nunca foram a escolas concluem o ensino superior. **Portal Revista Educação**, edição 246, Políticas Públicas, 31 de janeiro de 2018. Disponível em:

<https://www.revistaeducacao.com.br/menos-de-5-dos-brasileiros-filhos-de-pais-que-nunca-foram-escola-concluem-ensino-superior/> Acesso em: 10 jul.2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 eds. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, Terezinha Azeredo. O espaço físico da escola é um espaço pedagógico. **Revista Nova Escola [online]**, Colunas – Ética na escola, 01 de maio de 2011. Disponível em: <http://gestaoescolar.abril.com.br/espaco/espaco-fisicoescola-espaco-pedagogico-630910.shtml>. Acesso em: 27 jan. 2018.

RODRIGUES, V. P. *et al.* Percepção dos moradores do distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto - MG, sobre meio ambiente, saneamento básico e riquezas ambientais locais. **Revista Elo - Diálogos em Extensão**, Belo Horizonte, v. 06, n. 02, p.25-35, out. 2017.

ROMÁN, M.; MURILLO, J. *América Latina: violencia entre estudiantes y desempeño escolar*. Revista CEPAL, Santiago, n.104, p. 37-54, 2011.

ROMERO, J. R. *et al.* Estudo do Clima Escolar e Resultado de Avaliação Externa nas Escolas Públicas de Ceará - Brasil. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, VI, 2014, Peru. **Anais...** 2014. p. 01 - 15.

SANTOS, Ivan Sales dos. **Um estudo de caso sobre a violência escolar em uma escola da Coordenadoria Distrital de Educação 7**. 2016. 83f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão e Qualidade da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SARAGOÇA, J. *et al.* (2011, Agosto). Efeitos das transições escolares no rendimento acadêmico: Os capitais econômico, cultural e social como fatores explicativos, num estudo longitudinal interdisciplinar com alunos portugueses. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DIVERSIDADES E (DES)IGUALDADES, IX, Salvador, Brasil. 2011. **Anais...**Salvador, 2011.

SEMPREBOM, S. M.P.; RIBEIRO, F. V. Juventude e participação. **Dia a dia Educação [online]**, Curitiba, 2008. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/959-4.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019

SEVERINI, E. R. **A relação entre violência nas escolas e proficiência dos alunos**. Março 2007.

SILVA, J.M.A.P.; SALLES, L. M. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 217-232, 2010 (especial).

SOUZA, M. R. de. Violência nas escolas: causas e consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**, Aparecida de Goiânia, v. 2, n. 2, p.119-136, 2008.

SPOSATI, A. de O. **Mapa da exclusão/inclusão social na cidade de São Paulo**. São Paulo. EDUC, 1996.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan/jun., 2001.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. **Psicologia do Adolescente**. Fundação Calouste Gulbenkian. 3. ed. Lisboa, 2003

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia**, São Paulo, v. 18, n. 1, p.45-55, abr. 2010.

TEIXEIRA, E. J. **Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida**. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado em Psicologia).- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2005.

THAPA, A. *et al.* A review of school climate research. **Review of Educational Research**, v.83, n.2, 2013.

TRIVIÑOS, A. S. **Introdução à pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000. p. 11-25.

VEZZULLA, J. C. **Teoria e prática da mediação**. Curitiba: IMAB, 1998.

Vieira, S. L; Vidal, E.M. Gestão e sucesso escolar: decifrando enigmas. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, XXIV, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. **Anais...**Vitoria, 2009.

VINHA, T. P. *et al.* **O papel dos Sistemas de Avaliação na Orientação da Aprendizagem**: São Paulo: GEPEM - UNICAMP, 2016. 43 slides, color.

## APÊNDICE A- Questionário aplicado a alunos

Prezado aluno (a), sou aluno do curso de Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública ministrado pelo CAEd/UFJF e estou realizando uma pesquisa para minha dissertação. Este questionário foi elaborado de forma que o sigilo lhe seja garantido. As suas informações são fundamentais para o sucesso do meu trabalho. Por isso, desde já, agradeço sua colaboração

Atenciosamente,  
Fabrício Nepomuceno Bicalho Santos

**Idade:** \_\_\_\_\_ **Sexo:** ( ) masculino ( ) feminino  
**Série:** \_\_\_\_\_  
**Tempo que estuda nesta escola:** \_\_\_\_\_

Sabendo que escolas com um **bom clima**, apresentam, em sua maioria, **bons relacionamentos interpessoais, um ambiente de cuidado e confiança, um ambiente de estímulo e de apoio centrado no aluno, qualidade no processo de ensino e aprendizagem, espaços de participação e de resolução dialógica dos conflitos, proximidade dos pais e da comunidade, uma boa comunicação, um senso de justiça (as regras são necessárias e obedecidas e as sanções são justas), além de apresentarem indivíduos que se sentem seguros, apoiados, engajados, pertencentes à escola e respeitosamente desafiados**, marque o questionário a seguir:

### A) OS SENTIDOS DE PERTENCIMENTO E CLIMA ESCOLAR

- **Depois de ler a explicação sobre clima escolar, como você considera o clima de sua escola?**

( ) Positivo ( ) Negativo

- **Na minha escola, temos várias atividades interessantes ao longo do ano.**

( ) Sim ( ) Não

- **Na minha escola, os problemas relacionados a violência são resolvidos lá mesmo.**

( ) Sim ( ) Não

- **Eu obedeco às regras escolares.**

( ) Sim ( ) Não

- **Sinto-me bem cuidado nesta escola.**

( ) Sim ( ) Não

- **A escola precisa ouvir mais os alunos.**

( ) Sim ( ) Não

- **Eu trato meus colegas de escola com respeito.**

Sim  Não

- **Eu trato os funcionários da escola com respeito.**

Sim  Não

- **Eu já sofri algum tipo de violência que tenha vindo dos profissionais da própria escola? (Desvalorização, abuso do poder, expulsão e intimidação).**

Sim  Não

- **Gosto de ir para a escola.**

Sim  Não

- **Acho que vale a pena estudar nesta escola.**

Sim  Não

- **Sinto-me seguro nesta escola.**

Sim  Não

- **Sei o que pode e o que não pode ser feito na escola.**

Sim  Não

- **Sei quais são as punições escolares nos casos de violência escolar.**

Sim  Não

- **Eu colaboro para que a escola funcione bem.**

Sim  Não

- **Já sofri algum tipo de bullying.**

Sim  Não

- **Já presenciei agressão física na escola.**

Sim  Não

- **Ocorrem danos, quebras e pichações ao prédio escolar.**

Sim  Não

- **A mudança de escola no ano de 2017 foi benéfica para você.**

Sim  Não

- **Fui informado com antecedência da mudança de escola.**

Sim  Não

- **Os professores da minha escola se ausentam sem motivo.**

Sim  Não

- **A rotatividade de professores atrapalha o meu aprendizado.**

Sim  Não

- **Os colegas da minha sala me atrapalham de aprender. (indisciplina, bagunça)**

Sim  Não

## 2) ATUAÇÃO DA EQUIPE GESTORA.

**Sabendo que a equipe gestora é composta pelo diretor, a vice-diretora e a secretária, marque o questionário a seguir:**

**- A equipe gestora contribuiu para a melhoria da escola?**

Sim     Não

**- A equipe gestora é aberta para o diálogo?**

Sim     Não

**- A equipe gestora apoia as ideias dos alunos e as põe em prática?**

Sim     Não

**- Quando alguém me ameaça ou agride, a equipe gestora soluciona o problema?**

Sim     Não

**- A escola procura a minha família se eu faltou muito às aulas?**

Sim     Não

**- A equipe gestora da escola só toma suas decisões depois de ouvir outros atores (professores, alunos, pais, etc.)?**

Sim     Não

**- A equipe gestora realiza reuniões com os pais ao longo do ano?**

Sim     Não

**- A equipe gestora consegue resolver todos os problemas escolares?**

Sim     Não

**- Os pais têm voz na escola?**

Sim     Não

**- A equipe gestora intervém nos conflitos escolares ouvindo todas as partes (mediação)?**

Sim     Não

**- A equipe gestora interrompe seu trabalho para resolver assuntos e problemas que ocorrem durante o dia.**

Sim     Não

### 3) PERSPECTIVA DE FUTURO

- Até que série sua mãe ou responsável por você estudou?

- Nunca Estudou
- Entre o 1º e a 5º ano do Ensino Fundamental
- Entre o 6º e a 9º ano do Ensino Fundamental
- Entre o 1º e a 3º ano do Ensino Médio
- Até a faculdade
- Não sei

- Até que série seu pai ou responsável por você estudou?

- Nunca Estudou
- Entre o 1º e a 5º ano do Ensino Fundamental
- Entre o 6º e a 9º ano do Ensino Fundamental
- Entre o 1º e a 3º ano do Ensino Médio
- Até a faculdade
- Não sei

- Vou conseguir ter melhores oportunidades que meus pais.

- Sim     Não

- Eu vou conseguir passar de ano sem dificuldades.

- Sim     Não

- Estou satisfeito com a formação recebida na escola.

- Sim     Não

- Eu vou conseguir concluir o Ensino Médio sem dificuldades.

- Sim     Não

- O que eu penso em fazer depois que concluir o Ensino Médio.

- Fazer um Curso Superior
- Fazer um Curso Técnico
- Trabalhar
- Cuidar da família e da casa
- Não sei

- O que você considera como sendo MAIS importante para ser feliz.

- Ter uma família unida
- Viver com quem ama
- Se realizar financeiramente e conseguir tudo o que deseja materialmente
- Se realizar profissionalmente

## APÊNDICE B - Roteiro de entrevista pra professor

### 1. Qual é o seu sexo?

- A) Masculino.
- B) Feminino.

### 2. Qual o seu nível de escolaridade?

- A) Ensino Superior – Pedagogia.
- B) Ensino Superior – Licenciatura. Qual? \_\_\_\_\_.
- C) Ensino Superior – outros. Qual? \_\_\_\_\_.
- D) Especialização (mínimo de 360 horas). Qual? \_\_\_\_\_.
- E) Mestrado. Qual? \_\_\_\_\_.
- F) Doutorado ou posterior. \_\_\_\_\_.

### 3. Qual é a sua data de nascimento?

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 4. De acordo com as categorias do IBGE, qual é a sua cor?

- A) Branco(a).
- B) Pardo(a).
- C) Preto(a).
- D) Amarelo(a).
- E) Indígena.

### 5. Há quanto tempo você leciona?

- A) Há menos de 1 ano.
- B) Entre 1 e 5 anos.
- C) Entre 6 e 10 anos.
- D) Entre 11 e 15 anos.
- E) Entre 16 e 20 anos.
- F) Há mais de 21 anos.

### 6. Há quanto tempo você leciona nesta escola?

- A) Há menos de 1 ano.
- B) Entre 1 e 5 anos.
- C) Entre 6 e 10 anos.
- D) Entre 11 e 15 anos.
- E) Entre 16 e 20 anos.
- F) Há mais de 21 anos.

### 7. Qual a disciplina que você leciona nesta escola?

- A) Língua Portuguesa.
- B) Matemática.
- C) Outra ciência humana. Qual? \_\_\_\_\_.
- D) Outra ciência exata.  
Qual? \_\_\_\_\_.
- E) Biologia.
- F) Língua estrangeira. Qual? \_\_\_\_\_.
- G) Educação Física.
- H) Outra disciplina. Qual? \_\_\_\_\_.

**A) Violência na escola**

1. O que você entende por violência escolar?
- 2- Como você considera o ambiente escolar no que diz respeito à violência?
- 3- Quais os tipos de violência mais comuns existentes na escola?
- 4- Você já sofreu alguma violência na escola ou já viu alguém sofrendo? Como foi? Como você se sentiu?
- 5- Quais as consequências da violência que sofreu ou presenciou?

**B) Violência contra a escola**

- 1- Como você avalia a influência de fatores externos (condições da vida material, alimentação, ambiente físico, socioeconômico, estilo de vida, ambiente familiar e cultural) na escola sobre a violência dentro da instituição?
- 2- Quais os casos mais graves de violência contra o patrimônio da escola que você se lembra?
- 3- O prédio escolar é pichado? Por quem?
- 4- Fale sobre a depredação do prédio escolar.
- 5- Com qual frequência acontecem furtos ou roubos ao patrimônio em sua escola?

**C) Violência da Escola**

- 1- Fale sobre os casos ou situações de intimidação, humilhação e abuso de poder na escola?
- 2- Como os casos de violência escolar são resolvidos pelos profissionais da escola?
- 3- Como são as medidas disciplinares tomadas pela escola mediante casos de violência escolar?
- 4- Como avalia o efeito das medidas disciplinares da escola?
- 5- Como os funcionários da escola lidam com os atos de violência escolar?
- 5- Qual é a perspectiva de vida dos jovens desta escola?
- 6- Como é o interesse dos alunos pelo aprendizado?

## APÊNDICE C- Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “UM ESTUDO DE CASO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA ESTADUAL DO INTERIOR DE MINAS GERAIS”. Nesta pesquisa pretendemos descrever o contexto da Escola Estadual Paulo Freire, com foco no quantitativo de registros de atos violentos ocorridos na instituição para compreender como esse fato ocorre no ambiente escolar analisado e propor novas ações de combate ao problema analisado.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: estudo de caso, a partir de uma abordagem qualitativa. E como instrumentos de pesquisa, a análise documental, questionário e entrevistas semiestruturadas com os atores envolvidos no processo. A pesquisa contribuirá para a compreensão e análise da violência escolar dentro da instituição de ensino.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no **Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora** e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados no mesmo local acima indicado.

O (A) Sr (a) concorda que o material coletado possa ser utilizado em outros projetos do **Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, sendo assegurado que sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo**, atendendo a legislação brasileira, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos?

Sim      ou       Não

Caso sua manifestação seja positiva, esta autorização poderá ser retirada a qualquer momento sem qualquer prejuízo.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “UM ESTUDO DE CASO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA ESTADUAL DO INTERIOR DE MINAS GERAIS”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Nome	Assinatura participante	Data

Nome	Assinatura pesquisador	Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

**Nome do Pesquisador Responsável: Fabrício Nepomuceno Bicalho Santos**

Endereço: Rua C, nº 15 – Ouro Preto – Distrito de Antônio Pereira – MG.

CEP: 35411-000 /

Fone: (31) 98868-8670

E-mail: fabricios.mestrado@caed.ufjf.br



**APÊNDICE D – Formulário de registros de violência escolar**

ESCOLA ESTADUAL PAULO FREIRE

## Formulário de Registros de Violência Escolar

Aluno(a):

Idade:

Série/Turma:

Turno:

Responsável pelo registro:

Ocorrência: ( ) Primeira vez ( ) Reincidência n° \_\_\_\_\_

1ª Ocorrência: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Reincidência: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## 1) VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA

## A) Violência Verbal:

- ( ) Agressão Verbal Aluno-Aluno
- ( ) Agressão Verbal Aluno-Professor
- ( ) Agressão Verbal Aluno-Funcionário
- ( ) Agressão Verbal Professor-Aluno
- ( ) Agressão Verbal Funcionário-Aluno

## B) Violência Física:

- ( ) Agressão Física Aluno-Aluno
- ( ) Agressão Física Aluno-Professor
- ( ) Agressão Física Aluno-Funcionário
- ( ) Agressão Física Professor-Aluno
- ( ) Agressão Física Funcionário-Aluno

**2) VIOLÊNCIA CONTRA O PATRIMÔNIO:**

- Pichação de paredes / carteiras / muros / portas / portão
- Quebra de mobiliário / acessórios / portas / vidros
- Furto de objetos da escola
- Furto de objetos de outro aluno
- Furto de objetos de professor / funcionário

**3) DESCRIÇÃO DO FATO:****3.1) Relato do Professor/Funcionário:**

---

---

---

**3.2) Relato do Aluno:**

---

---

---

**4) MEDIDA DISCIPLINAR APLICADA**

- Advertência Oral  Advertência Escrita
- Suspensão – Período: \_\_\_\_\_ dia(s)
- Comunicado aos pais ou responsáveis
- Comunicado ao Conselho Tutelar
- Boletim de Ocorrência pela Polícia Militar
- Reparação do Dano Causado (conf. Estatuto da Criança e do Adolescente)

Assinatura do Professor/Funcionário:

Assinatura do Aluno(a):

**5) RESULTADO DA MEDIDA DISCIPLINAR**